

DIÁLOGO

A soldier in full combat gear, including a helmet with night vision and a rifle, in a jungle setting. The soldier is wearing a camouflage uniform and a helmet with various attachments, including a night vision device and a red laser sight. The background is a blurred jungle scene.

EDIÇÃO 2017

O Exército da Colômbia se reinventa

Os 20 anos da Iniciativa de Direitos Humanos

Brasil, Chile e EUA investem em pesquisa militar

A integração de mulheres às forças armadas ganha fôlego



VETERANO FRANCISCO ALVES/MARINHA DO BRASIL

O Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais do Brasil teve participação fundamental nas atividades de ajuda humanitária antes, durante e depois da passagem do furacão Matthew pelo Haiti, em outubro de 2016 (veja reportagem na página 58). A foto mostra fuzileiros navais perfilados durante a cerimônia de comemoração dos 60 anos da Força de Fuzileiros da Esquadra, realizada em fevereiro de 2017, no Comando de Operações Anfíbias, no Rio de Janeiro.

The Brazilian Marine Corps Operational Group was instrumental in the humanitarian assistance efforts before, during, and after hurricane Matthew hit Haiti, in October 2016 (related article on page 58). The photo shows Brazilian marines in formation during a ceremony in honor of the Fleet Marine Squad's 60th anniversary, in February 2017, at the Amphibious Operations Command in Rio de Janeiro, Brazil.



ÍNDICE

CONTENTS

- 6 Carta de boas-vindas do Almirante-de-Esquadra Kurt Tidd**
Welcome Letter from Admiral Kurt Tidd
- 8 SOUTHCOM comemora 20º aniversário da mudança para Miami, Flórida**
The 20th Anniversary of SOUTHCOM's Relocation to Miami, Florida
- 12 Forças armadas e direitos humanos, duas décadas de cooperação inovadora**
Armed Forces and Human Rights - Two Decades of Innovative Cooperation
- 22 Superar preconceitos para mudar uma cultura**
Overcoming Biases to Change a Culture
- 28 Bombando nos céus, sem margem para erros**
Boomin' in the Skies, with No Room for Error
- 34 Mulher de combate no ar e na vida**
Female Fighter in the Air and in Life



Uma ação conjunta entre a RDECOM-Américas e o Exército do Chile busca minimizar os efeitos da *chusca* nos tanques usados no deserto de Atacama.

A joint effort between RDECOM-Americas and the Chilean Army seeks to minimize the effects of *chusca* on tanks operating in the Atacama Desert.

- 40** **Brasil, Chile e Estados Unidos avançam no desenvolvimento de pesquisa cívico-militar**
Brazil, Chile, and the United States Advance in Civilian-Military Research and Development
- 48** **Suboficiais e subtenentes são a coluna vertebral das forças armadas**
Noncommissioned Officer Corps: The Backbone of the Armed Forces
- 52** **Força Multimissão: um efeito do plano de transformação do Exército Nacional da Colômbia**
Multi-Mission Force: An Effect of the Colombian National Army's Transformation Plan
- 58** **As ações cívico-militares na passagem do furacão Matthew no Haiti**
Civil-Military Actions in the Wake of Hurricane Matthew in Haiti
- 66** **Comunicação jihadista estratégica online**
Strategic Jihadist Communication Online
- 72** **Ecos do terrorismo jihadista no Brasil**
Echoes of Jihadist Terrorism in Brazil
- 76** **Narco-Drones: uma nova forma de transportar drogas**
Narco-Drones: A New Way to Transport Drugs
- 80** **A campanha de desinformação pró-Rússia na República Tcheca e na Eslováquia**
The Pro-Russian Disinformation Campaign in the Czech Republic and Slovakia
- 86** **Os desastres ocorrem repentinamente. Agora agências já podem responder de forma mais rápida a eles**
Disasters Happen Fast, Agencies Can Now Respond Faster
- 92** **Estados Unidos reforçam parcerias em Belize e na República Dominicana, um tijolo de cada vez**
U.S. Strengthens Partnerships in Belize and Dominican Republic One Block at a Time

DIÁLOGO

Fórum das Américas
Forum of the Americas

Diálogo: Fórum das Américas é uma revista militar profissional publicada pelo Comando Sul dos Estados Unidos na forma de um fórum internacional para o contingente militar na América Latina e o Caribe. As opiniões expressas nesta revista não refletem necessariamente as políticas ou pontos de vista deste comando nem de qualquer outra agência governamental dos Estados Unidos. Os artigos são escritos pela equipe de funcionários de *Diálogo*, salvo indicação em contrário. O Secretário de Defesa americano determinou que a publicação desta revista é necessária para a condução de negócios públicos, conforme requerimento judicial do Departamento de Defesa dos EUA.

Diálogo: The Forum of the Americas is a professional military magazine published by U.S. Southern Command as an international forum for military personnel in Latin America and the Caribbean. The opinions expressed in this magazine do not necessarily represent the policies or points of view of this command nor of any other U.S. government agency. All articles are written by *Diálogo's* staff, unless otherwise noted. The Secretary of Defense has determined that publication of this magazine is necessary for conducting public business as required of the Department of Defense by law.

Contate-nos
Contact Us

dialogo@dialogo-americas.com

DIÁLOGO

9301 NW 33rd Street
Doral, FL 33172
USA

www.dialogo-americas.com



CAPA: Os Comandos de Forças Especiais compõem a elite militar do Exército Nacional da Colômbia. Em cada uma das operações estratégicas há uma unidade de Forças Especiais.

ON THE COVER: The Special Forces Commandos are the military elite of Colombia's National Army. All strategic operations include a Special Forces unit.

Caros leitores de *Diálogo*,

É com grande satisfação que apresentamos esta edição anual de *Diálogo*. Nestas páginas, você encontrará artigos dedicados aos valores e princípios compartilhados que dão base ao sistema interamericano de paz e cooperação.

Agora, esses princípios são mais importantes do que nunca. Não importa onde os homens e mulheres das forças de segurança do nosso hemisfério estejam atuando, o ambiente de segurança que eles enfrentam passou por uma profunda transformação. Os desastres naturais podem apresentar consequências interconectadas e frequentemente imprevisíveis. Os atores não-estatais violentos podem e, de fato, desafiam a soberania das nossas nações, a integridade das nossas instituições e a segurança dos nossos cidadãos. A segurança das fronteiras sofreu uma mudança essencial. Aquilo que até há pouco tempo se restringia à aplicação das leis de comércio e imigração, passou a ser acrescido de uma nova e crescente série de ameaças, como as redes criminosas e extremistas. Para muitas nações, a linha entre a defesa interna e a segurança nacional está se tornando indistinta.

Para que as forças do nosso hemisfério obtenham sucesso em futuras missões complexas, deveremos adotar quatro princípios básicos: o respeito pelos direitos humanos; a institucionalização de uma cultura aperfeiçoada de cooperação e integração entre as partes; o desenvolvimento de um corpo profissional de suboficiais e subtenentes; e a integração de mulheres nas operações militares. Esses princípios são características interligadas, interdependentes e de apoio mútuo que são os símbolos das forças de segurança modernas.

A capacidade e o sucesso baseiam-se na diversidade e no respeito e manutenção da legitimidade perante as populações civis. Quando operamos, como uma equipe unificada, por toda uma gama de forças singulares e instituições governamentais, por diferentes gêneros e patentes e norteados pelos valores que compartilhamos e pelo respeito aos direitos humanos, as nossas forças de segurança adquirem a versatilidade de que necessitam para terem sucesso em uma grande variedade de missões. A integração entre as culturas e competências de cada força singular, a promoção do respeito pelas diferentes perspectivas e capacidades, e a consolidação da confiança daqueles aos quais servimos garantem que nossas forças possam atender às demandas do ambiente de segurança do século XXI.

Acompanhar tais mudanças exige uma liderança ágil e adaptável em todos os níveis, exige subordinados que desenvolvam iniciativas disciplinadas e tomada de decisão criativa, além de líderes que tirem proveito do talento e potencial de todos os nossos homens e mulheres. E, coletivamente, isto exige mais das nossas forças: a boa-vontade para trabalhar em conjunto na defesa e promoção dos valores que compartilhamos.

Como você perceberá nesta edição, nós alcançamos progressos enormes, tanto individualmente como nações, quanto coletivamente como hemisfério. Teremos muito prazer em dar continuidade a esse progresso nos anos vindouros e em garantir que o território que compartilhamos seja sempre um modelo de prosperidade e estabilidade.

Cordialmente,
Kurt W. Tidd



Dear *Diálogo* readers,

We are pleased to present this annual edition of *Diálogo*.

Within these pages, you will find articles dedicated to the shared values and principles underlying the Inter-American system of peace and cooperation.

These principles are more important than ever before. No matter where the men and women of our hemisphere's security forces are serving, the security environment they face has undergone a profound transformation. Natural disasters can have interconnected and often unforeseen consequences. Violent non-state actors can and do challenge the sovereignty of our nations, the integrity of our institutions, and the safety of our citizens. Border security has fundamentally changed. What was once confined to enforcing trade and immigration laws has been joined by an expanding new series of threats like criminal and extremist networks. For many nations, the line between internal defense and domestic security is blurring.

If our hemisphere's forces are to succeed in the complex missions ahead, we must embrace four basic 'imperatives': respect for human rights; the institutionalization of a culture of enhanced 'jointness'; the development of a professional noncommissioned officer (NCO) corps; and the integration of gender perspectives into military operations. These "imperatives" are interlocking,

interdependent, and mutually supporting characteristics that are the hallmarks of modern security forces.

Strength and success lie in diversity, and in honoring and maintaining legitimacy with our civilian populations. When we operate as one team across services and agencies, genders and ranks, guided by our shared values and respect for human rights, our security forces gain the versatility they need to succeed in a variety of missions. Integrating service cultures and competences, fostering respect for diverse perspectives and strengths, and deepening trust with those we serve ensures our forces can meet the demands of the 21st century security environment.

Keeping pace with these changes requires agile and adaptive leadership at all levels. It requires subordinates who exercise disciplined initiative and creative decision-making, and leaders that tap into the talent and potential of all our men and women. And it requires more of our forces, collectively: the willingness to work together to defend and advance our shared values.

As you will see in this edition, we have made enormous progress, both individually as nations, and collectively as a hemisphere. We look forward to building on this progress in the years ahead and ensuring our shared home remains a beacon of prosperity and stability.

Sincerely,
Kurt W. Tidd



SOUTHCOM comemora 20º aniversário da mudança para Miami, Flórida

Há vinte anos, o Comando Sul dos Estados Unidos (SOUTHCOM) transferiu sua sede do Panamá – onde permaneceu por meio século – para o Sul da Flórida.

ESCRITÓRIO DE HISTORIOGRAFIA DO COMANDO SUL DOS EUA, COM A COLABORAÇÃO DE KRISTI OMUNDSON, DO DIRETÓRIO DE SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO (J6)

Dois eventos em 1997 marcaram o início do período de maior mudança da história do Comando Sul dos Estados Unidos: em 1º de junho, a expansão da área de responsabilidade operacional para incluir o Golfo do México, o Mar do Caribe e suas ilhas, e partes significativas dos oceanos Atlântico e Pacífico, com as missões associadas; e em 26 de setembro, a mudança da sede para Miami, depois de 50 anos no Panamá.

Entre os dois eventos, o presidente Bill Clinton nomeou – e o Senado americano confirmou – o Almirante-de-Esquadra do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA Charles Wilhelm como o novo Comandante-em-Chefe do SOUTHCOM. Era a primeira vez que um oficial general de uma arma que não o Exército americano passava a comandar o SOUTHCOM. Essa nomeação refletia a realidade de que o SOUTHCOM estava então em fase de transição de um comando unificado “sem acesso ao mar” para um comando geograficamente diversificado. A nomeação reconhecia que um comandante do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA poderia formar uma ponte natural entre a missão tradicional do SOUTHCOM, focada nas operações terrestres, e a sua nova missão diversificada, que exigiria a integração das funções marítima, terrestre, aérea e fluvial.

Em abril de 1995, o presidente Clinton já havia anunciado que Miami tinha sido escolhida como futura sede do SOUTHCOM. A cidade era o local ideal para um comandante e seu staff, que viajavam com frequência. Nenhuma outra localidade oferecia tantas opções de voos diretos aos locais mais visitados pelos funcionários do SOUTHCOM: Washington, D.C., e os países do Caribe e Américas Central e do Sul. Isto fazia com que Miami fosse o local mais econômico, seja quanto aos custos diretos (monetários), sejam indiretos (tempo de deslocamento e viagens).

Dois anos depois, foi realizada a mudança. Primeiro, houve a transferência do pessoal de funções críticas, em maio de 1997; depois veio a mudança de todo o staff, em setembro. Oficialmente, o SOUTHCOM iniciou seu pleno funcionamento em Miami na segunda-feira, 29 de setembro do mesmo ano. A transferência do Panamá deu ao SOUTHCOM a oportunidade de se tornar um comando regional realmente unificado.

Abaixo, apresentamos algumas datas marcantes destas duas décadas de existência do SOUTHCOM no Sul da Flórida.

Setembro de 1997

O SOUTHCOM foi transferido de Quarry Heights, Panamá, para o bairro de Doral, Flórida. Até 2011, o pequeno prédio de dois andares, que atualmente abriga as instalações do jornal *Miami Herald*, foi a sede do Comando Sul dos EUA.

Agosto de 2003

Ocorre pela primeira vez o exercício militar Forças Aliadas PANAMAX. Os representantes participam de cenários de treinamento simulado, inclusive garantindo que as forças civis, navais, aéreas e de segurança terrestre pudessem operar como uma equipe eficiente, coordenando recursos e trocando informações para responder prontamente a uma variedade de situações de crise e proteger a região. PANAMAX é um exercício de treinamento anual multinacional, patrocinado pelo SOUTHCOM, cujo objetivo é demonstrar a capacidade das nações participantes de realizarem operações de coalizão em nível operacional, sob o amparo de uma resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas. O foco é garantir a defesa do Canal do Panamá.

Setembro de 2007

Em 6 de setembro de 2007, o furacão Felix, de categoria 5, atingiu a costa da Nicarágua e de Honduras, deixando pelo menos 130 mortos somente na Nicarágua. Junto à assistência prestada pela Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e pela Agência de Assistência a Desastres Naturais no Exterior o SOUTHCOM ajudou a montar clínicas e escolas, e forneceu 12.000 recipientes com capacidade para 10 litros de água cada, além de entregar 27,55 toneladas de alimentos às áreas afetadas.

Janeiro de 2010

Um devastador terremoto de magnitude 7,0, cujo epicentro foi registrado a 25 km a sudoeste de Porto Príncipe, capital do Haiti, resultou em mais de 230.000 mortos e 300.000 feridos, além de deixar mais de um milhão de pessoas desabrigadas. A infraestrutura do país foi dizimada. O Comando Sul dos EUA liderou o esforço humanitário dentro de poucos dias do terremoto, criando a Força-Tarefa Conjunta Haiti, chefiada pelo subcomandante do SOUTHCOM, o General-de-Divisão Ken Keen, do Exército americano.

A Força Aérea dos EUA enviou 6.000 soldados e a Marinha dos EUA reuniu 33 navios carregados de alimentos e água, bem como 19 helicópteros. Três mil soldados do Exército dos EUA foram enviados de Fort Bragg, na Carolina do Norte, para estabelecer uma base de distribuição desses suprimentos. No terceiro dia da operação de assistência humanitária e socorro, os helicópteros americanos já estavam distribuindo toneladas de alimentos e, dentro de uma semana da catástrofe, as Forças Armadas dos EUA já haviam destacado um total de 17.000 militares no Haiti. A eles se juntaram militares de 43 forças armadas de deferentes países.



RAYMOND SARRACINO/SOUTHCOM PUBLIC AFFAIRS OFFICE

The 20th Anniversary of SOUTHCOM's Relocation to Miami, Florida

Twenty years ago, the U.S. Southern Command (SOUTHCOM) moved from Panama – its home for half a century – to South Florida.


OFFICE OF THE COMMAND HISTORIAN AND KRISTI OMUNDSON, J6 COMMUNICATIONS
SYSTEM DIRECTORATE/U.S. SOUTHERN COMMAND

Two events in 1997 marked the start of the period of greatest change in the history of SOUTHCOM: the expansion on June 1st, 1997 of the command's operational area of responsibility to include the Gulf of Mexico, the Caribbean Sea and islands, and substantial portions of the Atlantic and Pacific oceans, and its associated missions; and the relocation on September 26th, 1997 of SOUTHCOM Headquarters to Miami after 50 years in Panama.

In between, President Bill Clinton nominated and the Senate confirmed U.S. Marine Corps General Charles Wilhelm as the new SOUTHCOM commander in chief. Symbolic of the changes underway, Gen. Wilhelm was the first non-army general to command SOUTHCOM. This nomination reflected the reality

that SOUTHCOM was in transition from a "land-locked" unified command to a geographically diversified one. The nomination recognized that a Marine Corps commander could provide a natural bridge between SOUTHCOM's traditional mission focused on ground operations and its new diversified mission that required integration of maritime, ground, air, and riverine functions.

President Clinton announced the selection of Miami as the future home for SOUTHCOM in April 1995. Miami was the ideal location for a commander and staff that traveled frequently. No other location offered as many direct flights to the places most frequently visited by the SOUTHCOM staff: Washington, D.C., and the countries of the Caribbean and Central and South America.



O destroyer americano
USS Lassen patrulha o
Pacífico oriental em apoio
à Operação MARTILLO.

The U.S. Navy destroyer
USS Larsen patrols the
Eastern Pacific in support
of Operation MARTILLO.

MASS COMMUNICATION SPECIALIST 2ND CLASS HUEY D. YOUNGER JR.

Dezembro de 2010

O SOUTHCOM se transfere para sua nova e ampla sede, que é protegida por um fosso e conta com um amplo centro de conferências, creche e uma academia de ponta. O prédio foi projetado para acomodar até 2.800 funcionários.

Janeiro de 2012

Desde seu início, em 15 de janeiro de 2012, a Operação MARTILLO, liderada pela Força-Tarefa Conjunta Interagências Sul apreendeu 693 toneladas métricas de cocaína e US\$25 milhões em espécie; prendeu 1.863 suspeitos e apreendeu 581 embarcações e aeronaves. Em apoio à operação, navios e aviões dos EUA, bem como de forças aliadas, mantêm uma presença importante em áreas específicas. Desde o início das atividades da Operação MARTILLO, a força-tarefa aprimorou seu conhecimento das tendências do tráfico ilícito de drogas, as nações parceiras apoiaram 50 por cento de todas as operações de interdição e desmantelamento, e as comunicações táticas foram aperfeiçoadas para incluir esforços de coordenação e interdição.

Outubro de 2016

Em 5 de outubro de 2016, o SOUTHCOM estabeleceu a Força-Tarefa Conjunta Matthew para coordenar as operações de ajuda humanitária militar dos EUA no Haiti em consequência do furacão Matthew, que havia atingido a categoria 5 quando do seu impacto no Caribe. Os estágios iniciais da assistência ao desastre natural no Haiti foram coordenados pela USAID, com o apoio das Forças Armadas americanas, permitindo a entrega de mais de 600.000 toneladas de suprimentos a áreas devastadas pelo Matthew.

Além disso, mais de 2.000 indivíduos e 11 helicópteros apoiaram as operações de socorro coordenadas pela USAID, a partir de uma das maiores embarcações anfíbias do mundo, o

USS Iwo Jima, o que deu uma maior capacidade e flexibilidade à força-tarefa. Devido à localização remota da Península Tiburon, no Haiti, os materiais foram carregados em helicópteros CH-47F Chinook e UH-60 Black Hawk do Exército americano, e em helicópteros CH-53E Super Stallion do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, para que pudessem ser distribuídos.

Nos últimos anos, o SOUTHCOM tem prestado assistência pós-catástrofes ao Haiti, ajudando o país caribenho a melhor se preparar contra desastres naturais, tais como o furacão Matthew e outros, inclusive com a construção de centros de operações de emergência, armazéns para armazenamento de suprimentos, estações de bombeiros, além de centros comunitários que servem também como abrigos. O comando também doou embarcações de busca e resgate e veículos de transportes às agências haitianas de resposta a emergências, e outras agências de proteção civil.

Janeiro a abril de 2017

A missão de treinamento Promessa Contínua foi introduzida pelo SOUTHCOM em 2007 para ajudar a fortalecer as parcerias regionais e, ao mesmo tempo, contribuir à melhor qualidade de vida de milhares de pessoas dos países da região. A embarcação USNS Spearhead transportou pessoal militar médico e de engenharia dos EUA e das organizações privadas de assistência para trabalhar junto aos seus interlocutores das nações anfitriãs em projetos de atendimento de saúde e assistência comunitária. Os programas médicos, dentários, veterinários e de ações cívicas foram concebidos para assessorar cada nação anfitriã participante no fornecimento às comunidades locais de uma ampla gama de serviços de saúde.

A mobilização de 2017 também permitiu aperfeiçoar a capacidade coletiva de resposta rápida em apoio aos esforços de assistência humanitária e socorro e assistência pós-catástrofes na região, além de ajudar a preparar o USNS Spearhead para servir como plataforma de resposta em qualquer parte do globo. ①

This made Miami a cost-effective location in terms of both direct (monetary) and indirect (travel time) costs.

Two years later, the relocation was executed, beginning with the first movement of personnel in May 1997, and concluding with the mass movement of the main body of headquarters personnel in September 1997. SOUTHCOM officially opened for business in Miami on Monday, September 29th of that same year. The move from Panama gave SOUTHCOM the opportunity to become a truly regional unified command.

Below are some highlights from the last 20 years of SOUTHCOM's existence in South Florida.

September 1997

SOUTHCOM relocates from Quarry Heights, Panama, to Doral, Florida, renting a small two-story building, which is now leased by the *Miami Herald* newspaper.

August 2003

Fuerzas Aliadas PANAMAX takes place for the first time. Participants take part in simulated training scenarios, which include ensuring civil, naval, air, and ground security forces can operate as an effective team, coordinating assets and sharing information to respond quickly to a variety of crises and protect the security of the nation. PANAMAX is an annual SOUTHCOM-sponsored multinational training exercise series with the objective of demonstrating the capability of participating nations to conduct coalition operations at the operational level while under the auspices of a United Nations Security Council resolution. The focus is on ensuring the defense of the Panama Canal.

September 2007

On September 6, 2007, Hurricane Felix makes landfall in Nicaragua and Honduras as a category 5 hurricane leaving at least 130 dead in Nicaragua alone. Along with support from the United States Agency for International Development (USAID) and the Office of Foreign Disaster Assistance (OFDA), SOUTHCOM helped to set up clinics and schools, in addition to delivering 12,000 ten-liter water containers and 27.55 tons of food to the affected area.

January 2010

A massive 7.0 magnitude earthquake, centered 25 km southwest of Port-au-Prince, Haiti, kills over 230,000 people, injures another 300,000, and leaves over one million homeless. The country's infrastructure was decimated. SOUTHCOM led the humanitarian effort within days of the quake, standing up Joint Task Force Haiti, commanded by its deputy commander, U.S. Army Lieutenant General Ken Keen.

The U.S. Air Force sent in 6,000 airmen, and the U.S. Navy mustered 33 ships loaded with food and water, as well as 19 helicopters. Three thousand U.S. Army soldiers from Fort Bragg were sent to establish a base to distribute those materials. On the third day of the humanitarian assistance and disaster relief operation, U.S. helicopters were distributing tons of food, and within the first week after the disaster, the U.S. military had a total of 17,000 military personnel in Haiti. They were joined by over 43 militaries from around the world.

December 2010

SOUTHCOM moves to its new, moat-protected, sprawling headquarters which features a conference center, child development center, and a state-of-the-art-gym. The building was designed to accommodate 2,800 workers.

January 2012

Since its launch on January 15, 2012, the Joint Inter-Agency Task Force – South-led Operation MARTILLO has seized 693 metric tons of cocaine and \$25 million in bulk cash, detained 1,863 suspects, and seized 581 vessels and aircraft. In support of the operation, U.S., partner nation, and allied forces ships and aircraft have provided a persistent presence in select maritime zones. Since the inauguration of MARTILLO, the task force has increased its awareness of illicit trafficking patterns, partner nations have supported 50 percent of all interdiction and disruption operations, and tactical communications have improved, to include coordination and interdiction efforts.

October 2016


On October 5, 2016, SOUTHCOM establishes Joint Task Force Matthew to oversee U.S. military relief efforts in Haiti as a result of Hurricane Matthew, which made landfall on the Caribbean as a Category 5 hurricane. Early stages of disaster assistance to Haiti were led by USAID, with support from U.S. military forces, delivering more than 600,000 pounds of aid to areas devastated by the storm.

Additionally, more than 2,000 personnel and 11 helicopters supported USAID-led relief operations with one of the largest amphibious ships in the world, the USS Iwo Jima, which helped provide greater capabilities and flexibility to the task force. Due to the remote geography of Haiti's Tiburon Peninsula, the materials were loaded onto Army CH-47F Chinook, UH-60 Black Hawk, and Marine Corps CH-53E Super Stallion helicopters for delivery.

Over the last several years, SOUTHCOM has provided disaster assistance to Haiti to help the Caribbean nation prepare for storms like Hurricane Matthew and other natural disasters, including the construction of emergency operations centers, disaster relief warehouses, fire stations, and community centers that double as shelters. The command has also donated search-and-rescue boats, as well as transport vehicles to Haitian emergency-response and civil-protection agencies.

January – April 2017

Continuing Promise (CP) is a SOUTHCOM training mission introduced in 2007 to help strengthen regional partnerships while improving the lives of thousands in the region. The USNS Spearhead transported U.S. military medical and construction personnel, and private aid organizations to work with host-nation counterparts to provide health-care and community-assistance projects in each nation. The medical, dental, veterinary, and civic-action programs are designed to assist each participating host nation in providing local communities with a wide range of health services.

The 2017 deployment also improved the collective capacity to respond in support of humanitarian-assistance and disaster-relief efforts in the region and helped prepare USNS Spearhead to serve as a response-platform anywhere in the world. 

FORÇAS ARMADAS



DIREITOS HUMANOS

Duas décadas de cooperação inovadora



A promoção e o respeito aos direitos humanos têm sido uma prioridade fundamental do trabalho do Comando Sul dos EUA há mais de duas décadas.

GERALDINE COOK/DIÁLOGO

A Iniciativa de Direitos Humanos (HRI, por sua sigla em inglês) do Comando Sul dos Estados Unidos (SOUTHCOM, por sua sigla em inglês) está fazendo aniversário. Em 2017, celebra seu vigésimo ano de trabalho com as forças militares e de segurança da América Latina e do Caribe para fomentar e consolidar o respeito aos direitos humanos.

“O programa de direitos humanos do Comando Sul existe há quase 30 anos, graças ao apoio e ao compromisso de uma série de comandantes visionários”, disse Leana Bresnahan, chefe do escritório de Direitos Humanos do SOUTHCOM. “A HRI nasceu como consequência de um compromisso específico, estabelecido pelo General-de-Exército do Exército dos EUA (r) Wesley Clark, comandante do SOUTHCOM entre 1996-1997. Fizemos grandes avanços no sentido da consolidação de uma rede de forças militares no hemisfério, com o compromisso de respeitar os direitos humanos. Não acredito que nenhuma outra região do mundo possa dizer o mesmo.”

Armed Forces and Human Rights – Two Decades of Innovative Cooperation

Fostering and respecting human rights has been a fundamental priority in the work of SOUTHCOM for more than two decades.

GERALDINE COOK/DIÁLOGO

U.S. Southern Command’s (SOUTHCOM) Human Rights Initiative is celebrating an anniversary. In 2017 it will celebrate 20 years of working with the military and security forces of Latin America and the Caribbean in order to foster and strengthen respect for human rights.

“The SOUTHCOM human rights program has been in existence for almost 30 years thanks to the support and commitment of a series of visionary commanders,” said Leana Bresnahan, chief of SOUTHCOM’s Human Rights Office. “The Human Rights Initiative was born as a consequence of a specific commitment made by U.S. Army General (Ret.) Wesley Clark, SOUTHCOM



MARCO S. OLMATI/DIÁLOGO

Os avanços da HRI são amplamente reconhecidos na região. “A iniciativa contribuiu, de maneira importante, para o desenvolvimento da temática de direitos humanos nas forças militares, em muitos países do continente, e a Colômbia não foi exceção”, disse o Brigadeiro da reserva da Força Aérea da Colômbia, Juan Carlos Gómez Ramírez, professor convidado na Universidade Nacional de Defesa, em Washington D.C. “Graças ao apoio técnico, acadêmico e econômico do SOUTHCOM e à sua iniciativa, a Colômbia conseguiu realizar grande parte do trabalho em direitos humanos e direito internacional humanitário nos últimos 12 anos”, acrescentou.

“A iniciativa valeu a pena para meu país. O apoio da iniciativa à mudança na atuação dos militares tem sido muito benéfico”, disse Carmen Armidis Castellanos, diretora de Relações Internacionais da Escola de Graduados em Direitos Humanos e Direito Internacional Humanitário do Ministério da Defesa da República Dominicana. “O apoio, sob a forma de material didático e de pessoal capacitado para preparar nossas forças militares, tem sido fundamental... Hoje em dia, notam-se resultados muito positivos.”

UMA INICIATIVA PARA AS FORÇAS ARMADAS

O SOUTHCOM tem consolidado seu programa de direitos humanos desde a criação da Divisão de Direitos Humanos, em 1995, sob a liderança do General-de-Exército do Exército dos EUA (r), Barry McCaffrey, comandante do SOUTHCOM de fevereiro de 1994 a fevereiro de 1996. Em 1996, o SOUTHCOM promoveu a I

commander from 1996-1997. We have made great strides toward the consolidation of a network of military forces in the hemisphere that are committed to respect for human rights. I don't think any other region of the world can say that.”

The HRI advances are much appreciated in the region. “The initiative has contributed in an important way to the development of the topic of human rights in the military forces in many countries of the continent, and Colombia has been no exception,” said retired Colombian Air Force Brigadier General Juan Carlos Gómez Ramírez, guest professor at the National Defense University in Washington, D.C. “Thanks to the technical, academic, and economic support of SOUTHCOM and its initiative, Colombia was able to carry out a large part of the work in human rights and international humanitarian law over the last 12 years,” he added.

“The initiative was worthwhile for my country. The support of the initiative in changing military personnel has been very beneficial,” said Carmen Armidis Castellanos, director of International Relations at the Dominican Republic's Graduate School for Human Rights and International Humanitarian Law. “The support, not only in educational material but also the trained personnel to prepare our military forces, has been fundamental... Today we are seeing very positive results.”

AN INITIATIVE FOR THE ARMED FORCES

SOUTHCOM has consolidated its human rights program since the creation of the Human Rights Division in 1995, under



Linha Cronológica

A Iniciativa de Direitos Humanos celebra seu 20º aniversário

A Iniciativa de Direitos Humanos (HRI, por sua sigla em inglês) é um modelo de cooperação interamericana para a consolidação de uma cultura de direitos humanos e do direito internacional humanitário nas forças militares e de segurança do Hemisfério Ocidental.

1996

- Miami: Conferência Hemisférica sobre Direitos Humanos do Comandante do Comando Sul dos EUA (SOUTHCOM), co-promovida pelo Instituto Interamericano de Direitos Humanos (IIDH).

1997

- Miami: II Conferência Hemisférica sobre Direitos Humanos do Comandante do SOUTHCOM, co-promovida pelo IIDH.
- O SOUTHCOM se compromete a apoiar as forças armadas do hemisfério na elaboração e consolidação de programas militares sobre direitos humanos
- A HRI é ativada.
- Panamá: I Seminário Hemisférico da HRI, co-promovido pelo IIDH. Primeira versão do Documento de Consenso.

Timeline

Human Rights Initiative Celebrates its 20th Anniversary

The Human Rights Initiative (HRI) is a model of inter-American cooperation for the consolidation of a culture of human rights and international humanitarian law in the military and security forces of the Western Hemisphere.

1996

- Miami: SOUTHCOM Commander's Hemispheric Conference on Human Rights co-sponsored by the Inter-American Institute for Human Rights (known by its Spanish acronym IIDH).

1997

- Miami: Second SOUTHCOM Commander's Hemispheric Conference on Human Rights co-sponsored by the IIDH.
- SOUTHCOM commits to supporting the hemisphere's armed forces development and strengthening of military programs on human rights.
- The HRI is activated.
- Panama: First HRI Hemispheric Seminar, co-sponsored by the IIDH. First draft of the Consensus Document.



SOUTHCOM

Da esquerda para a direita: Tenente-Brigadeiro-do-Ar da Força Aérea dos EUA (r) Douglas M. Fraser, Comandante do SOUTHCOM (2009-2012); General-de-Exército (r) Fredy Santiago Díaz Zelaya, chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas de Honduras (2013-2015); James D. Nealon, ex-embaixador dos Estados Unidos em Honduras (2014-2017) e Leana Breshnahan, chefe do Escritório de Direitos Humanos do SOUTHCOM, durante o diálogo civil-militar de 2015, realizado em Honduras.

From left to right: U.S. Air Force General (Ret.) Douglas M. Fraser, SOUTHCOM commander (2009-2012); Honduran Army General (Ret.) Fredy Santiago Díaz Zelaya, Honduran chief of defense (2013-2015); James D. Nealon, former U.S. ambassador to Honduras (2014-2017); and Leana Breshnahan, chief of the SOUTHCOM Human Rights Office at the 2015 civilian-military dialogue in Honduras.

1998

- Miami: Seminário Hemisférico da HRI, em colaboração com o IIDH. Segunda versão do Documento de Consenso.

2000

- Miami: Seminário Hemisférico da HRI, em colaboração com o IIDH. Terceira versão do Documento de Consenso.

2001

- República Dominicana: Seminário Hemisférico da HRI.
- Uruguai: Seminário Hemisférico da HRI.

2002

- Guatemala: Seminário Hemisférico da HRI. Redação final do Documento de Consenso. Líderes da região solicitam apoio permanente do SOUTHCOM para a implementação do documento.
- Costa Rica: Ministros da Defesa da América Central assinam documento oficial de apoio à HRI.
- Bolívia: Reunião da HRI para a região andina.

2003

- O SOUTHCOM realiza o concurso internacional para a diretoria de apoio e acompanhamento. O Centro de Educação, Capacitação e Análise em Direitos Humanos (CECADH), uma organização não-governamental, sediada na Costa Rica, assume a diretoria.

1998

- Miami: HRI Hemispheric Seminar, in cooperation with the IIDH. Second draft of the Consensus Document.

2000

- Miami: HRI Hemispheric Seminar, in cooperation with the IIDH. Third draft of the Consensus Document.

2001

- Dominican Republic: HRI Hemispheric Seminar.
- Uruguay: HRI Hemispheric Seminar.

2002

- Guatemala: HRI Hemispheric Seminar. Final revision of the Consensus Document. Regional leaders request permanent support from SOUTHCOM for implementation of the document.
- Costa Rica: Central American Defense ministers sign formal document in support of the HRI.
- Bolivia: HRI Meeting for the Andean region.

2003

- SOUTHCOM holds the international competition for the directorate of support and monitoring. The Center for Human Rights Education, Training and Analysis (known by its Spanish acronym CECADH), a nongovernmental organization headquartered in Costa Rica, assumes the directorate.

Conferência Hemisférica sobre Direitos Humanos, em colaboração com o Instituto Interamericano de Direitos Humanos (IIDH). Em fevereiro de 1997, o SOUTHCOM promoveu a II Conferência Hemisférica sobre Direitos Humanos, também em colaboração com o IIDH. A conferência abriu caminho para a criação da HRI, que buscava apoiar os esforços dos países na elaboração de seus programas de direitos humanos para suas forças militares, com o objetivo de traçar uma política de tolerância zero quanto aos abusos dos neste ramo.

Entre 1997 e 2002, o SOUTHCOM promoveu seis seminários hemisféricos para apoiar a elaboração de programas de direitos humanos para as forças armadas e de segurança da região. Trinta e quatro dos 35 países do hemisfério participaram desses seminários, bem como oficiais militares e das forças de segurança, órgãos governamentais, organizações não-governamentais, organizações regionais e internacionais e instituições acadêmicas.

O resultado final não se fez esperar. Em 2002, os oficiais gerais de 22 países participantes do seminário hemisférico na Guatemala deram por finalizado o Documento de Consenso, no qual trabalharam conjuntamente desde 1997. O documento estipulou a importância do respeito aos direitos humanos na doutrina militar, o conhecimento do tema por parte dos militares e policiais, bem como a implementação dos mecanismos de controle interno e a cooperação e transparência para a rigorosa observância dos direitos humanos. Sua elaboração contou com especialistas acadêmicos, a Organização dos Estados Americanos, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha e organizações da sociedade civil, como a Human Rights Watch, entre outras.

A expansão da iniciativa exigiu uma secretaria de apoio para

the leadership of U.S. Army General (Ret.) Barry McCaffrey, SOUTHCOM commander from February 1994 to February 1996. In 1996, SOUTHCOM backed the first Hemispheric Conference on Human Rights in association with the Inter-American Institute for Human Rights (IIDH). In February of 1997, SOUTHCOM oversaw the second Hemispheric Conference on Human Rights, also in association with the IIDH. This paved the way for the creation of the HRI, which sought to support the efforts of the countries in their development of human rights programs for their military forces with the purpose of drawing up a policy of zero tolerance for abuse of those rights.

Between 1997 and 2002, SOUTHCOM backed six hemispheric seminars in support of the development of human rights programs for the armed forces and security forces in the region. Thirty-four of the 35 countries in the hemisphere participated in these, as well as military and security force officials, government agencies, nongovernmental agencies, regional and international organizations, and academic institutions.

The final result didn't take long. In 2002, the military officials of 22 countries participating in the hemispheric seminar in Guatemala finalized the Consensus Document, on which they had jointly worked since 1997. The document stipulated the importance of respect for human rights in military doctrine, the education of the military personnel and police on the subject, as well as the implementation of the mechanisms of internal control, cooperation, and transparency for strict compliance with human rights. Academic experts prepared the document in collaboration with the Organization of American States, the Inter-American Commission for Human Rights, the International Red Cross Committee, and civil society organizations such as Human Rights Watch, among others.

2004

- Bolívia, Colômbia, Guatemala, Belize, El Salvador, República Dominicana, Uruguai e Peru recebem a visita oficial da HRI.
- Costa Rica: Reunião Hemisférica dos Líderes da HRI.
- Costa Rica, Bolívia, Guatemala e Uruguai assinam o Memorando de Cooperação entre os ministros da Defesa e de Segurança e o CECADH.
- República Dominicana, Bolívia e Guatemala: Primeiras Conferências Nacionais de Implementação da HRI.

2005

- Honduras, Equador, Nicarágua e Argentina recebem a visita oficial da HRI.
- El Salvador, Honduras, Colômbia e a Conferência das Forças Armadas Centro-americanas (CFAC) assinam Memorando de Cooperação.
- El Salvador, Honduras e Colômbia: Conferências nacionais de implementação da HRI.

2006

- Panamá, Paraguai, Argentina, Uruguai e Costa Rica recebem a visita oficial da HRI.
- República Dominicana assina o Memorando de Cooperação.
- Paraguai e Costa Rica: Conferências nacionais de implementação da HRI.
- República Dominicana, Guatemala, Bolívia e Honduras: Seminários de acompanhamento da HRI.
- Colômbia: País anfitrião da conferência hemisférica da HRI.

2004

- Bolívia, Colombia, Guatemala, Belize, El Salvador, Dominican Republic, Uruguay, and Peru receive official visit from the HRI.
- Costa Rica: Hemispheric HRI leaders meeting.
- Costa Rica, Bolivia, Guatemala, and Uruguay sign the Memorandum of Cooperation among ministers of defense and security, and CECADH.
- Dominican Republic, Bolivia, and Guatemala: First National HRI Implementation Conference.

2005

- Honduras, Ecuador, Nicaragua, and Argentina receive official visit from the HRI.
- El Salvador, Honduras, Colombia, and the Central American Armed Forces Conference (known by its Spanish acronym CFAC) sign Memorandum of Cooperation.
- El Salvador, Honduras, and Colombia: National HRI implementation conferences.

2006

- Panama, Paraguay, Argentina, Uruguay and Costa Rica receive official visit from the HRI.
- Dominican Republic signs the Memorandum of Cooperation.
- Paraguay and Costa Rica: National HRI Implementation Conferences.
- Dominican Republic, Guatemala, Bolivia and Honduras: HRI monitoring seminars.
- Colombia: HRI Hemispheric Conference host.

seu acompanhamento. Em 2003, o SOUTHCOM realizou uma convocação internacional para outorgar esta responsabilidade a uma organização de direitos humanos de caráter regional. “Foi um concurso aberto e foram convidadas para participar desta convocação as organizações da sociedade civil”, disse Daniel Baldizón, diretor executivo do Centro de Educação, Capacitação e Análise em Direitos Humanos (CECADH), organização não-governamental, sediada na Costa Rica, especializada em temas de capacitação e educação para policiais e militares na América Latina. “Ganhamos o concurso e, desde então, temos participado da convocação em várias oportunidades.”

Foi assim que o SOUTHCOM selecionou o CECADH para ser a secretaria de apoio e acompanhamento da HRI. A cooperação inovadora tem dado bons resultados. “Ao chegar de mãos dadas com os militares do SOUTHCOM, as portas dos quartéis se abrem;

A Conferência sobre Direitos Humanos, para membros das Forças Armadas da Colômbia, foi realizada em 2007.

The Human Rights Conference for members of the Colombian Armed Forces took place in 2007.

The growth of the initiative required a supporting office for its oversight. In 2003, SOUTHCOM carried out an international invitation in order to grant this responsibility to a regional human rights organization. “It was an open competition, and organizations from civil society were invited to participate in this call,” said Daniel Baldizón, executive director of the Center for Education, Training and Analysis in Human Rights (CECADH), a non-governmental organization based in Costa Rica and specialized in training and education for police and military forces in Latin



SOUTHCOM

2007

- Colômbia: Seminário de acompanhamento da HRI.
- El Salvador: Conferência nacional de implementação da HRI.
- Honduras: Seminário de líderes da HRI para a CFAC.
- Panamá assina o Memorando de Cooperação.
- Miami: Conferência de planejamento para projeto de doutrina e capacitação em direitos humanos (HRIDAT, por sua sigla em inglês) para países participantes da HRI.
- Bolívia, Colômbia, Costa Rica, Honduras e República Dominicana: Recebem, por intermédio da HRIDAT, SOUTHCOM e CECADH, 24 cursos e eventos com 1.100 participantes.

2007

- Colombia: HRI monitoring seminar.
- El Salvador: National HRI Implementation Conference.
- Honduras: HRI Leaders Seminar for CFAC.
- Panama signs the Memorandum of Cooperation.
- Miami: Planning Conference for HRI doctrine and training project (HRIDAT) for HRI-participating countries.
- Bolivia, Colombia, Costa Rica, Honduras, and Dominican Republic: Receive 24 courses and events with 1,100 participants through HRIDAT, SOUTHCOM, and CECADH.

2008

- Bolívia, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras e República Dominicana: Recebem, por intermédio do HRIDAT, SOUTHCOM e CECADH, 36 cursos e eventos com 1.750 participantes.
- Panamá: Conferência nacional de implementação da HRI.
- República Dominicana: Conferência de implementação para a CFAC.

2008

- Bolivia, Colombia, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, and Dominican Republic: Receive 36 courses and events with 1,750 participants through HRIDAT, SOUTHCOM, and CECADH.
- Panama: HRI National Implementation Conference.
- Dominican Republic: Implementation Conference for CFAC.

2009

- Colômbia: O Projeto HRIDAT é concluído com seis cursos para 400 participantes.
- Guatemala e Honduras: Seminários de acompanhamento da HRI.
- Guatemala: Conferência hemisférica da HRI.

2009

- Colombia: HRIDAT project concludes with six courses for 400 participants.
- Guatemala and Honduras: HRI monitoring seminars.
- Guatemala: HRI Hemispheric Conference.

há uma boa e harmoniosa relação de ajuda e de cooperação entre o SOUTHCOM e os ministérios da Defesa de todo o hemisfério”, disse Baldizón.

Desde então, vários ministros da Defesa assinaram o Memorando de Cooperação (MOC, por sua sigla em inglês) com o CECADH, por meio do qual se comprometem a trabalhar em favor dos direitos humanos. “O país trabalha na doutrina, nas relações civis-militares, na capacitação e no controle interno”, disse Baldizón. A Costa Rica, a Bolívia, a Guatemala e o Uruguai assinaram o MOC em 2004. El Salvador, Honduras, a Colômbia e a Conferência das Forças Armadas da América Central o fizeram em 2005. A República Dominicana o assinou em 2006, seguida do Panamá em 2007, o Peru em 2010 e o Paraguai em 2015. Até o momento, a HRI já realizou mais de 200 conferências e seminários nacionais e internacionais e capacitou mais de 10.000 pessoas.

“O máximo valor agregado que tem a iniciativa é que é um produto deles [os militares]... O papel do militar, no que diz respeito à sua relação com os direitos humanos, tem mudado muito na América Latina”, disse Baldizón.

O NOVO PERFIL MILITAR

“A Iniciativa de Direitos Humanos do Comando Sul tem desempenhado um papel-chave para alcançar o objetivo de progredir em conhecimento, experiência e qualidade das forças militares quanto à abordagem do tema”, disse o Brig Gómez. “Hoje, as Forças Militares da Colômbia, em matéria de direitos humanos e de direito internacional humanitário, são muitíssimo mais profissionais.”

O Brig Gómez explicou que as Forças Militares de seu país elaboraram uma nova estratégia militar que intensificou os

America. “We won the competition, and since then we have participated in this invitation on various occasions.”

Thus, SOUTHCOM selected CECADH to support and oversee the HRI. The innovative cooperation gave good results. “The doors to the headquarters open when you arrive hand in hand with military personnel from SOUTHCOM; there is a good, fluid relationship of aid and cooperation between SOUTHCOM and the entire hemisphere’s ministries of defense,” said Baldizón.

Since then, various defense ministries have signed the Memorandum of Cooperation (MOC) with CECADH, by means of which they commit to working for human rights. “The country works on doctrine, civilian-military relationships, training, and internal control,” said Baldizón. Costa Rica, Bolivia, Guatemala, and Uruguay signed the MOC in 2004. El Salvador, Honduras, Colombia, and the Central American Armed Forces Conference did so in 2005. The Dominican Republic signed it in 2006, followed by Panama in 2007, Peru in 2010, and Paraguay in 2015. To date, the HRI has held more than 200 conferences and seminars, both national and international, and has trained more than 10,000 people.

“The highest added value the initiative has is that it is a product of theirs [the military]... The role of the military in terms of its relationship with human rights has been changing a lot in Latin America,” said Baldizón.

THE NEW MILITARY PROFILE

“SOUTHCOM’s Human Rights Initiative has played a key role in achieving the objective of increasing the awareness, experience, and quality of the military forces with regard to the subject,” said Brig. Gen. Gómez. “Today the Colombian Armed Forces

2010

- Panamá e República Dominicana: Seminários de acompanhamento da HRI.
- Guatemala: Primeiro diálogo cívico-militar entre as forças armadas e as organizações não-governamentais, promovido pela HRI, sobre o tema de direitos humanos e segurança.
- Peru assina o Memorando de Cooperação e realiza a Conferência de implementação da HRI.
- Chile recebe a visita oficial da HRI.

2011

- El Salvador: Conferência hemisférica da HRI.
- Panamá e República Dominicana: Seminários de acompanhamento da HRI.
- Honduras e Peru recebem visitas oficiais da HRI.

2012

- Guatemala recebe a visita oficial da HRI.
- Peru: Conferência especializada sobre a proteção dos direitos humanos em conflitos sociais.
- Guatemala: Conferência regional centro-americana sobre a proteção dos direitos humanos em missões não-tradicionais.

2010

- Panama and Dominican Republic: HRI monitoring seminars.
- Guatemala: First civilian-military dialogue under the HRI between the armed forces and nongovernmental organizations on the topic of human rights and security.
- Peru signs the Memorandum of Cooperation and organizes the HRI Implementation Conference.
- Chile receives official visit from the HRI.

2011

- El Salvador: HRI Hemispheric Conference.
- Panama and Dominican Republic: HRI monitoring seminars.
- Honduras and Peru receive official visits from the HRI.

2012

- Guatemala receives official visit from the HRI.
- Peru: Specialized Conference on protecting human rights in social conflicts.
- Guatemala: Central American Regional Conference on protecting human rights in non-traditional missions.

programas educativos destinados à proteção, promoção e difusão dos direitos humanos, não só no âmbito das tropas, mas também incluiu a população civil. Esta estratégia conta com ferramentas educativas, cursos básicos, intermediários e avançados para soldados, suboficiais e oficiais, escolas de formação e estudos avançados de pós-graduação.

A República Dominicana, por sua vez, também notou mudanças positivas. “Temos evoluído favoravelmente com nossas forças militares... Hoje, os soldados têm interesse em aprender sobre os direitos humanos”, disse Castellanos.

O Peru não fica atrás ao sentir a influência da HRI. “Tem sido muito importante porque tem pretendido homogeneizar a tarefa realizada pelas forças armadas e pela polícia, respeitando os direitos humanos”, disse o Coronel da reserva do Exército do Peru, Heriberto J. Viviano Carpio, ex-diretor do Centro de Direito Internacional Humanitário e Direitos Humanos das Forças Armadas do Peru. “Com o apoio da iniciativa, permitiu-se difundir estes temas dentro de nossas instituições e ao público civil.”

O Cel Viviano ressaltou que identificar os papéis das forças armadas e sua atuação com a população — em caso de conflito —, abrir o diálogo e interligar as forças armadas com os setores da sociedade civil e difundir as experiências, tanto positivas quanto de conflito em torno dos direitos humanos, são algumas das vantagens da iniciativa em seu país.

“Temos capacitado o pessoal e mudado o modo de atuar e de pensar com relação à participação das forças armadas em temas dos direitos humanos”, disse o Cel Viviano. “Capacita-se não só no âmbito militar, mas também no âmbito civil e, da mesma maneira, aos administradores de justiça — com a finalidade de se alcançar uma uniformidade de critérios — para que eles também

are much more professional on the subject of human rights and international humanitarian law.”

Brig. Gen. Gómez explained that the military forces of his country worked out a new military strategy that intensified the educational programs directed toward the protection, promotion, and diffusion of human rights not only at the troop level, but also to include the civilian population. This strategy counts on educational tools such as basic, intermediate, and advanced courses for soldiers, noncommissioned officers and officers, training schools, and advanced post-graduate studies.

For its part, the Dominican Republic has also seen positive changes. “We have been evolving favorably with our military forces. Today soldiers take an interest in learning about human rights,” said Castellanos.

Peru is not left behind in feeling the influence of the HRI. “It has been very important because it has attempted to standardize the task carried out by the armed forces and the police in respecting human rights,” said retired Peruvian Army Colonel Heriberto J. Viviano Carpio, former director of the Center for International Humanitarian Law of the Peruvian Armed Forces. “With the support of the initiative, it has been possible to propagate these subjects within our institutions and the civilian public.”

Col. Viviano highlighted that distinguishing the roles of the Armed Forces and their actions among the population in cases of conflict, initiating dialogue and interconnecting the Armed Forces with sectors of civil society, and propagating the experiences, both positive and those of conflict with regard to human rights, are some of the advantages of the initiative in his country.

“We have trained personnel and changed the way we act and think with regard to the participation of the Armed Forces on

2013

- Honduras: Primeiro diálogo cívico-militar da HRI entre as forças armadas e as organizações não-governamentais sobre o tema de direitos humanos e segurança.
- Guatemala: Seminário de acompanhamento da HRI e dos diálogos cívico-militares.

2013

- Honduras: First civilian-military dialogue under the HRI between the Armed Forces and nongovernmental organizations on the topic of human rights and security.
- Guatemala: HRI monitoring seminar and two civilian-military dialogues.

2014

- Miami: Workshop de oficiais da HRI.
- Jamaica, Haiti, Honduras, Belize e República Dominicana recebem visitas oficiais da HRI.
- Guatemala e Honduras: Diálogos cívico-militares.
- Colômbia: Intercâmbio em direitos humanos com oficiais da América Central.

2014

- Miami: HRI officer workshop.
- Jamaica, Haiti, Honduras, Belize, and Dominican Republic receive official visits from the HRI.
- Guatemala and Honduras: Civilian-military dialogues.
- Colombia: Exchange on human rights with Central American officials.

2015

- Paraguai assina o Memorando de Cooperação e realiza a Conferência nacional de implementação da HRI.
- El Salvador, República Dominicana e Peru: Seminários de acompanhamento da HRI.
- Honduras: Diálogo cívico-militar.
- Haiti: Conferência regional da HRI.
- Colômbia: Intercâmbio em direitos humanos com oficiais da América Central e do Paraguai.

2015

- Paraguay signs Memorandum of Cooperation and hosts the HRI National Implementation Conference.
- El Salvador, Dominican Republic, and Peru: HRI monitoring seminars.
- Honduras: Civilian-military dialogue.
- Haiti: HRI Regional Conference.
- Colombia: Exchange on human rights with officials from Central America and Paraguay.



Participantes da Conferência Regional Centro-Americana da Iniciativa de Direitos Humanos em Miami, em 2016.

Participants at the Human Rights Initiative's Central American Regional Conference, in Miami, in 2016.

SOUTHCOM

2016

- Guatemala: Diálogo cívico-militar.
- Honduras: Seminário de acompanhamento da HRI.
- Peru: Seminário da HRI para a América do Sul.
- Guarda Nacional da Louisiana: Anfitriã da conferência de direitos humanos para o Haiti e os países caribenhos.
- Miami: Conferência regional para a América Central, enfocada no fomento da cooperação entre as forças militares, o governo e as ONGs, na área de direitos humanos.
- República Dominicana: Conferência de Exércitos Americanos promove a primeira conferência sobre proteção dos direitos humanos em operações de assistência humanitária e desastres.

2016

- Guatemala: Civilian-military dialogue.
- Honduras: HRI monitoring seminar.
- Peru: HRI Seminar for South America.
- Louisiana National Guard: Host of the Human Rights Conference for Haiti and Caribbean countries.
- Miami: Regional conference for Central America focused on fostering cooperation between the military, government and NGOs on human rights.
- Dominican Republic: Conference of American Armies sponsors the first Conference on protecting human rights in humanitarian aid operations and natural disasters.

2017

- Argentina recebe visita oficial da HRI e planeja conferência da HRI.
- Guatemala e Honduras: Intercâmbios com especialistas civis e militares em direitos humanos.
- Haiti: Recebe visita oficial da HRI.
- SOUTHCOM: Celebra o vigésimo aniversário da HRI.

2017

- Argentina receives official visit from the HRI and plans HRI Conference.
- Guatemala and Honduras: Exchanges with civilian and military human rights experts.
- Haiti: Receives official visit from the HRI.
- SOUTHCOM: Celebrates the 20th anniversary of the HRI.

conheçam as normas sob as quais as forças armadas atuam, no âmbito dos direitos humanos.”

A Guatemala também tem progredido neste assunto. “Educar as forças militares no tema de direitos humanos é bem importante”, disse o General-de-Exército do Exército da Guatemala, Byron Gutiérrez, adido de defesa terrestre, naval e aérea da Embaixada da Guatemala, em Washington, D.C. “Todos os soldados, em todos os escalões, devem estar bem formados, não só para conhecerem seus direitos, mas também para serem agentes multiplicadores com seus companheiros e subalternos.”

O Gen Ex Gutiérrez falou do papel integral que os direitos humanos têm na formação militar. “Em todas as nossas atividades de treinamento ou capacitação militar, o tema de direitos humanos é transversal. Cada instrução específica militar está acompanhada de uma instrução sobre direitos humanos relacionada com a atividade”, disse.

VIOLAR OS DIREITOS HUMANOS TEM UM CUSTO

“É fundamental — mais do que a capacidade militar ou policial de enfrentar uma situação violenta, criminosa ou de segurança — o tema da legitimidade e da legalidade com que os militares enfrentam essa ação violenta. De nada serve ser muito eficaz operacionalmente se para alcançar esse objetivo não se respeitam os direitos humanos”, disse o Brig Gómez. “É bom que as forças militares cumpram seu trabalho de combate à delinquência, aos grupos armados organizados, aos terroristas, mas é de igual importância que isso seja feito com legitimidade, transparência e respeito às normas.”

Manter essa legitimidade e transparência é, para as forças militares, um desafio permanente. O respeito pelos direitos humanos é “absolutamente necessário”, disse Bresnahan ao falar sobre as missões que têm hoje os militares na região. Algumas missões respaldam a polícia em ações de segurança e controle de fronteiras, enquanto outras oferecem assistência humanitária e ajuda em casos de desastre.

Os desafios representados pelos direitos humanos, em termos de políticas e normas para o uso da força e liderança, têm sido peças fundamentais da existência da HRI. “A iniciativa abriu uma porta muito grande”, expressou o Gen Ex Gutiérrez. “O trabalho da iniciativa tem facilitado o diálogo entre as forças militares e as organizações não-governamentais, no que se refere aos direitos humanos.”

“Felicito o SOUTHCOM e o CECADH por um trabalho louvável e silencioso”, ressaltou o Cel Viviano. “Conseguiram que as forças armadas de muitos países compreendessem e reconhecessem as normas que devem ser cumpridas ao atuarem em qualquer situação, respeitando os direitos humanos e sua constituição.”

Embora a HRI tenha aberto portas por duas décadas, é certo que ainda há muito a fazer, segundo Bresnahan. “Espero que as forças militares e de segurança dos 35 países do hemisfério participem ativamente da HRI”, acrescentou. Os militares e as forças de segurança da região podem se converter em “exportadores do respeito aos direitos humanos para o mundo, em missões de provisão de segurança, independentemente da natureza da missão. Há muita necessidade deste tipo de competência no mundo de hoje”, concluiu. ①

the subject of human rights,” said Col. Viviano. “There is training not only in the military environment, but also in the civilian area as well as among administrators of justice with the purpose of seeking uniformity of criteria so that they are also aware of the standards under which the Armed Forces act with regard to human rights.”

Guatemala has also progressed on this subject. “To educate the military forces on the subject of human rights is very important,” said Guatemalan Army Brigadier General Byron Gutiérrez, attaché for ground, naval, and air defense in the Guatemalan Embassy in Washington, D.C. “All the soldiers of all ranks must be well educated, not only to know their rights but also to be multiplication agents with their peers and subordinates.”

Brig. Gen. Gutiérrez talked about the integrated role that human rights have in military education. “In all our military training and instruction activities, the theme of human rights is cross-cutting. Every specific military instruction is accompanied by an instruction in human rights related to the activity,” he said.

VIOLATING HUMAN RIGHTS HAS A COST

“Fundamental — even more than the military or police capability to confront a violent, criminal or security situation — is the subject of legitimacy and legality with which the military personnel [confront] that violent act. It doesn’t do any good to be very operationally effective if human rights are not respected to achieve this objective,” said Brig. Gen. Gómez. “It is good for military forces to fulfill their job in combatting crime, organized armed groups, and terrorists, but it is equally important that it be done with legitimacy, transparency, and respect for standards.”

Maintaining that legitimacy and transparency is a permanent challenge for the military forces. Respect for human rights is “absolutely necessary,” said Bresnahan in talking about the missions the military has in the region today. Some missions reinforce the police in security activities and border control, while others offer humanitarian assistance and help in cases of natural disaster.

The challenges that human rights represent in terms of policies, standards for the use of the force, and leadership have been fundamental parts of the existence of the HRI. “The initiative opened a very large door,” expressed Gen. Gutiérrez. “The work of the initiative has facilitated the dialogue between the military forces and the nongovernmental organizations with regard to human rights.”

“I congratulate SOUTHCOM and CECADH for their commendable and silent work,” highlighted Col. Viviano. “They have gotten the armed forces of many countries to understand and recognize the standards they must comply with to respect human rights and their constitution when they take action in any situation.”

Although the HRI has opened doors for over two decades, there is still much to be done, according to Bresnahan. “I hope that the military and security forces of the 35 countries of the hemisphere actively participate in the Human Rights Initiative,” she added. Military and security forces in the region can become “exporters of respect for human rights to the world, regardless of the nature of their mission. There is a great need for this type of expertise in the world today,” she concluded. ①



Superar

preconceitos para mudar uma cultura

Ao percorrer um caminho longo e sinuoso, as mulheres ganham batalhas na guerra pela igualdade entre os sexos.

MARCOS OMMATI/DIÁLOGO

A Contra-Almirante da Marinha dos Estados Unidos Martha Herb é uma oficial de mergulho, salvamento e guerra de superfície, parte da comunidade de neutralização de materiais explosivos. Ela nasceu em Atlanta, na Geórgia, e se formou bacharel em Artes pela Universidade de Lake Forest. Entre outros reconhecimentos, foi indicada para a Galeria da Fama das Mergulhadoras em 2007 e, em 2010, foi promovida a oficial general. Atualmente, como diretora do Colégio Interamericano de Defesa (CID), a C Alte Herb está usando sua garra e determinação para implementar mudanças em uma instituição tradicionalmente dominada por homens. Para se ter uma ideia, ela é apenas a segunda oficial do sexo feminino a chefiar o CID desde sua fundação, em 1962. Para falar sobre os desafios que as mulheres ainda enfrentam dentro das forças armadas, *Diálogo* conversou com a C Alte Herb em seu escritório, em Fort Lesley J. McNair, em Washington D.C., unidade militar que abriga o CID.

Overcoming Biases to Change a Culture

Women continue to win battles on the long and winding road to gender equality.

MARCOS OMMATI/DIÁLOGO

U.S. Navy Rear Admiral Martha Herb is a diving, salvage, and surface warfare officer in the Explosive Ordnance Disposal community. A native of Atlanta, Georgia, she graduated from Lake Forest College with a Bachelor of Arts. In 2007 she was inducted into the Women Diver's Hall of Fame and in 2010 was selected for flag officer rank. As commandant of Inter-American Defense College (IADC), Rear Adm. Herb is bringing her "toughness" to influence changes in a traditionally male-oriented institution. Just as an example, she is only the second female officer to head the IADC since its inception in 1962. To talk about the challenges women in the military still face, *Diálogo* visited Rear Adm. Herb in her office at the IADC, in Fort Lesley J. McNair, Washington D.C.

Diálogo: Out of the 64 students attending IADC, only six are women. Does that bother you?

U.S. Navy Rear Admiral Martha Herb: Yes. Getting more female students has been my number one priority. When I first got here [Rear Adm. Herb is serving her second two-year term at IADC], I added it to the IADC recruiting letter, and when I visit countries, I specifically talk to senior military leaders and officials about sending women to IADC.

Diálogo: How do you try to convince these countries to send more female students to IADC?

Rear Adm. Herb: Since each nation is at a different point in time in terms of their inclusion of women in the armed forces, I say to people, 'I recognize you might not have senior women in your military yet, but don't think that you can't send women to college. You have civilians serving in your government offices, you have police, and you have women with many different official skill sets within the government. You need to give these women the IADC opportunity.' To be effective in our mission, it is very important for the senior students here at IADC to have experience with women. Why? Simply stated, in eight or 10 years, some of the IADC students will become the next four-star or first general officer, and you want them to be prepared to advocate for advancing women's issues in the military.

Diálogo: The United States has come a long way in this matter, but senior military personnel in the country still recognize there is a lot to be done. How do you see this challenge – women in the military – in the countries you work with in Central and South America, and the Caribbean?

Rear Adm. Herb: It varies by country. Sometimes issues about women's inclusion are driven by antiquated policies that make achieving the objective of female inclusion difficult. For example, a country, or even an organization, might establish an overarching objective of 50 percent female inclusion, but then the policies at the various

levels throughout the country or organization might counteract the objective of inclusion. It takes a while to solve it. It is not only a policy issue, but female inclusion also involves changing a culture. Culture change is very slow, and some say it takes a generation or two! Policy and culture are two issues that make inclusion difficult. There are also biases, and everybody has them. I have biases, you have biases. It takes a while to recognize your own biases, overcome them, and change them. And that is why it takes so long to change a culture. On a more practical level, it is important to set standards. Set the standard and then expect everyone to achieve the standard. When there are consistent standards, everybody is eligible, everybody is expected to get the job done, and at that point, it does not matter if you are a male or a female. It is not relevant to the standard.

Diálogo: Do you think ethnicity plays a role in the U.S. military, in addition to gender? If she is a Latina, does that make her life harder?

Rear Adm. Herb: That is a great question. I would imagine, yes. But it is probably also related to someone's upbringing – their cultural references, the way you were raised within your family, the value sets upheld in the family, and then your day-to-day behavior. I had a wonderful resource manager at IADC who was high-speed, really accomplishing great things and she will probably make general someday. She is Latina. She has been very, very successful, but I think she has worked at it. She's been driven to stay true to herself and her culture while being the utmost professional in the military. Regardless of nationality, most women feel like others expect them to give 120 percent before it will be considered good enough.

Diálogo: Do you think women still have to work harder than men, especially in the military?

Rear Adm. Herb: Absolutely. And part of it is that we, as women, can be our own worst advocate – demanding more of ourselves than others expect from us. I think women, for the most part, are still less than 25 percent of the population [in the U.S.



A embaixadora dos EUA, Liliana Ayalde (dir.), conselheira de política externa do Comando Sul, participou do seminário Perspectivas de gênero, realizado em março de 2017 no CID.

U.S. Ambassador Liliana Ayalde (right), foreign policy advisor at SOUTHCOM, participated in the “Gender Perspectives Seminar,” held at the Inter-American Defense College, in March 2017.

Diálogo: Dos 64 alunos que atualmente cursam o CID, apenas 6 são mulheres. Isto a incomoda?

Contra-Almirante da Marinha dos EUA Martha Herb: Sim. Conseguir mais alunas sempre foi a minha prioridade número um. Quando eu cheguei aqui [a C Alte Herb está em seu segundo mandato de dois anos como diretora do CID], acrescentei isto na carta de recrutamento do Colégio e, quando viajo ao exterior, falo especificamente aos oficiais e líderes militares superiores sobre a possibilidade de enviar mulheres para estudar ou trabalhar no CID.

Diálogo: Como realiza este recrutamento?

C Alte Herb: Como cada país está em uma situação diferente em relação à inclusão de mulheres no militarismo, eu digo: “Reconheço que talvez ainda não existam mulheres nos altos escalões em suas forças armadas; porém, não pense que não pode enviar pessoas do sexo feminino para o CID. Você conta com civis servindo em seus escritórios governamentais, tem a polícia e tem mulheres com diferentes habilidades como oficiais dentro do governo; você tem de dar a essas mulheres a oportunidade de estudar no CID”. Para a eficácia da nossa missão, é muito importante que os alunos do último ano aqui no CID tenham experiência com pessoas do sexo feminino. Por quê? Simplesmente porque, em oito ou 10 anos, alguns dos alunos do CID irão se tornar os próximos oficiais gerais de seus países e espera-se que estejam preparados para apoiar o avanço das questões femininas nas forças armadas.

Diálogo: Os Estados Unidos têm feito muito progresso neste sentido, mas os próprios militares do alto comando no país ainda reconhecem que há muito a ser feito. Como a senhora vê esta questão das mulheres nas forças armadas em países das Américas Central e do Sul, e no Caribe?

C Alte Herb: Depende do país. Às vezes, as questões relacionadas à inclusão feminina são regidas por políticas antiquadas, que dificultam a realização do objetivo desta inclusão. Por exemplo, um país, ou até mesmo uma organização, pode estipular um objetivo amplo de inclusão de 50 por cento de mulheres, mas as políticas presentes nos diversos níveis podem neutralizar o objetivo da inclusão. Leva-se um certo tempo para resolver isso. Não é apenas uma questão de política; a inclusão feminina envolve também uma mudança cultural. A mudança cultural é muito lenta e alguns dizem que leva até uma geração ou duas para acontecer. A política e a cultura são dois fatores que dificultam a inclusão. Além disso, há os preconceitos. E todo mundo os têm. Eu tenho, você tem. Leva certo tempo para reconhecer seus próprios preconceitos e para superá-los para que, mais tarde, ocorra a transformação. E é por isso que leva tanto tempo para mudar uma cultura. Em um nível mais prático, é importante estabelecer seus critérios. Defina o padrão e depois exija que todo mundo o atinja. Quando os padrões são coerentes, todo o mundo tem direito. Espera-se que todos completem o trabalho e, nesta altura, não importa se a pessoa for homem ou mulher. Isso não é relevante para o padrão.

Diálogo: A senhora acha que se uma militar for latino-americana, sua vida será mais difícil dentro das Forças Armadas americanas?

C Alte Herb: Essa é uma excelente pergunta. Imagino que sim. Mas provavelmente também tem relação com a criação de uma pessoa — suas referências culturais: a forma em que você foi criado na sua família, os conjuntos de valores seguidos e o seu comportamento cotidiano. Eu tinha uma excelente gerente de recursos aqui no CID, que possuía excelente ritmo de trabalho, alcançando grandes resultados e, um dia, ela provavelmente será uma almirante-de-esquadra. Ela é latino-americana. Ela tem sido muito bem-sucedida em sua carreira, mas acho que trabalhou para isso. Ela foi motivada a continuar sendo coerente consigo mesma, com a sua cultura, ao mesmo tempo atingindo o máximo profissionalismo no serviço militar. Independente da nacionalidade, a maioria das mulheres acha que os outros esperam que elas se dediquem 120 por cento antes de serem consideradas suficientemente boas.

Diálogo: Acha que as mulheres ainda têm que trabalhar mais do que os homens, especialmente nas forças armadas?

C Alte Herb: Com certeza. E parte do problema é que, como mulheres, às vezes somos as nossas piores críticas — exigindo mais de nós mesmas do que os outros exigem de nós. Acredito que, de forma geral, as mulheres constituam menos de 25 por cento do contingente das Forças Armadas dos EUA; portanto, ainda somos pioneiras, tentando ser bem-sucedidas em um mundo prevalentemente masculino. Somos poucas. Você pode entrar numa reunião e frequentemente será a única mulher presente. Como pioneiras, às vezes estabelecemos padrões para nós mesmas que são, de forma geral, extremamente altos. Nós não nos concedemos muitos descontos. Às vezes, os outros são menos severos conosco do que nós mesmas.

Diálogo: Quando foi mais difícil para a senhora? Quando era uma jovem oficial ou após ser promovida a contra-almirante?

C Alte Herb: Acho que foi quando fui promovida a oficial general. Quando eu era mais jovem e nova no campo do mergulho, a maioria de meus colegas mergulhadores era bem aberta em relação às suas opiniões sobre as mergulhadoras. Como nova oficial general, a

military], so we are still pioneers striving to be successful in a predominantly man's world. There are just not a lot of us. You can go into a meeting and quite frequently, you will be the only woman there. As pioneers, sometimes we set standards for ourselves that for the most part are very, very high. We don't cut ourselves much slack, and sometimes people are less harsh on us than we are on ourselves.

Diálogo: Was it harder for you when you were a young officer, or after you became a flag officer?

Rear Adm. Herb: I think when I became a flag officer. When I was younger and new in the diving field, most of my fellow divers were very open about their thoughts regarding women divers. As a new flag officer, it was about proving that you were selected for your capability, leadership, and professionalism, and not because you were a woman. And I have to add a caveat to that. It is an honor and a privilege to be selected for this position. I have learned so much from other generals and admirals. The other caveat is related to my background in counseling and psychology. I'm a watcher - I watch things, I watch dynamics, I watch people. I weigh facts in conjunction with what I see in people. Sometimes, this is not the norm or process for making decisions.

Diálogo: When do you think we will be able to speak about someone's career without putting the word "female" before it?

Rear Adm. Herb: I think we have improved immensely in that area. We are getting there.

Diálogo: Does the fact that we are talking about this in an interview prove we are not there yet?

Rear Adm. Herb: That's true. I have been in the military long enough to say I have witnessed improvement. It is light-years from where we were back in 1979, when I first started. So, I appreciate that the service has given me this tremendous opportunity to serve, have adventures, have fun, and do neat and different things. A lot of it was just timing and my little piece of history, so I think acceptance of women has changed enormously. Is that good enough? No. The acceptance of women is still driven by extraordinary women. Even today, many of the women in the military and police have a certain kind of personality – they work very hard, they are determined, they don't give up, they are agile, they are adaptable – and these are the women who continue to advance. Yet, behind closed doors, these same women share their frustrations and disappointments on the bias that still exists.



Militares, policiais e líderes civis de todo o hemisfério ocidental debateram temas relacionados à integração de gêneros, no Colégio Interamericano de Defesa, de 7 a 9 de março de 2017.

Military, police members, and civilian leaders from all over the Western Hemisphere got together to talk about gender issues at the Inter-American Defense College, from March 7th-9th, 2017.



A Contra-Almirante da Marinha dos EUA, Martha Herb, preside uma mesa redonda durante o seminário sobre perspectivas de gêneros realizado no CID, instituição da qual é diretora, em março de 2017.

U.S. Navy Rear Admiral Martha Herb, IADC commandant, conducts a roundtable during the “Gender Perspectives Seminar” at IADC held in March 2017.

questão era provar que eu tinha sido selecionada com base na minha capacidade, liderança e profissionalismo e não por ser uma mulher. E eu preciso fazer uma ressalva nesse ponto. É uma honra e um privilégio ter sido selecionada para servir neste cargo. Aprendi muito com outros oficiais generais. A outra ressalva está relacionada à minha formação como terapeuta e psicóloga. Sou observadora — observo as coisas, as dinâmicas e as pessoas. Pondero os fatos junto ao que observo nas pessoas. Às vezes, esta não é a norma ou o procedimento para tomar decisões. É apenas um procedimento diferente.

Diálogo: Quando acha que poderemos falar sobre a carreira de alguém sem acrescentar “mulher” ou “feminino” em frente a seu cargo?

C Alte Herb: Acho que melhoramos muito neste ponto. Estamos chegando lá.

Diálogo: O fato de estarmos conversando sobre isto em uma entrevista prova que ainda não chegamos lá, ou não?

C Alte Herb: Isso é verdade. Servi nas Forças Armadas por tempo suficiente para dizer que acompanhei o avanço. Estamos a anos-luz de onde estávamos, em 1979, quando comecei. Portanto, agradeço pelo militarismo ter me dado esta extraordinária oportunidade de servir, ter aventuras, divertir-me, realizar coisas interessantes e diversas. Muito dependeu do período e do meu histórico pessoal; então, acho que a aceitação das mulheres mudou imensamente. Isto é suficiente? Não! A aceitação das mulheres ainda é impulsionada por mulheres extraordinárias. Mesmo hoje, muitas das mulheres no serviço militar e na polícia têm um certo tipo de personalidade; são mulheres muito trabalhadoras, que são determinadas, não se rendem, são ágeis, versáteis; e estas são as mulheres que continuam avançando a inclusão das mulheres nestes meios. Porém, atrás de portas fechadas, estas mesmas mulheres compartilham suas frustrações e seu desapontamento com o preconceito que ainda existe.

Diálogo: Qual é a sua posição sobre mulheres em zonas de combate?

C Alte Herb: Se elas forem capazes de desempenhar a função, deixem-nas desempenhá-la. Isto nos reconduz ao padrão de que falei anteriormente. Algumas mulheres são muito talentosas. Eu tive sorte porque era uma atleta habilidosa. Então, na época em que ingressei na Marinha, tornar-me uma mergulhadora e realizar muito esforço físico não era grande coisa para mim. A atividade física, o esforço físico não era nada de mais [para mim]. Se as minhas capacidades físicas são o dom que Deus me deu, deixem-me usá-las. E acho que esse tem que ser o padrão em todos os setores. Aqui está o patamar; e isto é o que precisa ser feito para você poder completar sua missão. Se você pode atingir o padrão, você pode realizar a missão.

Diálogo: Mas as pessoas dizem, por exemplo, que se colocarmos Novak Djokovic e Serena Williams na mesma quadra de tênis — ambos grandes atletas, como sabemos — Djokovic ganhará no final, não porque ele seja melhor do que Serena, mas simplesmente devido às características físicas do jogo.

C Alte Herb: Eu não tenho problema algum com isso. Os homens e as mulheres são diferentes.

Diálogo: É muito difícil para uma mulher lidar com o assédio sexual nas forças armadas?

C Alte Herb: É um assunto de abordagem difícil. Mesmo aqui nos Estados Unidos, porque, como mulher, você se sente dividida entre não querer criar confusão e ficar calada e aguentar. Mas, com o tempo, você acaba ficando desgastada. Você simplesmente diz: “Estou farta de aguentar e agora vou falar livremente”. Qualquer líder, seja homem ou mulher, tem que prestar atenção às interações interpessoais. Não se trata do que lhe foi dito apenas, mas também daquilo que você observa. Você tem que observar e escutar. Isso tem a ver com aquilo que comentei antes: eu observo as pessoas. Porque observar as pessoas irá lhe revelar mais sobre o que está acontecendo no seu comando, por vezes além do que é expressado.

Diálogo: O dia 8 de março é o Dia Internacional da Mulher. A senhora é a favor ou contra este dia?

C Alte Herb: Temos dias dedicados a todos. Temos o Dia das Mães, Dia dos Pais. Por que não um Dia das Mulheres?

Diálogo: Mas não existe o “Dia dos Homens...”

C Alte Herb: Eu sei, mas eles têm um “Dia dos Homens” todos os dias! Com toda a seriedade — e isto revelará minha ignorância — comemorei meu primeiro Dia das Mulheres no Afeganistão, e foi um Dia das Mulheres muito importante, porque não consigo imaginar lugar melhor para comemorá-lo do que numa cultura em que elas não têm oportunidades, em que enfrentam tantas dificuldades e aguentam tanto. Portanto, eu comemorei com muita reverência lá. Agora, no Dia das Mulheres, aqui no CID, temos uma conferência de gêneros e, para mim, é uma oportunidade para incentivar o diálogo no nosso hemisfério. Por que não dar oportunidades às mulheres, por que não encontrar formas de dizer que tornaremos o campo de atuação mais equilibrado? E aí as mulheres que quiserem exercer profissão militar ou de policial ou qualquer outra e tiverem a personalidade certa e a constituição física certa, pelo amor de Deus, que as mulheres tenham uma oportunidade! ①



O Alte Esq da Marinha dos EUA, Kurt Tidd, cumprimenta a diretora do Colégio Interamericano de Defesa C Alte, Martha Herb, ao chegar para participar do seminário *Perspectivas de gênero*, realizado em março de 2017 naquela instituição.

U.S. Navy Admiral Kurt Tidd greets U.S. Navy Rear Admiral Martha Herb, IADC commandant, as she arrives at the “Gender Perspectives Seminar,” held at the institute in March 2017.

Diálogo: What is your take on women in the combat zone?

Rear Adm. Herb: If they can do the job, let them do the job. It comes back to the standard. Some women are very talented. I was lucky because I was a very gifted athlete. So, by the time I entered the Navy to become a Navy diver, doing a lot of physical requirements and activities was no big deal. If my physical abilities are the gift God has given me, then let me use them. And I think that needs to be the standard across the board. Here is the standard, and here is what you need to be able to do to accomplish the mission.

Diálogo: But people say, for instance, if you put Novak Djokovic and Serena Williams on the same tennis court — both great athletes as we know — Djokovic will win in the end, not because he is better than Serena, but because of the physicality of the game.

Rear Adm. Herb: And I don't have a problem with that. Men and women are different.

Diálogo: How difficult is it for a woman to deal with sexual harassment in the military?


Rear Adm. Herb: It's a very difficult thing to address. Even here, because as a woman you are torn with, 'I don't want to create chaos so I will keep my mouth shut and endure.' But eventually, you get worn out. You just say, 'I am done enduring, and will speak up.' Any leader, whether it is a male or a female, needs to pay attention to interactions between people. It's not just what you are told, but

also what you see. You need to watch and listen. That gets back to what I said earlier, I watch people. Because watching people will tell you more of what is going on in your command, than what is communicated.

Diálogo: What is your opinion on having an international day — on March 8th — designated to recognize women?

Rear Adm. Herb: We have days dedicated to everyone. We have a Mother's Day, a Father's Day. Why not a Women's Day?

Diálogo: But you don't have a Men's Day...

Rear Adm. Herb: I know, but it's Men's Day every day! In all seriousness — and this will show my ignorance — the first Women's Day I celebrated was in Afghanistan, and it was a very important Women's Day because I can think of no better place to celebrate Women's Day than in a culture where they have no opportunity, where they endure such hardship and put up with so much. So, I celebrated it with great reverence there. Now, on Women's Day at IADC we have a gender conference, and to me it's a way that I encourage the conversation in the hemisphere... Why not give women opportunities, why not find ways to say we will level the playing field? And then, those women who want to be in the military, or the police, or whatever profession, and they have the right personality, and the right physicality, by golly, let the women have the opportunity! 

BOMBANDO

NOS CÉUS, SEM MARGEM PARA ERROS



Uma piloto-instrutora brasileira-americana faz a diferença na Base da Força Aérea dos EUA em Columbus, Mississipi.

MARCOS OMMATI/DIÁLOGO

Em dezembro de 2013, o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, promoveu Christine Fox a vice-secretária interina da Defesa, a mulher com o posto mais alto de todos os tempos no Pentágono. Mas, apesar da carreira brilhante, Fox talvez seja melhor conhecida por muitas pessoas como a inspiração para a personagem da atriz Kelly McGillis, Charlie Blackwood, no famoso filme dos anos 1980, *Top Gun*, no qual ela interpretou uma doutora em astrofísica, instrutora de voo e que acabou tendo uma relação amorosa com o personagem de Tom Cruise, o estudante de voo Maverick. Fox deu uma entrevista à revista *People* em 1985 onde, entre outras coisas, disse: “Não sei nada sobre pilotar aeronaves, mas sei muito a respeito do cara no cockpit — sua missão, seu radar e seus mísseis”.

Era assim que muitas mulheres costumavam pensar naquela época, ou seja, sabiam muito sobre aviões, mas não pilotavam. Agora tudo mudou. Conheça Karen Rubin-Santos. Ela é 1º Tenente da Força Aérea dos EUA. “Sim, eu assisti ao *Top Gun*, mas sabia antes do filme que voar era o que eu queria fazer. Eu sempre soube. Acredito que *Top Gun* tenha me inspirado no sentido de que não queria ser como Charlie. Ela sabia tudo de aviões, mas não era piloto. Eu queria estar no controle de um avião”, disse à *Diálogo* a atual piloto-instrutora da Base da Força Aérea dos EUA em Columbus, no Mississipi.

Brasileira-americana

A 1º Ten Rubín-Santos nasceu em Miami, na Flórida, de pais brasileiros (Danilo e Enilda). Ela é a primeira brasileira-americana da família, o que diz achar “ótimo”. Ela cresceu falando português em casa, enquanto aprendia inglês na escola. Como ainda não é tão comum que latinas entrem para as forças armadas em seus países – e muito menos que se tornem pilotos –, a 1º Ten Rubín-Santos disse que foi um choque para a sua família quando decidiu ingressar na Academia da Força Aérea. “Mas eu sempre soube que queria me alistar. Eu queria retribuir tudo o que recebi deste país”, contou.

Ela cursou a Academia de Tecnologia Científica e Marítima, mais conhecida como MAST (por sua sigla em inglês), que é uma escola pública de ensino médio (*magnet school*), com currículo voltado para as ciências matemáticas, na área de Virginia Key, em Miami. Ali, a 1º Ten Rubín-Santos ingressou no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (JROTC, por sua sigla em inglês), o que lhe deu a primeira noção da estrutura e disciplina militares, um encaixe perfeito para uma autoproclamada *nerd*.

BOOMIN’ IN THE SKIES, WITH NO ROOM FOR ERROR

A Brazilian-American pilot-instructor makes a difference at the Columbus Air Force Base in Mississippi.

MARCOS OMMATI/DIÁLOGO

U.S. President Barack Obama in December 2013 promoted Christine Fox to Acting Deputy Defense Secretary, the highest-ever ranking woman at the Pentagon. But despite a brilliant career, Fox may be better known to a lot of people as the inspiration for Kelly McGillis’s character Charlie Blackwood in the iconic 80s film *Top Gun*, in which she played a Ph.D. in astrophysics, flight instructor, and love interest to Tom Cruise’s character Maverick. Fox famously told *People* magazine in 1985, “I don’t know anything about flying airplanes, but I know a lot about the guy in the back seat — his mission, his radar, and his missiles.”

This is how many women used to think back then, meaning, they knew a lot about airplanes, but not about flying. Now, everything has changed. Meet U.S. Air Force First Lieutenant* Karen Rubin-Santos. “Yes, I watched *Top Gun*, but I knew before [the movie], it [flying] was what I wanted to do. I always knew it. I believe the film inspired me in a sense that I did not want to be like Charlie, I mean, to know everything but never fly. I wanted to be in control of an airplane,” the pilot instructor at the U.S. Air Force Base in Columbus, Mississippi told *Diálogo*.

Brazilian-American

Lieutenant Rubín-Santos was born in Miami, Florida to Brazilian parents (Danilo and Enilda). She is first generation American, which she thinks is “great.” She grew up speaking Portuguese at home and learning English in school. Since it is not common for Latinas to join the military in their countries – let alone to become pilots – she says it was a shock for her family when she decided to



MARCOS ONMATI/DIALOGO

O Major da Força Aérea dos EUA, Michael James Labarbera, supervisor de Boomin', diz que uma palavra que a define bem é "excelência".

U.S. Air Force Major Michael James Labarbera, Boomin's supervisor, described her in one word: excellence.

O programa era patrocinado pela Guarda-Costeira dos EUA, permitindo que a 1º Ten Rubin-Santos cumprisse os seus trabalhos comunitários exigidos pelo currículo da escola por meio do serviço militar, em sua base, em Miami Beach. "Eu me tornei uma parte da Guarda-Costeira e foi mais como uma aula extra que eu tive no ensino médio. Eu ganhei bastante experiência militar por meio dos estágios e ter feito parte daquele programa foi fantástico, mesmo que eu estivesse apenas fazendo serviço comunitário nos finais de semana."

No entanto, faltava alguma coisa. "Eu queria ser como o meu tio [Bruno]. Ele era piloto comercial da [agora extinta] companhia aérea brasileira Varig. Ele costumava me levar a muitos lugares e deixava que eu ficasse na cabine do piloto, onde ele me mostrava todos os botões e o que eles faziam. Ele até me deixava fazer anúncios como: 'Atenção todos os passageiros, vamos pousar em alguns instantes', no sistema de alto-falantes do avião," lembrou ela com carinho.

Após terminar sua formação no JROTC e, apesar de terem lhe oferecido uma bolsa de estudos para jogar futebol e estudar na Academia da Guarda-Costeira, ela, em vez disso, se dedicou ao seu sonho de se tornar uma piloto de avião. "Eu sabia que, na Guarda-Costeira, teria que pilotar helicópteros. Eu queria pilotar aeronaves de asa fixa", explicou a 1º Ten Rubin-Santos.

Durante uma visita à Academia da Força Aérea dos EUA, no Colorado, ela se decidiu. "Aquela visita realmente confirmou tudo o que eu já sabia. Fiquei com outros alunos em seus dormitórios e eles me disseram como eram suas vidas. Eu assisti a aulas com eles. A verdade é que, assim que cheguei lá, pensei: 'É isso'."

Uma experiência reveladora

O fato de que somente cerca de 20 por cento dos alunos da academia eram do sexo feminino só fez com que ela se sentisse mais determinada a realizar seu sonho. "Todo mundo rasteja na lama, usa esses óculos enormes... não é algo muito lisonjeiro; portanto, não há tempo para pensar sobre diferença de gêneros. Você só faz o que deve fazer e é bom que você se sobressaia porque, no final, só os melhores avançarão, independentemente do sexo."

Talvez por isso, o fato de ser minoria nas salas de aula não tenha surpreendido a 1º Ten Rubin-Santos. Ela ficou mais surpresa ao descobrir, durante sua visita à Academia da Força Aérea, que sua religião, o catolicismo, não é predominante nos Estados Unidos, como sempre achou por ter crescido em Miami, uma cidade muito mais latino-americana — e por consequência muito católica — do que outra coisa. "Você poderia dizer que fiquei muito mais surpresa

join the Air Force Academy, “but I always knew that I wanted to serve in some way. I wanted to give back to this country.”

She attended the Maritime and Science Technology Academy, commonly referred to as MAST Academy, a magnet public high school in the Virginia Key area of Miami. 1st Lt. Rubin-Santos joined the schools’ Junior Reserve Officer Training Corps (JROTC), which gave her the first sense of military structure and discipline, a perfect fit for a self-proclaimed nerd.

The U.S. Coast Guard-sponsored program allowed 1st Lt. Rubin-Santos to comply with all her required community service through the military service at their base in Miami Beach. “I became a part of it, and it was more of an extra class that I took in high school. Through the internships, I got a lot of military experience, and being a part of it was fantastic, even if I was just doing community service on the weekends.”

However, there was something missing. “I wanted to be like my uncle [Bruno]. He was a commercial pilot for [now defunct] Varig Brazilian Airlines. He used to fly me to many places and allow me in the cockpit, where he showed me all the buttons and what they did. He even let me make announcements like, ‘Attention all, we are arriving now,’ on the plane’s public announcement system,” she reminisces.

Upon graduation from JROTC, and in spite of being offered a soccer scholarship to attend the Coast Guard Academy, she pursued her dream of becoming an airplane pilot. “I knew that in the Coast Guard I would have to fly helicopters. I wanted to fly fixed-wing aircraft,” she says.

During a visit to the U.S. Air Force Academy in Colorado, her mind was made up. “That visit really confirmed everything I already knew. I stayed with other students at their dorms, and they told me what their lives were like. I went to class with them. The truth is, as soon as I arrived there, I thought: ‘This is it.’”

An eye-opening experience

The fact that only about 20 percent of students at the academy were female only made her feel more determined to fulfill her dream. “Everybody crawls through mud, wears these huge glasses... It’s not flattering, so there’s no time to think about gender integration. You only do what you are supposed to do, and you better excel because, in the end, only the best will advance, regardless of sex.”

During her visit to the USAF Academy, 1st Lt. Rubin-Santos was surprised to learn that her faith, Catholicism, is not predominant in the United States, as it had been growing up in Latin America-influenced Miami. “You could say I was much more surprised with the fact that there are so many Protestants in the United States than with the fact that I was a [gender] minority in the classroom,” she joked. “The Air Force Academy has this beautiful chapel. I remember visiting it and going right to the top, to this huge, beautiful stained glass ceiling... and thinking, ‘This is so pretty. I can’t wait to pray here and go to Mass.’ The person who was giving us the tour said, ‘Oh no, this is the Protestant chapel, the Catholic one is downstairs.’ I went to the Catholic chapel, and it was much smaller but just as beautiful, and it became a huge part of my personal growth while at the academy.”

After graduating from the academy in 2013, 1st Lt. Rubin-Santos took a short hiatus to chill in the Caribbean and backpack through Europe. Then, she began her two-phase, 13-month pilot training program at Columbus Air Force Base in Columbus, Mississippi. During the first months of training, students learn the theory of flying, systems, about the aircraft they will pilot, how it works, and how it flies. After many hours in simulation machines, students move to the T-6, which is used as the training aircraft. In the practical training phase, students learn to land, do aerobatics, fly with instruments and, in the end, do formation, where they fly at a distance of 10 feet from another aircraft. “A pretty cool experience,” according to 1st Lt. Rubin-Santos.

“The fact that she’s a woman is an add-on value, since in my country there are no female fighter-jet pilots, for instance. I am sure instructor Boomin’ is a great inspiration for women from all countries.”

- PERUVIAN AIR FORCE SECOND LIEUTENANT
RAFAEL HOYOS VÁSQUEZ

A very capable instructor

The jump from student-pilot to instructor is not so easy. “There’s no room for error in what we do. There’s no room for second chances,” said U.S. Air Force Major Michael James Labarbera, 1st Lt. Rubin-Santos’s supervisor and chief of Standardization and Evaluations of the 37th Training Squadron, at Columbus Air Force Base. Known to him and their peers by her call sign “Boomin’”, Maj. Labarbera considers her a very capable student and pilot. “Now, [she is] also a very capable instructor. In the end, that is what is important. It is great that she is a female and can serve as an inspiration to young girls – and I say it based on my own experience because I have three daughters at home – but what really counts is that she is excellent at what she does. Actually, if I had to pick a quality to define Lt. Boomin’, it would be ‘excellence.’”

A different kind of background

Demonstrating excellence at school and in flying is one thing. It is another to teach, and that is when Boomin’ feels her background played a major role in her career advancement. “I’ve always been really friendly and easy to get along with, but I think the different languages I speak help a lot,” she explained. “Here, at Columbus, we have a lot of international students, and sometimes the difficulties come not from a lack of understanding the program, but they need some motivation to feel more at home, so when I speak to them in Portuguese, or in Spanish, or in French, you can see how their semblances change completely.”

com o fato de que existem tantos protestantes nos Estados Unidos do que com o fato de que eu era uma minoria [por ser mulher] na sala de aula”, ela brincou. “A Academia da Força Aérea tem esta capela linda. Lembro-me de a visitar e de me dirigir direto ao topo, a esse enorme e lindo teto de vitral ... e de pensar: ‘Isso é tão bonito. Não vejo a hora de rezar e de ir à missa aqui’. Ao que nossa guia durante a visita respondeu: ‘Ah não, esta é a capela protestante; a católica fica no andar de baixo’. Fui à capela católica e ela era muito menor, mas nem por isso menos linda, e tornou-se uma grande parte do meu crescimento pessoal enquanto estive na academia.”

Após se graduar na academia, em 2013, a 1º Ten Rubin-Santos fez uma pequena pausa para relaxar no Caribe e fazer uma viagem tipo mochila nas costas pela Europa. Em seguida, ela começou seu programa de treinamento de pilotos, de 13 meses e duas fases, na Base da Força Aérea de Columbus, no Mississippi. Durante os primeiros meses de treinamento, os alunos aprendem teoria de voo e sistemas sobre a aeronave que irão pilotar; como ela funciona e como ela voa. Depois de muitas horas em simuladores de voo, os alunos passam para a T-6, que é utilizada como uma aeronave de treinamento. Na fase de treinamento prático, os alunos aprendem a aterrissar, fazer acrobacias, voar com instrumentos e, no final, a voar em formação, onde voam a uma distância de 10 pés (3 metros) de outra aeronave; “uma experiência muito bacana”, segundo a 1º Ten Rubin-Santos.

Uma instrutora muito capaz

A transição de aluna-piloto a instrutora não é algo fácil. “Não há margem para erro no que fazemos. Não há espaço para uma segunda chance”, disse o Major da Força Aérea dos EUA, Michael James Labarbera, supervisor da 1º Ten Rubin-Santos e chefe de Padronização e Avaliações do 37º Esquadrão de Treinamento da Base da Força Aérea de Columbus. Conhecida por ele e seus pares por seu nome de guerra “Boomin’”, o Maj Labarbera considera a 1º Ten Rubin-Santos uma aluna e uma piloto muito capaz. “Agora, [ela é] também uma instrutora muito capaz. No fundo, isso é o que importa. É ótimo que ela seja do sexo feminino e possa servir de inspiração para jovens garotas — e digo isso com base na minha própria experiência, porque eu tenho três filhas em casa —, mas o que realmente importa é que ela é excelente no que faz. Na verdade, se eu tivesse que escolher uma qualidade para definir a 1º Ten Boomin’, seria ‘excelência’.”

Um tipo diferente de história de vida

Demonstrar excelência na escola e no voo é uma coisa. Outra coisa bem diferente é ensinar e é nessa atividade que a 1º Ten Boomin’ sente que sua história de vida tenha desempenhado um papel importante no avanço de sua carreira. “Eu sempre fui muito amigável e tive facilidade para me relacionar com as pessoas, mas acho que falar diferentes idiomas ajuda muito”, disse. “Aqui, em Columbus, temos muitos alunos internacionais e, às vezes, as dificuldades acontecem não por falta de compreensão do programa, mas porque eles precisam de um pouco de motivação para se sentirem mais em casa; então, quando falo com eles em português, ou em espanhol, ou em francês, pode-se ver como seus semblantes mudam completamente.”

Esperre aí, francês?! “Bem, tendo crescido em Miami, todo

mundo lá fala espanhol. Eu já usava o português em casa e quando passava os verões no Brasil. O inglês era bem natural para mim por causa da escola e dos meus amigos; então, como eu queria aprender outro idioma no ensino médio, eu escolhi o francês.” Está explicado.

Uma verdadeira inspiração


A opinião geral sobre a 1º Ten Boomin’ entre os alunos internacionais que falaram à *Diálogo*, durante a nossa visita a Columbus, foi a mesma. “É um enorme privilégio estar aqui, mas nós sentimos saudade de casa, e falar com alguém — especialmente uma instrutora — em nosso próprio idioma, ajuda tremendamente a aliviar esse sentimento”, disse o 2º Tenente da Força Aérea do Peru, Rafael Hoyos Vásquez, que cursa o Programa de Liderança em Aviação da Base da Força Aérea de Columbus. “O fato de ela ser mulher é uma espécie de valor agregado, já que no Peru não existem pilotos de avião de caça do sexo feminino, por exemplo. Tenho certeza de que a instrutora 1º Ten Boomin’ é uma grande inspiração para as mulheres de todos os países.”

Tendo realizado tanto sendo ainda tão jovem — ela tem somente 25 anos — faz com que a 1º Ten Boomin’ tenha só mais uma coisa pela qual esperar ansiosamente, num futuro próximo. Ela gostaria de viver mais perto do seu marido, o 1º Tenente da Força Aérea dos EUA, David Miller, um piloto de KC-10. “Neste momento, ele está servindo na Base Conjunta McGuire-Dix-Lakehurst, em Nova Jersey”, diz a 1º Ten Rubin-Santos, com os olhos cheios de lágrimas. Eles torcem para que sua próxima missão seja na mesma base; com sorte, na Base da Força Aérea Travis, em Vacaville, na Califórnia, perto de Sacramento. “Mas eu ainda tenho pelo menos um ano e meio pela frente aqui”, disse ela, sem pestanejar.

Por fim: Boomin’

Não seria justo terminar este artigo sem explicar o nome de guerra de Karen. “Acontece que, quando eu estou no avião fazendo acrobacias, eu gosto de surpreender meus alunos e dizer, ‘Boom!’ quando eles fazem algo corretamente, ou fazem algo realmente bem. Não sabia que eu dizia isso o tempo todo até que meus colegas me fizeram notar isso e, daí em diante, eu me tornei ‘Boomin’ [algo como estrondosa]. Além disso, meus colegas geralmente sabem quando estou no prédio, devido ao volume do meu ‘booming’ [tom de voz] nos corredores”, se diverte a 1º Ten Rubin-Santos.

Mas há outro motivo interessante para o apelido. Para adicionar à lista aparentemente interminável de talentos da 1º Ten Rubin-Santos, ela também é uma cantora semiprofissional e já vimos que ela tem uma voz “estrondosa”. Se você quiser ouvir uma pequena amostra, é só fazer uma visita a Columbus, Mississippi, durante um dos eventos organizados na Base da Força Aérea local. Karen “Boomin’” Rubin-Santos, frequentemente, canta o hino nacional americano durante tais eventos.

Diálogo ia começar este artigo, dizendo: “Esta é a história de uma latina de 25 anos de idade, piloto-instrutora da Força Aérea dos EUA, que se destaca em tudo o que faz, joga futebol e também é uma cantora de qualidade”, mas quem teria acreditado nisso? 

*Nota: Semanas após *Diálogo* ter conversado com a Primeiro-Tenente Rubin-Santos, ela foi promovida a capitã da Força Aérea dos EUA.



A 1° Tenente piloto-instrutora da Força Aérea dos EUA, Karen “Boomin” Rubin-Santos, posa em frente ao avião que usa em suas aulas de voo e que estampa seu nome na fuselagem.

U.S. Air Force 1st Lt. Karen “Boomin” Rubin-Santos, a pilot instructor at the U.S. Air Force Base in Columbus, Mississippi, poses in front of the airplane she teaches with, bearing her name on the fuselage.

Wait a minute, French?! “Well, growing up in Miami, everybody there speaks Spanish. I already had Portuguese at home and from spending my summers in Brazil. English was just natural for me because of school and my friends so, because I wanted to learn another language in high school, I chose French,” she explained.

A true inspiration

Boomin’s conjecture was common to the international students who spoke to *Diálogo* during a visit to Columbus. “It is an enormous privilege to be here, but we do feel homesick, and speaking to someone – especially an instructor – in your own language, helps tremendously to alleviate that feeling,” said Peruvian Air Force Second Lieutenant Rafael Hoyos Vásquez, who is taking the Aviation Leadership Program at the Columbus Air Force Base. “The fact that she’s a woman is an add-on value, since in my country there are no female fighter-jet pilots, for instance. I am sure instructor Boomin’ is a great inspiration for women from all countries.”

Having accomplished so much at such a young age – she is only 25 – results in Boomin’ having only one more thing to look forward to in the near future. She would like to live closer to her husband, U.S. Air Force First Lieutenant David Miller, a KC-10 pilot. “Right now he’s serving at Joint-Base McGuire-Dix-Lakehurst, in New Jersey,” says 1st Lt. Rubin-Santos with teary eyes. They hope their next assignment will be at the same base, hopefully at the Travis Air Force Base in Vacaville, California, close

to Sacramento. “But I still have at least 1.5 years to go here,” she says with no regrets about her life.

Finally Boomin’

Diálogo would be remiss to end this article without explaining 1st Lt. Rubin-Santos’s call sign. “It turns out that when I am in the airplane doing aerobatics, I like to surprise my students and say, ‘Boom!’ when they do something properly, or do something really well. I did not realize I said it all the time until my peers pointed it out, and from then on, I became ‘Boomin’.’ Also, my colleagues can usually tell I am in the building due to my ‘booming’ volume in the hallways,” she said with a laugh.

But there is another interesting reason for the nickname. To add to 1st Lt. Rubin-Santos’s seemingly never-ending list of talents, she is also a quasi-professional singer with a “booming” voice. If you want to have a little taste of it, just pay a visit to Columbus, Mississippi, during one of the events organized at the Air Force Base. First Lt. Boomin’ often sings the U.S. National Anthem during such events.

Diálogo was going to start this article by saying: “This is the story of a 25-year-old Latina U.S. Air Force pilot instructor who excels in everything she does, plays soccer, and is also a singer,” but who would have believed it? [🔗](#)

*In the months since *Diálogo* spoke to 1st Lt. Boomin’, she was promoted to captain.

Mulher de COMBATE no ar e na vida

“A responsabilidade de ser pioneira é também ser um exemplo.”

TEXTO E FOTOS: CLAUDIA SÁNCHEZ-BUSTAMANTE/DIÁLOGO

A Major María Tejada Quintada não é apenas a primeira mulher piloto de combate da Força Aérea dominicana (FAD), mas também se formou na primeira turma de mulheres cadetes na República Dominicana e é a primeira instrutora de aviação daquele país na Academia Interamericana das Forças Aéreas (IAAFA, por sua sigla em inglês) em San Antonio, no Texas. No entanto, a aviação nem sempre foi seu sonho. Quando era criança, ela queria ser médica. “Naquela época, não sonhava em ser militar porque ainda não aceitavam mulheres na academia”, disse à *Diálogo* a Maj Tejada.

Mas, ao ver seu irmão mais velho durante seu treinamento militar na Força Aérea, ela se apaixonou pela aviação e surgiu um novo sonho profissional. “Minha inspiração para ser o que sou foi meu irmão, que também é piloto e militar da Força Aérea. Foi ele quem me incentivou a chegar até aqui”, disse a Maj Tejada. “Seu exemplo foi o mais valioso para mim. Eu via o que ele fazia, via a disciplina que essa carreira impunha, via o lado bonito da aviação e fui me apaixonando por isso; então, quando entrei na academia militar, decidi ser piloto”, explicou. “Quando decidi entrar na academia, disse: ‘Nossa, vou para a Força Aérea e vou ser piloto.’”

A Maj Tejada iniciou sua carreira militar como cadete em 2002. Depois de quatro anos de preparação

na Academia Militar Batalla de las Carreras, ainda como cadete do quarto ano, estudou na escola de aviação da República Dominicana, onde ficou por aproximadamente mais três anos até se formar como piloto. Quando seu treinamento básico terminou, ela optou por se inscrever no esquadrão de combate, onde se tornou a primeira mulher de combate do país. “Foi um desafio muito grande para mim, muito forte, porque é uma responsabilidade enorme ser a primeira, ser pioneira”, disse, já com mais de 500 horas de voo em sua bagagem. “Você precisa dar o exemplo e fazer o melhor que puder para que outras jovens possam se inspirar e aprender com você.”

O exemplo da Maj Tejada foi transcendental para a FAD, para o país como tal e para as mulheres de seu país. “Quando ingressei, eu não tinha esse exemplo a seguir, porque não havia mulheres. Então, precisei traçar meu próprio caminho como mulher”, explicou a Maj Tejada, na sala onde ocorre sua aula de aviação instrumental

A Major Piloto María Tejada Quintana, a primeira piloto de combate da República Dominicana, é um exemplo para as mulheres de seu país e do mundo.

Major María Tejada Quintana, the Dominican Republic's first female fighter pilot, is a role model for women in her country and around the world.



Female FIGHTER *in the Air and in Life*

“The responsibility of being a pioneer is also about being a role model.”

ARTICLE AND PHOTOS BY CLAUDIA SÁNCHEZ-BUSTAMANTE/DIÁLOGO

Major María Tejada Quintana is not just the first female fighter pilot in her country or in the Dominican Air Force (FAD, per its Spanish acronym); she is also in the first class of female cadets to graduate in the Dominican Republic, and the first Dominican flight instructor at the Inter-American Air Forces Academy (IAAFA) in San Antonio, Texas. However, flying was not always her dream. As a girl, she dreamed of becoming a doctor. “Back then, I wasn’t dreaming of becoming a soldier, because women were still not being admitted to the academy,” Maj. Tejada told *Diálogo*.

But after watching her older brother during his Air Force training, she fell in love with aviation and the dream of a new career grew in her. “My brother was the inspiration for me to become who I am now. He’s also an Air Force pilot. He was the one who urged me to come this far,” Maj. Tejada said. “The example he set was the most valuable thing for me. I saw what he did, I saw the discipline that this profession entails, I saw how beautiful aviation is, and I fell in love with it. So when I entered the military academy, I decided to become a pilot,” she explained. “When I decided to enter the academy, I said, ‘Wow, I’m joining the Air Force and I’m going to be a pilot.’”

Maj. Tejada began her military career in 2002 as a cadet. After four years of training at “Batalla de las Carreras” Military Academy, while still a fourth-year cadet, she attended the Dominican Republic’s flight school, where she studied for approximately three more years to graduate as a pilot. After finishing basic training, she enlisted for the combat squadron,



na IAAFA. “Porque se é verdade que meu irmão me apoiou muito na minha carreira em geral, eu não tinha essa imagem de uma mulher piloto de combate, uma referência do que teria que fazer e como, do quão difícil seria... Então, o fato de eu ter escolhido este caminho foi bom para as outras mulheres, porque agora elas já sabem como é.”

A Maj Tejada explicou que, quando está em seu país, muitas aspirantes a piloto e jovens cadetes buscam seu conselho e consultam sobre suas futuras carreiras militares. “Quando conversam comigo, sou honesta, digo as coisas

boas e as não tão boas”, disse com honestidade. “Elas viram até onde cheguei; portanto, não é impossível, porque estou aqui.”

Hoje em dia, há aproximadamente sete mulheres pilotos na FAD, mas ainda não entrou outra mulher no esquadrão de combate ao qual pertence a Maj Tejada. “Agora, tenho conhecimento de que há outra colega na escola de aviação, que ainda não se formou”, contou orgulhosa. “Dentre elas, há uma piloto que quer ir ao esquadrão, mas ainda não terminou seu treinamento. Esperemos que sim, que ela se saia bem e que siga meus passos.”

Como é de se esperar, a aspirante a piloto de combate

No intercâmbio com a IAAFA, a Maj Tejada ensina os seus alunos, todos das forças aéreas de nações parceiras latino-americanas, a pilotar aeronaves somente com instrumentos.

During her time as a guest instructor at IAAFA, Maj. Tejada teaches her students, all Latin American partner nation air force members, to fly a plane only with their instruments.

“ Quando ingressei, eu não tinha esse exemplo a seguir, porque não havia mulheres. Então, precisei traçar meu próprio caminho como mulher.”

confidenciou à Maj Tejada que ela decidiu entrar na academia militar para seguir seus passos. “Ela me contou uma vez que entrou na academia basicamente porque me viu em algumas entrevistas, em alguns jornais e, de acordo com o que ela me disse, essa foi sua inspiração. Ela viu a minha história e por isso decidiu ir à escola de aviação.” No entanto, a Maj Tejada está consciente de que ser uma referência traz uma responsabilidade. “É um desafio enorme porque, como mulher e como pioneira e, inclusive, se você não for pioneira em algo, simplesmente como mulher, você sabe que sempre estão olhando para você, para ver quão bem ou mal você faz as coisas. Então, para mim, é um grande desafio e uma grande responsabilidade ter escolhido isto e eu o assumi desta forma.”

Embora a Maj Tejada tivesse que se adaptar à vida em um ambiente quase totalmente masculino, eles também aprenderam com ela a adaptar-se à nova realidade de conviver nas forças armadas, onde mulheres e homens se desenvolvem igualmente, por suas capacidades profissionais. “Eles também tiveram que aprender a conviver comigo lá, porque todo esse tempo eles estavam acostumados a estar entre homens e de repente eu cheguei... Eles também tiveram que se adaptar à mudança, mudar muitas

where she became the country's first female fighter pilot. "It was a huge challenge for me — very tough — because it's an enormous responsibility to be the first woman, to be a pioneer," she said, now with more than 500 flight hours under her belt. "You have to set an example and you've got to give it your best, so that other young women might be inspired and might learn the best from you."

Maj. Tejada's example has been groundbreaking for the Dominican Air Force, for the country at large, and for Dominican women. "When I joined the military, I had no role model to follow, because there weren't any women. So I had to blaze my own trail as a woman," Maj. Tejada explained from the classroom where she teaches instrument flying at IAAFA. "Because even though my brother gave me a lot of career support in a general sense, I couldn't visualize what a female fighter pilot would look like, a point of reference for what it was that I should be doing, how to do it, or how hard it would be... so the fact that I chose this path has been good for other women because they now know what they're in for."

Maj. Tejada explains that when she is back in her country, many female flight candidates and young cadets seek

her advice and she counsels them on their future military careers. "When we talk, I'm honest with them. I tell them the good and the bad," she says candidly. "These women see how far I've come, and that it's not impossible because here I am."

Today, there are about seven female pilots in the FAD. However, no other woman has yet to join the combat squadron that Maj. Tejada belongs to. "I understand that there is now another class in flight school that has not yet graduated," she says with pride. "Among those female students is one pilot who wants to join the squadron, but she hasn't finished

her training yet. Let's hope that she does and that things go well for her and that she follows in my footsteps."

As might be expected, the female fighter pilot candidate confided in Maj. Tejada that she had decided to enter the military academy in order to follow in her footsteps. "On one occasion, she told me that she entered the academy basically because she had seen me in some interviews, in some of the newspaper articles there, and according to what she told me, that was her inspiration. She saw my story and that's why she chose to go to flight school." Maj. Tejada is aware that being a role model carries with it some responsibility. "It's a huge challenge because, as a woman and as a pioneer — and even if you're not a pioneer in something — as a woman, you know that you are always being watched to

see how well or how poorly you do things. So for me, this is a huge challenge and a great responsibility to have chosen this, and I have taken it on as such."

Even though Maj. Tejada had to adapt to life in an almost entirely male environment, that environment has also adapted to her, and to the new reality of coexisting in a military where women and men develop equally, according to their professional abilities. "The men have also had to learn how to coexist with me in the squadron, because all this time they've been used to being among men, and suddenly I come in and... They also had to adapt to the change, changing many things." But given our adaptability as human beings, this process ran its course and soon her peers began to see her for who she was, just another colleague in the squadron. "I think it's also been a huge challenge for the men, but thank God I've had their support," she says. "I haven't felt any discrimination for being a woman, not at all. My peers have always supported me in whatever I've needed, so I think we've been overcoming this situation in the best way."

Since her graduation and commission as a FAD officer, Maj. Tejada has continued specializing in her field and developing in her career through courses taught in her country and internationally. She has also shared her knowledge with others as an instructor. For example, she is an instructor specialized in the airplane that she graduated from flight school on, the T-35B Pillán. She is also the first Dominican woman to pilot the A-29 Super Tucano, a light attack fighter that is in high demand in Latin America and other regions for its ease of use in air patrols. In the Dominican Republic, the Super Tucano is instrumental in Air Force programs for defending sovereign air space and interdiction.

That was how one day Maj. Tejada got the news that after an arduous selection and qualification process based on her knowledge, experience, and rank, she had been chosen from among three finalists to report to IAAFA's 318th Training Squadron as a guest instructor for two years - 2015 to 2017. "This really feels like the most wonderful experience I've had in my career. I'm learning a lot. I've been here for seven months now, and trust me, I feel like a completely different person than when I arrived, both personally and professionally," she told *Diálogo* in May 2016 during a visit to IAAFA. "I have grown personally, as I've had to be independent and look after myself since I live alone. Coming to a country that's not your own, with the language barrier, hasn't been easy. But I've found support from people — and from my colleagues as well, thank God. They've really supported me here."

In addition to her presence at the academy serving to foster the inclusion of women and their role in armed forces throughout the Americas, Maj. Tejada also teaches a course on instrument flight procedures to students from several nations across the two continents. "When we're in the classroom, we see how in one country they use a procedure that

“When I joined the military, I had no role model to follow, because there weren't any women. So I had to blaze my own trail as a woman.”

coisas.” No entanto, devido à adaptabilidade que temos como seres humanos, o processo seguiu seu curso e logo os colegas começaram a vê-la como uma colega a mais do esquadrão. “Acredito que, para eles, também foi um grande desafio, mas graças a Deus tive o apoio deles”, garantiu. “Não senti qualquer discriminação por ser mulher. Meus colegas sempre me apoiaram no que precisei, portanto acredito que conseguimos contornar a situação da melhor forma possível.”

Depois de formada como oficial da FAD, a Maj Tejada continuou se especializando em sua área e aperfeiçoando sua carreira por meio de cursos, tanto no âmbito nacional

como internacional, e transmitindo seus conhecimentos como instrutora. Ela é, por exemplo, instrutora especializada da aeronave de voo na qual se formou, o T-35B Pillán. Ela também é a primeira dominicana a pilotar o A-29 Super Tucano, uma aeronave leve de ataque, com muita demanda nos países latino-americanos e em outras regiões, por sua facilidade de uso no patrulhamento aéreo. Na República Dominicana, o Super Tucano é instrumental nos programas de soberania aérea e interdição da Força Aérea.

Foi assim que, um dia, a Maj Tejada recebeu a notícia que, após um árduo processo de seleção e qualificação com base em sua experiência, conhecimentos e classificação, tinha sido selecionada entre três finalistas para ir ao Esquadrão de Treinamento N.º 318 da IAAFA como instrutora convidada durante dois anos, de 2015 a 2017. “Acho que esta foi realmente a experiência

mais maravilhosa que tive na minha carreira. Estou aprendendo muito. Estou aqui há sete meses e, acredite, sinto-me uma pessoa totalmente diferente de quando cheguei, tanto pessoal quanto profissionalmente”, garantiu, em maio de 2016, durante uma visita da *Diálogo* à IAAFA. “Cresci como pessoa, porque tive que ser independente e fazer minhas próprias coisas, pois moro sozinha. Vir a um país que não é o seu, com a barreira do idioma, não é fácil. No entanto, encontrei apoio das pessoas, de meus colegas, que também me apoiaram muito aqui, graças a Deus.”

Além de sua presença na academia servir para promover


a inclusão e o papel das mulheres nas forças militares americanas, a Maj Tejada dá o curso de procedimentos de voo por instrumento a alunos de vários países das Américas. “Quando estamos nas aulas, vemos que em um país usam um procedimento um pouco diferente daquele que usam em outro, então todos esses conhecimentos se misturam e você alcança a perfeição em uma determinada área. É importante que conheçamos os outros países.”

Sob seu comando, eles aprendem, por exemplo, a pilotar uma aeronave somente com o uso de instrumentos, no caso de uma tempestade não permitir realizar um voo normal, uma prática que exige um nível de habilidade muito maior do que em voos regulares.

Pela sua evolução na IAAFA, a Maj Tejada ganhou o Reconhecimento ao Instrutor de Nação Parceira para o período entre agosto e dezembro de 2016. “O reconhecimento é uma apreciação aos instrutores de nações parceiras por suas habilidades estelares de ensinamento”, disse à *Diálogo* a Coronel da Força Aérea dos EUA Monica Partridge, comandante da IAAFA. “A Maj Tejada tem sido um elemento vital para o nosso núcleo de instrutores,” ressaltou. “Ela nos ajuda a melhorar nosso conteúdo de instrução e o nível de instrução de voo que a academia oferece a nossos alunos de nações parceiras.”

O intercâmbio cultural e entre diferentes países também é fundamental no desenvolvimento da aprendizagem mútua. “Quando você ensina, também aprende com o intercâmbio de conhecimentos de diferentes países. Tenho a sorte de ensinar estudantes de diferentes países da América Latina; é um intercâmbio de conhecimentos, tanto com os alunos quanto com meus colegas instrutores, do meu ambiente e da cultura dos Estados Unidos. Por isso entendo que esta tenha sido, sem dúvida, a experiência mais maravilhosa que tive em minha carreira militar.”

A experiência como instrutora convidada na IAAFA não significa apenas um marco na carreira militar da Maj Tejada, mas também lança um precedente importante para as futuras pilotos dominicanas e do mundo inteiro. “Acredito que [esta experiência] me mudará de forma positiva, pelo crescimento profissional e pessoal. Sei que estes conhecimentos que estou adquirindo aqui na IAAFA serão transmitidos ao meu país; vou poder ser comunicadora daquilo que aprendi e, portanto, não vai servir somente para mim, mas também para meus colegas e para as gerações que eu tiver que ensinar quando voltar ao meu país.”

Depois de concluída a sua missão na IAAFA ao final de 2017, a Maj Tejada voltará para a República Dominicana cheia de lições obtidas por meio de desta oportunidade. Ela seguirá sua vocação de instrutora, através da qual poderá lançar novos conhecimentos às novas gerações de pilotos dominicanos. “Antes de vir, já era instrutora. Mas, agora, volto com novos conhecimentos. Tenho a expectativa de continuar aprendendo e de continuar ensinando também.” 

“Vou poder ser comunicadora daquilo que aprendi e, portanto, não vai servir somente para mim, mas também para meus colegas e para as gerações que eu tiver que ensinar quando voltar ao meu país.”



is slightly different from what they use in another country. So all of this knowledge blends together and you reach a level of perfection in a given area. It's important that we learn from other countries."

Under her command, the students learn, for instance, how to fly a plane using only their instruments in the event that a storm does not allow them to fly as they normally would, with a clear view of the environment around them — a practice that requires a far more demanding skill level than in regular flights.

For her role at IAAFA, Maj. Tejada earned the Partner Nation Instructor of the Class Award for August-December 2016. "The award recognizes the partner nation instructor and their stellar teaching skills," U.S. Air Force Colonel Monica Partridge, IAAFA commandant, told *Diálogo*. "Maj. Tejada has been a vital addition to our instructor cadre," she highlighted. "[She] continues to help improve our course content and the level of flying instruction the academy provides to our partner nation students."

This cultural and international exchange is also instrumental in developing shared learning. "When you teach, you also learn by exchanging knowledge from different countries. I'm delighted to be teaching students from different countries in Latin America, and

A Maj Tejada ensina o curso de procedimentos de voo por instrumento na Academia Interamericana das Forças Aéreas, na Base Aérea Lackland, em San Antonio, no Texas.

Major Tejada teaches the Instrument Pilot Training course at the Inter-American Air Forces Academy, at Lackland Air Force Base in San Antonio, Texas.

it's an exchange of knowledge, both with the students and with my fellow instructors — between where I'm from and the culture of the United States itself. That's why I think this has been, without a doubt, the most wonderful experience that I've had in my military career."

Maj. Tejada's experience as an IAAFA guest instructor is not only a milestone in her own military career, but it also sets an important precedent for future female pilots in the Dominican Republic and throughout the world. "I think [this experience] is going to change me in a positive way, from the growth that I feel on a professional and personal level. I know that this knowledge that I am learning here at IAAFA is something that I will transmit to others in my country. I'm going to be able to be a communicator of what I've learned, and it's not only going to help me, but it will also help my peers back home and future generations who I will continue to teach when I return to my country."

When her IAAFA assignment ends towards the end of 2017, Maj. Tejada will return to the Dominican Republic with an array of lessons learned through this opportunity. She will continue her career as an instructor, a vocation through which she will be able to impart new knowledge to new generations of Dominican pilots. "Before I came here, I was already an instructor. But now I'm leaving with new knowledge. My hope is to continue learning and to continue teaching as well." **D**

“I’m going to be able to be a communicator of what I’ve learned, and it’s not only going to help me, but it will also help my peers back home and future generations who I will continue to teach when I return to my country.”

Brasil, Chile e Estados Unidos

AVANÇAM

NO DESENVOLVIMENTO

de pesquisa cívico-militar

TEXTO E FOTOS: MARCOS OMMATI/DIÁLOGO

Com uma presença bem estabelecida no Chile e agora com um escritório no Brasil, o Comando de Engenharia, Desenvolvimento e Pesquisa do Exército dos Estados Unidos participa com ambos os países em projetos que buscam melhorar a vida dos militares das nações parceiras.

Desde o início das operações com os tanques Leopard 2, o Exército do Chile vem medindo e estudando seu funcionamento e comportamento em diversos cenários geográficos do país, tais como os terrenos muito elevados, os nevados e os áridos. O Chile tem o deserto mais seco do mundo e certos elementos que o tornam único, como a chamada *chusca*, um tipo de areia muito fina e extremamente leve que existe no deserto de Atacama, onde os tanques têm que enfrentar a saturação e a abrasão deste tipo incomum de pó, que tem a consistência parecida com a do talco.

Os problemas com a operação de tanques e outros equipamentos militares em desertos também não é nada novo para os Estados Unidos. Durante a Guerra do Golfo — de 2 de agosto de 1990 a 28 de fevereiro de 1991 —, na sua fase de combate que ficou conhecida como Operação Tempestade no Deserto, foram muitas as dores de cabeça enfrentadas nas areias árabes ao serem utilizados os tanques americanos de terceira geração M1 e os britânicos Challenger, mas que depois de vários testes, melhoraram sobremaneira com o passar dos anos.

Deserto de Atacama

Para ter uma ideia melhor deste tipo de dor de cabeça, *Diálogo* viajou a Iquique, na região norte do Chile, para ver de perto o trabalho

realizado pelos militares e técnicos americanos e chilenos ao tentar resolver o problema da *chusca*, além de outros relativos ao funcionamento de equipamentos militares no deserto. *Diálogo* visitou o Centro de Treinamento de Combate Blindado (CECOMBAC, por sua sigla em espanhol), que é uma unidade de formação pertencente ao Comando de Educação e Doutrina do Exército do Chile e “que tem como propósito instruir e manter preparado o pessoal que opera o material blindado da instituição, além de colocar à sua disposição ferramentas que permitem aprender as técnicas e táticas de manobra de guerra blindada”, conforme nos informou o Tenente-Coronel Jorge Maya Lado, chefe do Departamento I de Pesquisa e Desenvolvimento do Exército chileno.

Depois de ver o trabalho realizado no CECOMBAC, oficiais do Exército chileno convidaram *Diálogo* a embarcar num de seus tanques de guerra e ver mais de perto os efeitos da *chusca* sobre esses veículos, durante uma travessia pelo deserto de Atacama. Uma aventura única e, de fato, fascinante.

“Os Exércitos do Chile e dos EUA enfrentam atualmente situações comuns, tais como as operações em terrenos desérticos, tornando-se necessária a elaboração de um anexo ao Acordo de Intercâmbio de Informações com a finalidade de promover estudos e pesquisas até que se encontre uma solução também

A *chusca*, areia composta por um pó finíssimo que parece talco, é um dos piores inimigos do Exército chileno no deserto de Atacama.

Chusca, a fine, powder-like sand, is one of the worst enemies of the Chilean Army in the Atacama Desert.



comum”, comentou o General-de-Brigada Hernán Araya Santis, que está em seu terceiro ano como diretor de Projetos e Pesquisa do Exército chileno. A instituição a seu cargo é uma organização do Estado-Maior do Exército do Chile, “cuja função principal é assessorar o comandante-em-chefe em duas áreas principais: a implementação de capacidades militares por meio de projetos e a área envolvida em pesquisa e desenvolvimento das capacidades militares através da elaboração e gestão de políticas”, explicou à *Diálogo* o Tenente-Coronel do Exército chileno Alejandro Gomez.

RDECOM-Américas

Nos EUA, a entidade que corresponde a este organismo do Chile é o Comando de Engenharia, Desenvolvimento e Pesquisa do Exército dos Estados Unidos, a RDECOM (por sua sigla em inglês), cuja sede principal na América do Sul fica em Santiago, a capital chilena. “A decisão de abrir a base no Chile foi tomada no início dos anos 2000. Aproveitamos que já havia uma associação entre os militares chilenos e a Marinha dos EUA para apresentar a ideia ao Departamento de Defesa americano, o qual aceitou imediatamente a sugestão”, disse o General-de-Brigada do Exército dos Estados Unidos Anthony Potts, subcomandante da RDECOM.

O Gen Brig Potts esteve no Chile no final de março para observar a elaboração de projetos conjuntos entre os dois países. “O Exército chileno me deixou uma impressão muito boa; trata-se de um excelente parceiro, com uma excelente capacitação de seu pessoal.

Examinamos parte do trabalho que planejam levar a cabo na África e também consideramos suas realizações em ciência e tecnologia”, disse o general.

Um desses projetos é o processamento de sinais para o reconhecimento de linguagens, um trabalho conjunto entre o Exército e a Marinha dos EUA, que inclui universidades chilenas. “A melhor forma de comunicar-se é conversar uns com os outros, sendo que esta comunicação fica muito melhor se pudermos reconhecer a forma de falar e o estilo de cada pessoa. Desta maneira, podemos ensinar uma máquina a reconhecer nossa forma de falar, para que um militar possa se comunicar com ela. Esta máquina, então, pode atuar em nome deste militar, sem que seja preciso pressionar vários botões, escrever sem parar ou mover uma alavanca de controle. Imagine se pudéssemos simplesmente dizer à máquina que operação desejamos que ela realize e, em seguida, ela a realizasse. Este tipo de ciência e tecnologia é realmente ideal para se trabalhar em parceria. É o caminho que nos conduz ao futuro”, explicou o Gen Brig Potts.

Novo escritório no Brasil

Ao final da mesma viagem, o Gen Brig Potts participou da cerimônia de abertura oficial do escritório da RDECOM no Brasil, realizada no Consulado dos Estados Unidos em São Paulo. “Temos um longo histórico de cooperação acadêmica, não só em São Paulo, mas em todo o Brasil. É uma história de 60 anos de intercâmbio acadêmico que inclui o Programa de Bolsas da Fulbright, pelo qual passaram quase 7.000 brasileiros e americanos ao longo dessas seis décadas. Entre os bolsistas figuram autoridades importantes, como ministros de estado, líderes acadêmicos, reitores de universidades e outros. Este é um centro de estudos, ideias e colaboração. A RDECOM será um ator central em todo esse processo”, informou à *Diálogo* o cônsul geral dos Estados Unidos em São Paulo, Ricardo Zúñiga.

“São Paulo é um dos grandes centros de pesquisa das Américas. Conta com algumas das melhores faculdades de engenharia e ciências das Américas. Estão estreitamente vinculados às Forças Armadas daqui, tanto em aviação como outras áreas e setores,

sendo por isto muito importante ter um bom nível de colaboração, não só em ciências básicas, mas também nas áreas das ciências que vão ser mais relevantes para a missão das Forças Armadas americanas. Como já temos uma presença aqui, podemos tentar aumentar essa colaboração e ver em que podemos trabalhar juntos”, afirmou o Coronel do Exército dos EUA e diretor da RDECOM-Américas, Allen Garrison.

Os militares americanos e as universidades brasileiras já trabalham em conjunto em diversos projetos

científicos, entre eles o de nanotecnologia. “A nanotecnologia é ótima porque aumenta a resistência e reduz o peso dos materiais. Por exemplo, nossas proteções balísticas (como os coletes à prova de balas), usadas por soldados do mundo inteiro, tendem a ser pesadas, pois esta é obviamente sua função: deter o impacto de uma bala. Com a nanotecnologia, descobrimos como fazer coletes mais leves, com material mais resistente”, explicou o Gen Brig Potts.

Trabalho com as universidades

O trabalho junto às universidades latino-americanas é fundamental para o sucesso dos projetos levados a cabo pelas Forças Armadas dos EUA na região, como explicou Denisse Szmigiel, diretora de tecnologia e subchefe da RDECOM-Américas. “Sem o auxílio financeiro proporcionado pelas bolsas e subsídios oferecidos pelo Departamento de Defesa dos EUA, muitos projetos que podem ser fundamentais para os militares, tanto dos EUA como de nações parceiras, nunca sairiam do papel”.

O Departamento de Pesquisa Naval Global (ONR, por sua



Membros do staff da RDECOM-Américas e da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil que participaram da inauguração do novo escritório em São Paulo.

Members of RDECOM-Americas and staff from the U.S. Embassy in Brazil, who participated in the inauguration of the new office in São Paulo.

Brazil, Chile, and the United States ADVANCE IN CIVILIAN-MILITARY RESEARCH AND DEVELOPMENT

With a well-established presence in Chile, and now with an office in Brazil, the U.S. Army Research, Development, and Engineering Command (RDECOM) collaborates with both nations on projects aimed at improving the lives of partner nations' men and women in uniform.

ARTICLE AND PHOTOS BY MARCOS OMMATI/DIÁLOGO

Ever since Leopard 2 tanks went into operation, the Chilean Army has studied and measured their performance and behavior in the country's diverse geographic landscapes, such as snowy, arid, and high-altitude terrain. Chile has the driest desert in the world, the Atacama Desert, which features certain elements that make it unique, such as a very fine and extremely light sand known as *chusca*. These tanks have had to face the saturation and abrasion characteristics particular to this unusual type of sand.

Problems with tanks and other military equipment operating in deserts is nothing new for the United States. During Desert Storm, the combat phase of the Gulf War, waged between August 2, 1990 and February 28, 1991, the use of third-generation U.S. M1 and British Challenger tanks in the Arabian Desert caused many headaches, but upon further testing and evaluation, improved drastically throughout the years.

The Atacama Desert

To better understand the challenges, *Diálogo* traveled to Iquique, a region in northern Chile, for a close-up look at the work being done between American soldiers, technicians, and their Chilean counterparts to solve the *chusca* problem, as well as others relevant to operating military equipment in the desert. *Diálogo* visited the Armored Combat Training Center (CECOMBAC, per its Spanish acronym), a Chilean Army Education and Doctrine Command training unit whose mission "is to teach the personnel operating the institution's armored equipment, keep them trained, and provide the tools that allow them to learn the techniques and tactics used in armored warfare," according to Lieutenant Colonel Jorge Maya Lado, the head of the Chilean Army's Research and Development Department.

After seeing the work being done at CECOMBAC, Chilean Army officials invited *Diálogo* aboard one of their battle tanks during a journey through the Atacama Desert to more closely see the effects *chusca* has on the vehicles — a unique and truly fascinating adventure.

"The Chilean Army and the U.S. Army are currently facing some of the same challenges, such as operations in desert terrain, requiring to create an addendum to the Information Exchange Agreement, in order to research and study in pursuit of a common solution," commented Chilean Army Brigadier General Hernán

Araya Santis, who has directed the Chilean Army Projects and Research division for three years. The institution under his command falls within the Chilean Army General Staff, "whose main function is to advise the commander in chief in two principal areas: the implementation of military capacities through projects, and the area involved in research and development of military capacities through policymaking and management," said Lieutenant Colonel of the Chilean Army Alejandro Gomez.

RDECOM-Americas

The U.S. counterpart to the Chilean institution is the U.S. Army Research, Development, and Engineering Command (RDECOM), whose South American headquarters is in Santiago, the Chilean capital. "That decision was made in the early 2000s. We took advantage of a partnership established by the U.S. Navy and the Chilean military, which already existed, and presented the idea to the U.S. Department of Defense, which accepted it right away," said U.S. Army Brigadier General Anthony Potts, the deputy commander of RDECOM.

Brig. Gen. Potts visited Chile at the end of March to observe the implementation of joint projects between the two countries. "I am very impressed with the Chilean Army; they are a great partner and have great capacity," he said. "We are looking at some of the work they are planning and preparing to do in Africa, as well as looking at some of their accomplishments in science and technology."

One of the projects he mentioned includes signal processing for speech recognition, a joint effort between the U.S. Army and U.S. Navy, which includes Chilean universities. "The best way we communicate is by talking to each other. It is best if we can recognize each other's speech and language style. Then, we can teach a machine how to recognize our speech, so you can have a soldier talk to a machine, and that machine operates on his behalf, instead of using a lot of buttons, typing, and joystick control. Just imagine if you could simply tell the machine what operation you want it to perform, and the machine can go and do that. This type of science and technology in this partnership is absolutely amazing because of where it will take us in the future," Brig. Gen. Potts explained.

New office in Brazil

At the end of the same trip, Brig. Gen. Potts participated in a

sigla em inglês) oferece por ano mais de US\$13 milhões que são divididos em 350 bolsas e subsídios, cobrindo mais de 50 países. A maior parte do financiamento se destina às universidades que levam a cabo pesquisas básicas a serem publicadas em revistas de nível superior deste setor.

“Em geral, temos três tipos de fundos: um fundo de viagens para permitir que os pesquisadores da América Latina, por exemplo, possam viajar aos EUA e apresentar seus trabalhos em alguma conferência ou laboratório do governo, ou em alguma universidade com a qual trabalhamos. Este fundo de viagens ajuda a fomentar o diálogo entre pesquisadores. O segundo é um fundo para ajudar a consolidar as pesquisas mais recentes e de maior impacto em alguma área em particular”, explicou Bradley Goodrich, diretor-associado do escritório no Chile da ONR, pertencente à Marinha dos EUA. “Achamos que estes dois tipos de bolsas são extremamente importantes para fomentar a comunicação que não pode ser feita apenas por e-mail ou *Skype*. Apertar as mãos de alguém, comprometer-se pessoalmente com algo, tomar um café juntos, tudo isto é sumamente importante para o progresso da ciência. O terceiro tipo de fundo é o de pesquisa e corresponde de um a três anos de capital inicial para colocar em marcha um projeto com o objetivo final de publicá-lo em uma revista científica”, acrescentou.

O consultor da área de Ciência e Tecnologia da RDECOM-Américas, José Larenas, disse à *Diálogo* que “temos duas missões, uma que tem a ver com as relações militar-a-militar, e a outra em ciência e tecnologia, sendo que em ambas é essencial estabelecer relações diplomáticas. Primeiro, é preciso que ambas as partes se sintam à vontade para, então, discutir os aspectos mais essenciais, ou seja, como usar a ciência, tecnologia e engenharia na busca de novos projetos de colaboração que beneficiem ambas as partes. Por isto sempre procuro ressaltar a relevância das relações humanas ou relações pessoais”.

Colaboração entre os países

“Estamos orgulhosos da colaboração entre os organismos tecnológicos, em particular com os nossos amigos do Chile, Colômbia e Brasil. Desde o início de 2004, quando as gestões para estabelecer os escritórios regionais começaram em Santiago, temos apoiado esta ideia. As conquistas destes 15 anos são impressionantes. Um bom exemplo são os acordos internacionais que permitem o desenvolvimento conjunto de novas tecnologias. A colaboração inclui a ciência básica, a ciência aplicada e o desenvolvimento de protótipos avançados em áreas tais como nanotecnologia, sensores, sistemas espaciais, aerodinâmica, materiais, energia renovável e combustíveis alternativos. Mais do que tudo, estou muito entusiasmado com a perspectiva de futuros descobrimentos por nossos pesquisadores. Tenho certeza de que as novas capacidades melhorarão as condições de vida da população da região”, disse Juan A. Hurtado, ex-assessor da área de Ciência e Tecnologia do Comando Sul dos EUA.

Duas forças aéreas, um só objetivo

A Força Aérea dos Estados Unidos (USAF, por sua sigla em inglês) considera que a Força Aérea do Chile (FACH) é uma parceira chave na região e, como informou a Academia Nacional de Ciências em seu informe de 2014, o Chile é “o principal país da América do Sul para satisfazer muitas das necessidades

do Departamento de Defesa americano na área de Ciência e Tecnologia (CT)”. A FACH tem uma frota de mais de 40 aviões F-16. É o único país latino-americano que voa neste avançado avião de combate, junto com a USAF.

O Tenente-Coronel Michael Martínez dirige o Escritório Sul de Pesquisa Científica da Força Aérea dos EUA (AFOSR, por sua sigla em inglês), que fica na embaixada americana em Santiago. Ele explica que “para abordar os desafios de CT, a FACH conta com o Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Ciências Aeroespaciais (CIDCA); em 2015, a AFOSR subscreveu um documento com os Termos de Referência, o qual define as metas e objetivos comuns de CT com a FACH. As duas organizações têm agora três projetos de pesquisa e colaboração, perfeitamente alinhados com algumas das características naturais únicas do Chile: sua biodiversidade e os céus, tão claros e tão escuros”.

Um dos projetos é a pesquisa de bio-corrosão de ligas metálicas causadas por extremófilos, que são microorganismos que prosperam em ambientes áridos como o da Antártida. Este é um esforço conjunto com a Força Aérea tailandesa para formar uma pesquisa trilateral que busca formas de proteger equipamentos militares importantes, tais como os F-16.



O Tenente-Coronel do Exército do Chile Jorge Maya Lado (esq.) explica ao General-de-Brigada do Exército dos Estados Unidos Anthony Potts as características de um projeto desenvolvido pelo Instituto Geográfico Militar chileno.

Chilean Army Lieutenant Colonel Jorge Maya Lado (left), explains the characteristics of a project developed by the Chilean Military Geographic Institute to U.S. Army Brigadier General Anthony Potts.

Um segundo projeto aproveita as câmaras de baixo custo chamadas de *All-Sky*. Depois de coletar múltiplas imagens com estes sensores, o grupo de pesquisa utiliza algoritmos matemáticos para combinar as imagens e melhorar a resolução, o que permite uma melhor observação dos satélites em órbita, ao mesmo tempo que permite monitorar uma ameaça cada vez mais perigosa, o lixo espacial.

O Ten Cel Martínez disse à *Diálogo* que está entusiasmado com estes projetos de colaboração e espera que surjam novas oportunidades no futuro próximo, uma vez que procuram juntar os recursos de CT para resolver os problemas comuns às forças aéreas de ambas as

ceremony to mark the official inauguration of a RDECOM office in Brazil, which was held at the U.S. Consulate in São Paulo. “We have a long history of academic cooperation, not just in São Paulo, but throughout Brazil,” U.S. Consul General in São Paulo Ricardo Zúñiga told *Diálogo*. “We have a 60-year history of academic exchange – the Fulbright Program – through which almost 7,000 Brazilians and Americans have completed over the course of those 60 years, and they are some of the top figures, to include ministers, people in very high levels of industry, academic leaders, university presidents, and so forth. This is a center for that kind of thinking and collaboration. RDECOM is going to be a central player in that,” he added.

“São Paulo is one of the great research centers of the Americas. It has some of the top universities with engineering and science programs in Brazil, and in the Americas. They are very closely connected to the Armed Forces here, both in aviation and in other areas and sectors, so it is very important to have good collaboration, not just on basic science, but on science that is going to be relevant to the mission of the U.S. Armed Forces,” said U.S. Army Colonel Allen Garrison, director of RDECOM-Americas. “We have a presence here so we can increase the collaboration and see where we can work together.”

U.S. service members and Brazilian universities already work together on diverse scientific projects including nanotechnology. “The beauty of nanotechnology is both strength and weight reduction,” Brig. Gen. Potts explained. “For instance, our ballistic protections (bullet proof vests), which soldiers use all over the world, tend to be heavy because they are obviously intended to stop the impact of a bullet. So, with nanotechnology, we figure out how to make it lighter and the material stronger.”

Working with universities

Working closely with Latin American universities is essential to the success of U.S. military projects in the region. “Without the financial assistance provided by scholarships and grants offered by the U.S. Department of Defense, many projects that might be essential to U.S. and partner nations’ service members would never get off the ground,” Explained Denisse Szmigiel, the technical director and deputy director of RDECOM-Americas.

To get a better idea, the Office of Naval Research (ONR) alone grants more than \$13 million per year, which is distributed in over 50 countries through 350 scholarships and grants. Most of the funding goes to universities to perform basic research for publication in advanced research journals.

“In general we have three grant types: a travel grant that helps bring scientists from Latin America to the U.S. to present their work at a conference, government lab, or a university we are working with. The second type is a conference grant to help consolidate the biggest and most recent research in a given field,” said Bailey Goodrich, associate director of the Department of the Navy’s ONR in Chile. “We think those two grant types are absolutely important to foster communication that can’t happen over e-mail and *Skype*. Shaking hands, making commitments, and having coffee together are really important to advancing science; and the third is a research grant – one to three years of seed money to get a project going with the ultimate goal of publishing in a journal,” he added.

“We have two missions, military-to-military relations on the one hand, and science and technology on the other, and establishing diplomatic relationships is critical for both. First, both sides should feel comfortable so that later, hard aspects like science, technology and engineering may be debated in the search for new collaborative projects beneficial to both parties,” Jose Larenas, science and technology (S&T) advisor for RDECOM-Americas told *Diálogo*. “This is why I always emphasize the relevance of human relationships, which are personal relationships.”

Partnership between nations

“We’re extremely proud of the partnerships between technology enterprises, particularly with our partners in Chile, Colombia and Brazil. Since the beginning of 2004, when arrangements to establish regional offices began in Santiago, Chile, we have supported this concept,” Juan A. Hurtado, former advisor to U.S. Southern Command’s Science and Technology division told *Diálogo*. “The achievements accomplished in these 15 years have been remarkable. For example, the framework includes international agreements which allow for co-development of new technologies. The partnership spans basic and applied science, as well as the development of advanced prototypes in areas such as nanotechnology, sensors, space systems, aerodynamics, materials, renewable energy, and alternative fuel. More than anything else, I am excited about what the next generation of innovators will discover in the future. I’m certain that the new capacities will improve conditions for the regional population.”

Two Air Forces, a single objective

The U.S. Air Force (USAF) considers the Chilean Air Force (FACH, per its Spanish acronym) a key partner in the region, and, as the National Academy of Science reported in 2014, Chile is “the main country in South America to meet many U. S. Department of Defense Science & Technology needs.” The Chilean Air Force maintains an inventory of over 40 F-16 aircraft, making it the only Latin American country flying this advanced USAF fighter.

Lt. Col. Michael Martinez directs the regional Air Force Office of Scientific Research (AFOSR) at the American Embassy in Santiago. “To address S&T challenges, the FACH has the Research & Development Center in Aerospace Science (CIDCA). In 2015, AFOSR signed a Terms of Reference document to declare common S&T goals and objectives with the FACH. The two organizations now have three research and collaboration projects, perfectly aligned with some of Chile’s unique natural features: its biodiversity and its clear, dark skies,” he explained.

One project is investigating bio-corrosion on metallic alloys caused by extremophiles, which are tiny microorganisms that thrive in harsh environments such as the Antarctic. This effort is in conjunction with the Thai Air Force, forming a tri-lateral investigation seeking to protect valuable military platforms, such as the F-16.

A second project leverages low-cost *All-Sky* cameras. After capturing multiple images with those sensors, a research group uses mathematical algorithms to fuse the images and improve resolution, allowing better observation of orbiting satellites and the ever-growing threat, space debris.

nações. Os custos são compartilhados, mas os benefícios também.

Conforme disse Christopher Nyce, oficial de saúde, tecnologia, ciência, meio-ambiente e energia da Embaixada dos Estados Unidos no Chile: “Quanto mais os países puderem avançar em termos de ciência e tecnologia, mais poderemos nos beneficiar e aproveitar o que eles aprenderam para, assim, aplicar os novos conhecimentos também ao nosso próprio entorno. Podemos ver isto no Chile com a sismologia. Não há melhor lugar para estudar a sismologia do que no Chile. O que significa isto para os EUA? Por que isto importa? Bem, podemos realmente aprender mais aqui no Chile e, em seguida, aplicar essa ciência nos EUA para ajudar, desta forma, a proteger a nossa própria comunidade e salvar vidas.”

CEMSE

Diálogo visitou alguns centros de excelência em pesquisa militar do Exército chileno na capital, Santiago. A primeira parada foi no Centro de Modelos e Simulação do Exército (CEMSE), cuja missão é, entre outras coisas, pesquisar, experimentar e apoiar a tomada de decisões sobre a aquisição de sistemas de armas e treinamento de combate.

“O centro permite articular e formar projetos com universidades e empresas chilenas para alcançar resultados que sirvam à defesa e à sociedade como um todo. Aqui reforçamos a pesquisa nas áreas de ciências militares e tecnologias aplicadas”, explicou o diretor do CEMSE, Tenente-Coronel do Exército chileno Víctor Cantillana Vera.

Para cumprir o que promete, o centro emprega técnicas e modelos de simulação e simuladores que abrem a possibilidade de efetuar o treinamento dos diferentes sistemas de armas, com a ajuda de modelos mecânicos e computadorizados. Estes equipamentos tornam possível a prática em um espaço virtual e contribuem para o rendimento humano através do uso intensivo e reiterado dessas tecnologias. Além disso, utilizam a inteligência artificial para recriar ambientes extremos que permitem ao aluno aprender, instruir-se, capacitar-se e receber treinamento, enquanto interage com outros para ganhar experiências e conhecimentos que, em seguida, serão aplicados na vida real.

CEOTAC

Diálogo visitou em seguida o Centro de Treinamento Operacional Tático. O CEOTAC, um organismo parte da Academia de Guerra do Exército, é um centro de treinamento onde empregam o que chamam de “Simulação Construtiva”, para desenvolver exercícios de condução militar, de emergências e desastres, e operações de paz, contribuindo desta forma às três áreas estratégicas do Exército chileno: Defesa, Exército e Sociedade, e Segurança e Cooperação Internacional.

O chefe do Departamento de Engenharia do CEOTAC, Tenente-Coronel Carlos Gómez Ortiz, disse que “os sistemas em exploração já permitiram capacitar mais de 18.500 militares, tanto em espanhol como em inglês, e demonstraram ser ferramentas valiosas para o treinamento da força terrestre militar e de outras organizações civis, tanto nacionais como internacionais.” Os três sistemas de simulação: Sistema de Treinamento Tático Computadorizado (SETAC3), Sistema de Gestão e Treinamento para Emergências (SIGEN), e o Sistema de Simulação para Operações de

Paz (SIMUPAZ) foram concebidos e desenvolvidos por membros do Exército chileno, com apoio de universidades nacionais.

SETAC3, SIGEN e SIMUPAZ

O SETAC3 é um sistema de simulação que representa as diferentes variáveis do campo de batalha e é usado para o treinamento na condução de unidades, desde um pelotão até uma divisão, mediante a geração de estímulos para o processo de tomada de decisões dos níveis táticos, operacionais e estratégicos. O software conta com módulos que admitem o desenvolvimento de novas ferramentas, bem como a preparação e criação de cenários e exercícios.


O SIGEN é uma ferramenta de computação de alto nível tecnológico, concebida pelo CEOTAC para o treinamento em tomada de decisões em situações de emergência. Através de um sistema de representação de papéis e por meio de uma rede local, ele complementa os níveis de gestão, capacidade de reação e tomada de decisões de colaboração entre as autoridades responsáveis pela gestão das emergências naturais, antrópicas, sócio-organizativas e tecnológicas.

Por último, o SIMUPAZ é um sistema de treinamento desenvolvido como resultado de um projeto de desenvolvimento tecnológico bilateral chileno-argentino, que conta com um componente de comando e controle e um Sistema de Informação Geográfica. Ele se destina a aperfeiçoar as competências no processo de tomada de decisões dos comandantes e oficiais superiores que cumprem missões de paz, de acordo com as normas definidas pelas Nações Unidas.

IGM e IDIC

Do CEOTAC, *Diálogo* se dirigiu ao Instituto Geográfico Militar (IGM), que há mais de 90 anos se dedica ao serviço geográfico e cuja missão, nas palavras do seu diretor, Coronel José Riquelme Muñoz, é “ser a referência nacional em geração de informação geoespacial”. Ele disse também: “Nossa missão é dispor de informação cartográfica em diferentes escalas e formatos, da mesma forma que a orientada à difusão do conhecimento geográfico nacional, além de representar o país em diferentes organismos internacionais relacionados com as ciências da terra”.

Por último, *Diálogo* visitou o Instituto de Pesquisa e Controle do Exército do Chile (IDIC), que é um centro de certificação de qualidade, assessoria e pesquisa, onde verificam todo o material ou suprimentos militares, os sistemas de defesa adquiridos ou que estão sendo usados pelo Exército chileno. “Temos a relevante missão de inspecionar a qualidade – com ênfase na segurança – de todos os explosivos, armas, acessórios e munições de uso civil sujeitos ao controle, nos termos da Lei Sobre Controle de Armas”, declarou o diretor do IDIC, Coronel Rodrigo Sobarzo Véliz, do Exército do Chile.

Depois de ver de perto os trabalhos desenvolvidos entre os militares e universidades do Brasil, Chile e Estados Unidos, é difícil não pensar nas palavras do Gen Brig Potts. “Sinto uma profunda admiração pelo trabalho em parceria que conseguimos realizar no Chile e Brasil. A emoção de trabalhar em parceria com nossos amigos sul-americanos é algo que enche de orgulho a todos nós, sul-americanos e estadunidenses. Estou emocionado de ver o que podemos realizar com estas e outras nações parceiras.” 

Lt. Col. Martinez told *Diálogo* that he is thrilled about these collaborative projects, and is hopeful that new opportunities will emerge in the near future. In the end, they link S&T resources to solve problems common to both nations' air forces, sharing both the costs and the benefits.

"The better the countries are at developing science and technology, the more we are able to also benefit from learning from what they learn and applying it in our own space. We see that in Chile with seismology, for example. There is almost no better place to study seismology than in Chile. What does that mean for the U.S.? Why do we care? Well, we could actually learn how to do better science here in Chile, and then apply it back in the U.S. to help protect our own people and save lives," said Christopher Nyce, a health, technology, science, environment, and energy official from the U.S. Embassy in Chile.

CEMSE

Diálogo visited several Chilean Army Centers of Excellence in Military Research in Santiago. The first stop was at the Army Center for Modeling and Simulation (CEMSE, per its Spanish acronym), whose mission is to research, experiment, and assist in the decision-making process regarding the acquisition of weapons systems and combat training, among others.

"The center allows us to define and create projects with Chilean businesses and universities in order to achieve results useful both for defense, and for society as a whole. Here, we emphasize research in the areas of military science and applied technology," explained Chilean Army Lieutenant Colonel Víctor Cantillana Vera, CEMSE director.

To fulfill what it promises, the center employs techniques, simulation models, and simulators, which make it possible to undergo training in the different weapons systems, with the help of mechanical and computerized models. This equipment makes it possible to practice in a virtual environment and contribute to human performance through the intense and repetitive use of these technologies. Furthermore, artificial intelligence is used to recreate extreme environments which allow students to learn and train while interacting with others to gain experience and knowledge that will later be applied in the real world.

CEOTAC

Later, *Diálogo* visited the Tactical Operations Training Center (CEOTAC, per its Spanish acronym), an Army War College training center that uses constructive simulation to develop military, emergency, disaster and peacekeeping exercises, thereby contributing to the Chilean Army's three strategic areas: defense, army and society, and security and international cooperation.

"The systems in operation have enabled the training of more than 18,500 troops, in Spanish and English alike, and have proven to be an efficient and economic tool to train the military land force, as well as other national and international civilian organizations," said Chilean Army Lieutenant Colonel Carlos Gómez Ortiz, the head of CEOTAC's Engineering Department. The three simulation systems include the Computerized Tactical Training System (SETAC3), the Emergency Management and Training System (SIGEN), and the Peacekeeping Operations Simulation

(SIMUPAZ). These simulations were designed and developed by Chilean Army personnel with assistance from national universities.

SETAC3, SIGEN, and SIMUPAZ

SETAC3 is a simulation system that depicts the different battlefield variables used for training on how to lead units, from a squadron up to a division. This is accomplished through the creation of stimuli for the decision-making process at the tactical, operational, or strategic levels. The software features modules which allow for the development of new tools, as well as the design and creation of scenarios and exercises.


SIGEN is a technologically advanced computational tool designed by CEOTAC for decision-making training in emergency situations. This software uses a role-playing system while a local network connection complements levels of user control, reaction capacity, and decision making, in collaboration with authorities responsible for managing natural, social, anthropogenic, and technological emergencies.

Finally, SIMUPAZ is a training system developed from a bilateral Chilean-Argentine technological development project. The software features a command-and-control component and a geographical information system, and it is intended to perfect decision-making skills for commanders who carry out peace missions in accordance with the standards defined by the United Nations.

IGM and IDIC

From CEOTAC, *Diálogo* moved on to the Military Geographic Institute (IGM, per its Spanish acronym), which has been dedicated to geographic service for more than 90 years. Its mission is, "to be the national standard in the creation of geospatial information," according to Chilean Army Colonel José Riquelme Muñoz, its director. "Our mission is to have cartographic information available in different scales and formats, just as the one focused on the distribution of national geographical knowledge is, while representing the country in different international organizations related to Earth sciences."

Lastly, *Diálogo* visited the Chilean Army Institute of Research and Control (IDIC, per its Spanish acronym), a certification center for quality, consulting and research. This is where all supplies, provisions and acquired defense systems, or those currently being used by the Chilean Army are verified. "We have the relevant mission to inspect the quality, with an emphasis on security, of all explosives, weapons, accessories and ammunition for use by civilians, which are subject to control under the Arms Control Law," said Chilean Army Colonel Rodrigo Sobarzo Veliz, IDIC director.

After closely observing the work accomplished between the military and universities in Brazil, Chile, and the United States, it is difficult to forget the words of Brig. Gen. Potts, "I am absolutely amazed at the partnerships we have in Chile and Brazil. The excitement of the partnerships with our South American friends is something that South America should be proud of, and the Americans should be proud of. I am excited to see what we can accomplish with these and other partner nations." 



Suboficiais e subtenentes são a

COLUNA VERTEBRAL

DAS FORÇAS ARMADAS

O programa do Comando Sul dos Estados Unidos para profissionalizar os corpos de suboficiais e de subtenentes de nações parceiras avança com resultados positivos.

— GERALDINE COOK/DIÁLOGO —

“Os suboficiais e subtenentes são a coluna vertebral de seu núcleo, de sua arma”, disse o Subtenente do Exército dos Estados Unidos e Adjunto de Comando do Comando Sul dos EUA (SOUTHCOM), Bryan K. Zickefoose, aos suboficiais e subtenentes das Forças Armadas hondurenhas que participaram de um intercâmbio entre especialistas dos dois países. O evento foi realizado na Escola de Inteligência Militar do Exército de Honduras, em Tegucigalpa, de 16 a 18 de maio. “Os suboficiais e subtenentes fazem a diferença nas forças armadas”, disse o S Ten Zickefoose.

Acompanhado por uma delegação de subtenentes e suboficiais superiores do SOUTHCOM, o S Ten Zickefoose falou sobre a importância do papel do suboficial superior, sua relação com o comandante e sua importância para as forças armadas. “Os suboficiais e subtenentes são os olhos e os ouvidos do comandante; eles são responsáveis por entender, reforçar e explicar a intenção do comandante”, acrescentou. “São eles que fazem cumprir as normas e a disciplina, resolvem os problemas utilizando a cadeia de comando e são um exemplo para seus subordinados.” E acrescentou: “é uma honra ser o adjunto de comando do SOUTHCOM. É uma honra simplesmente poder trabalhar junto ao grupo de comando e entender como podemos levar esta unidade militar ao próximo nível cada vez que fazemos algo”.

Este intercâmbio faz parte de um programa promulgado pelo

SOUTHCOM para aprofundar a profissionalização dos corpos de suboficiais e subtenentes das forças armadas de nações parceiras. Entre vários objetivos, o programa tem a intenção de mostrar como funciona a cadeia americana de comando e colaborar com os militares das forças armadas dos países amigos para desenvolver corpos de suboficiais e subtenentes mais profissionais.

As Forças Armadas de Honduras reconhecem a importância de profissionalizar seus suboficiais e subtenentes. “Um dos objetivos mais importantes é conseguir uma aproximação maior com os suboficiais e subtenentes”, disse o General-de-Brigada René Orlando Ponce Fonseca, comandante do Exército de Honduras aos participantes. “Conhecemos perfeitamente o grande trabalho, a grande disposição, o nível de liderança e a grande influência que têm os suboficiais e subtenentes, em todas as tarefas que desempenham, para nossa missão.” Como parte da agenda de discussão do evento, os suboficiais e subtenentes das Forças Armadas de Honduras apresentaram os avanços e os desafios que enfrentam, em seu dia a dia, para uma profissionalização completa.

Participantes do encontro de suboficiais e subtenentes de nível superior das Forças Armadas de Honduras e dos Estados Unidos em Tegucigalpa.

Honduran and U.S. senior noncommissioned officers participated in a subject matter expert exchange in Tegucigalpa.

A profissionalização dos suboficiais e subtenentes

O programa de desenvolvimento de suboficiais e subtenentes de nações parceiras do Comando Sul faz parte das quatro prioridades militares do Almirante-de-Esquadra da Marinha dos EUA, Kurt W. Tidd, comandante do SOUTHCOM. “Se vamos enviar ao campo de batalha as equipes de segurança mais capacitadas, devemos aproveitar todo o potencial dos suboficiais e subtenentes qualificados e capacitados, que têm um papel preponderante na manutenção e efetividade operacional de nossas forças armadas”, conforme declarou o Alte Esq Tidd em suas diretrizes. “Um corpo de suboficiais e subtenentes forte equivale a uma força armada forte”, acrescentou.

“O desenvolvimento dos suboficiais e subtenentes é a mais importante de todas as prioridades”, disse o S Ten Zickefoose. “Com um bom programa de suboficiais e subtenentes, as outras prioridades se alinham, todos trabalham lado a lado.” As demais prioridades são a promoção dos direitos humanos, a integração de gêneros e um melhor trabalho conjunto ou trabalho em equipe.

De acordo com o Subtenente Adjunto de Comando do Exército dos EUA, Philip Sloan, coordenador do programa de profissionalização de suboficiais e subtenentes de nações parceiras, “nosso principal objetivo é auxiliar os países amigos a avançar na profissionalização de seus corpos de suboficiais e subtenentes por meio da educação e do treinamento de liderança militar formais, como também ajudá-los a implementar estas capacidades e habilidades entre suas forças armadas”.

Intercâmbios entre especialistas, como o realizado em Honduras, vêm ocorrendo com muito êxito há décadas em países das Américas Central, do Sul e do Caribe. Além de treinar, de maneira conjunta, os mesmos permitem que os suboficiais e subtenentes de nações parceiras compartilhem experiências e aprendam mutuamente com seus homólogos de outros países. Além de seminários, o programa realiza oficinas e intercâmbios contínuos entre líderes das forças, tais como comandantes de unidades, funcionários de ministérios de Defesa e os próprios suboficiais e subtenentes. Também participam com alianças de cooperação e programas de intercâmbio acadêmico, como os do Programa de Associação Estatal da Guarda Nacional dos Estados Unidos, o Instituto de Cooperação para a Segurança Hemisférica, a Academia Interamericana das Forças Aéreas e a Escola Naval de Treinamento e Instrução Técnica de Lanchas Patrulheiras.

A efetividade do programa é evidenciada em vários países da região. O S Ten Sloan acrescentou que a Argentina, o Chile, a Colômbia, o Peru e a República Dominicana têm feito enormes avanços no tema. Por exemplo, a República Dominicana

the **BACKBONE** OF THE ARMED FORCES

U.S. Southern Command’s program to professionalize the noncommissioned officer (NCO) corps in multiple partner nations makes progress with favorable results.

— GERALDINE COOK/DIÁLOGO —

“NCOs are the backbone of their corps, of their service,” U.S. Southern Command (SOUTHCOM) Command Sergeant Major Bryan K. Zickefoose, told Honduran NCOs at a senior NCO subject matter expert exchange (SMEE) between the United States (U.S.) and Honduras. The event took place at the Honduran Army’s Military Intelligence School in Tegucigalpa, from the 16th to the 18th of May, 2017. “NCOs make the difference in the Armed Forces,” said Command Sgt. Maj. Zickefoose.

Accompanied by a delegation of U.S. Senior Enlisted Leaders and senior NCOs from SOUTHCOM, Command Sgt. Maj. Zickefoose talked about the importance of the senior NCO, their relationship with the commander, and their importance to the Armed Forces. “NCOs are the eyes and ears of the commander; they are responsible for understanding, strengthening, and articulating the commander’s intent,” he added. “They enforce rules and maintain discipline, solve problems using the chain of command, and are an example to their subordinate NCOs and enlisted personnel.” Striking a personal tone, Command Sgt. Maj. Zickefoose said that “it is an honor to be the commander’s sergeant major. It is an honor to simply be able to work with the command group and understand how we can take the command to the next level every time we do something.”

The exchange between U.S. and Honduran NCOs is part of an overall program enacted by SOUTHCOM to further professionalize the NCO corps of partner nation armed forces. One of the many objectives of the Partner Nation NCO Development Program is to contribute U.S. experiences and collaborate with those serving in partner nation armed forces in the development of a more professional NCO corps.

The Honduran Armed Forces recognize the importance of professionalizing their NCOs. “One of the most important objectives is to achieve a greater closeness with NCOs,” Brigadier General René Orlando Ponce Fonseca, commander of the Honduran Army, told participants. “We are perfectly aware of the NCOs’ great work, great willingness, level of leadership, and great influence on all the tasks they perform for our mission.” As part of the discussion agenda for the event, Honduran NCOs talked about the advances they have made and challenges they face on a day-to-day basis as they move toward full professionalization.

Professionalization

SOUTHCOM’s Partner Nation NCO Development Program is part of the four military imperatives set by U.S. Navy Admiral Kurt W. Tidd, commander of SOUTHCOM, which represent the most important focus areas. “If we’re going to field the most capable security teams, we must harness the full potential of the qualified and capable Noncommissioned Officer (NCO) Corps who play a critical role in the sustainment and operational effectiveness of our armed forces,” said Adm. Tidd in his guidance. “A strong NCO Corps equals a strong military,” he added.



COLOMBIAN ARMY

O Subtenente Adjunto de Comando do Exército colombiano Argemiro Posso Rivera durante discurso aos alunos da Escola Militar de Subtenientes Sargento Inocencio Chincá.

Colombian Army Command Sergeant Major Argemiro Posso Rivera addresses students from Sergeant Inocencio Chincá NCO Academy.

recém modificou sua constituição criando suboficiais superiores específicos para cada comando e consolidou um sistema educativo e de treinamento militar para seus corpos de suboficiais e subtenentes. E, na Colômbia, já há academias e cursos de liderança para suboficiais e subtenentes, que estão integrados aos corpos de oficiais e desempenham funções de liderança com mais responsabilidade que antes. A Jamaica e Trinidad e Tobago, por sua vez, estão trabalhando para obter avanços similares neste tema.

Embora exista um grande interesse, por parte das forças armadas, na profissionalização de seus suboficiais e subtenentes, um dos maiores obstáculos para levar o processo adiante é a ideia equivocada do que um corpo de suboficiais e subtenentes forte pode oferecer, e tem ainda o fator financeiro. “Nas últimas duas ou três décadas, as forças armadas centro-americanas, sul-americanas e caribenhas têm visto as vantagens de se ter um corpo de suboficiais e subtenentes muito forte”, disse o S Ten Sloan. “No entanto, infelizmente, não têm recursos financeiros para capacitá-los e pagar-lhes melhores salários. O talento custa caro.”

Uma nova mentalidade

Em Honduras, existe uma mudança de mentalidade a respeito do cargo de suboficial e subtenente e da relação entre oficiais, sargentos e futuros suboficiais ou subtenentes. “A carreira de adjunto de comando é relativamente nova no nosso Exército [criada no ano 2000]. Mas, através desses poucos anos, temos aberto espaços... Estamos obtendo o reconhecimento de nossos oficiais pelo trabalho que realizamos”, disse o Subtenente Adjunto de Comando do Exército de Honduras, Carlos Enrique Valle Gutiérrez. “Quando o oficial planeja, nós executamos as tarefas. Fazemos nosso trabalho da melhor forma possível, pensando em nossa instituição.”

“Ser suboficial é um orgulho para mim”, disse Lilian Antonia Morales Zabala, encarregada da seção de Assuntos Cíveis da Força Aérea de Honduras. “Somos os que movem as forças armadas em si e os que carregam o trabalho nas costas.”

O intercâmbio entre suboficiais e subtenentes das três armas de Honduras, com seus homólogos americanos, foi bem recebido por ambas as partes. “É importante conhecer as experiências dos demais suboficiais e subtenentes das Forças Armadas de Honduras e das Forças Armadas dos Estados Unidos”, disse o Suboficial José Santos Bonilla, assistente do diretor de Recursos Humanos da Força Aérea

de Honduras. “Somos os que mantêm os aviões no ar, os que vão primeiro e regressam por último, e somos o pessoal que trabalha com mais capacidades e com um grande altruísmo patriótico.”

Os suboficiais e subtenentes americanos também manifestaram que cresceram profissional e pessoalmente com o intercâmbio. “Queremos compartilhar as coisas que aprendemos, de nosso próprio desenvolvimento, com o corpo de suboficiais e subtenentes de outros países”, disse o Subtenente do Comando de Operações Especiais Sul Amil Álvarez. “Queremos enfatizar, às Forças Armadas de Honduras, o compromisso que têm os Estados Unidos e o Comando Sul, em particular, de trabalhar com elas para o desenvolvimento de seu corpo de suboficiais e subtenentes.”

Uma experiência a ser compartilhada

No Exército da Colômbia, os subtenentes desempenham funções de liderança dentro da estrutura hierárquica. São os comandantes de batalhão e pelotão e são os assessores do setor administrativo dos estados-maiores, entre outros cargos de comando. O subtenente, no Exército da Colômbia, é “o eixo gravitacional de todas as ações e decisões militares”, disse o Subtenente do Exército da Colômbia, Argemiro Posso. “O subtenente adjunto de comando é a garantia de que o soldado adquira e obtenha o treinamento, a preparação e a disposição necessários para enfrentar as vicissitudes da guerra, seja como for que elas se apresentem.”

Segundo o S Ten Posso, o suboficial e o subtenente sabem e entendem a grande responsabilidade que têm, não apenas frente a seus superiores, mas também a seus subalternos. “Assim como deve lealdade, respeito e acatamento ao superior, também deve lealdade, respeito e liderança aos subalternos”, disse.

A Escola Militar de Subtenentes Sargento Inocencio Chincá é a instituição do Exército da Colômbia encarregada de formar os futuros subtenentes do Exército da Colômbia, com base em princípios e valores para liderar, comandar, instruir e administrar um pelotão. A escola oferece diferentes especialidades, como tecnologia em treinamento e gestão militar, criminalística de campo e promoção e aplicação do direito internacional humanitário e dos direitos humanos no contexto militar. A escola também tem um curso de armas para mulheres.

“Os oficiais e subtenentes participam ativamente, alguns em nível estratégico e outros em nível tático e operacional”, disse o S Ten Posso sobre o trabalho em equipe realizado entre oficiais e subtenentes. Entendem a importância de seu papel no cumprimento da missão militar, disse ele, pois o oficial sabe a concepção de delegação de poder e autoridade. “Esse é o segredo para realizar, com êxito, qualquer missão. Nós a consideramos, efetivamente, a melhor equipe de combate”, disse.

O programa de profissionalização de subtenentes tem contado com o “apoio irrestrito” do SOUTHCOM, disse o Subtenente Posso. Com a ajuda do SOUTHCOM, a Colômbia tem feito avanços no sistema educativo dos subtenentes. O curso de Sargento Instrutor Líder e publicações como o *Guia do Subtenente*, além de outros intercâmbios entre especialistas, têm sido fundamentais para os avanços do programa.

Após três dias de discussões sobre o papel e a importância dos suboficiais e subtenentes, o S Ten Zickefoose encerrou o intercâmbio com otimismo. “É importante para nós estarmos aqui, em Honduras, para compartilhar nosso programa de suboficiais e subtenentes porque ele mostra duas nações amigas fortalecendo-se juntas.”

“NCO development is the most important of all the priorities,” said Command Sgt. Maj. Zickefoose. “With a good NCO program, the other priorities become aligned and everyone works hand-in-hand.” The other priorities include promoting human rights, gender integration, and enhanced ‘jointness’ or teamwork.

According to U.S. Army Master Sergeant Philip Sloan, the SOUTHCOM NCO Partnership Development Program coordinator, “Our main goal is to assist our partner nations in further professionalizing themselves through formalized military leadership training and education, and also help them in further implementing those skills and abilities throughout the entire spectrum of their militaries.”

NCO SMEEs, like the one in Honduras, have taken place throughout Latin America and the Caribbean for several decades with measureable success. In addition to joint training, the exchanges allow partner nation NCOs to share experiences and mutually learn from their counterparts from other countries. In addition to seminars, the program conducts workshops and ongoing knowledge exchanges between force leaders such as unit commanders, defense ministry personnel, and the NCOs themselves. They also share experiences through cooperation agreements and academic exchange programs like those hosted by the U.S. National Guard State Partnership Program, Western Hemisphere Institute for Security Cooperation, Inter-American Air Forces Academy, and Naval Small Craft Instruction and Technical Training School.

Program effectiveness is evident in various countries of the region. Master Sgt. Sloan added that Colombia, Peru, Chile, Argentina, and the Dominican Republic have made enormous advances in this area. For example, the Dominican Republic has recently ratified its constitution to include the creation of component-specific Senior Enlisted Leaders (SEs) and an increase in their military education and training. And in Colombia, which already has NCO academies and leadership courses, enlisted personnel are integrated with the officer corps and serve in leadership roles of even greater responsibility than in the past. In turn, Jamaica and Trinidad and Tobago are working to implement a similar course in their militaries.

Although regional armed forces have great interest in professionalizing their NCO corps, some partner nations face an obstacle in fulfilling this goal: they have an incorrect notion of what a strong NCO corps can truly provide, not to mention the financial aspect. “In the last two to three decades, various Central American, South American, and Caribbean armed forces have seen the advantages of having a very strong NCO corps,” said Master Sgt. Sloan. “But unfortunately they don’t have the financial assets in order to train and pay them at a higher rate. Talent costs money.”

A new mentality

In Honduras, there is a change in mentality about the NCO position and the relationship between officers, sergeants, and future NCOs. “The NCO career is relatively new in our Army [created in 2000]. But during these few years, we have been gaining ground... We are gaining recognition from our officers for the work we do,” said Honduran Army Command Sergeant Major Carlos Enrique Valle Gutiérrez. “We are the backbone of the Army; while an officer plans, we execute the tasks. We do our job in the best way possible, while thinking of our institution.”

“For me, it is an honor to be an NCO,” said Master Sergeant Lilian Antonia Morales Zabala, head of the Civil Affairs section of the Honduran Air Force. “We are the ones who move the Armed

Forces, and the ones who carry the work on our backs.”

The exchange between NCOs from the three service branches of the Honduran Armed Forces and their counterparts from the United States was well received on both sides. “It is important to know the experiences of the other NCOs from Honduras and the United States,” said Master Sergeant José Santos Bonilla, deputy human resources director of the Honduran Air Force. “We are the ones who keep the airplanes in the air, who go first and return last, and we are the personnel who work with more skill and with altruistic patriotism.”

The U.S. NCOs said they, too, grew professionally and personally with the exchange. “We want to share the things we have learned from our own development in the NCO corps,” said Special Operations Command South Command Sergeant Major Amil Álvarez. “We want to reinforce the U.S. commitment – and SOUTHCOM’s in particular – of working with the Honduran Armed Forces to develop their NCO corps.”

Colombia: An experience worth sharing


In the Colombian Army, NCOs hold leadership positions within their hierarchy. They serve in roles from squadron and platoon sergeants to administrative staff advisors, among other command positions. Colombian Army NCOs are “the axis around which all military actions and decisions gravitate,” said Colombian Army Command Sergeant Major Argemiro Posso. “NCOs guarantee officers’ training, preparation, and readiness, which are necessary to face the realities of war in any way that it presents itself.”

According to Command Sgt. Maj. Posso, NCOs know and understand the great responsibility they have, not only toward their superiors, but also toward their subordinates. “Just as loyalty, respect, and obedience are owed to a superior, likewise loyalty, respect, and leadership are owed to subordinates,” he said.

The “Sargento Inocencio Chincá” NCO Academy is the Colombian Army institution responsible for training future NCOs based on the principles to lead, command, instruct, and manage a squadron. The school offers different specializations such as military training and management technology, field forensics, and promotion and application of international humanitarian law and human rights in a military context. The school also has a weapons class for women.

“Officers and NCOs participate actively, some at the strategic level and others at the tactical and operational level,” said Command Sgt. Maj. Posso, describing the teamwork between officers and NCOs. They understand the importance of their role in the fulfillment of the military mission, he said, since officers understand the concepts of delegating responsibility, as well as authority. “This is the secret to successfully completing any mission. We consider it, in fact, the best combat team,” he said.

The NCO professionalization program has had unconditional support from SOUTHCOM, said Command Sgt. Maj. Posso. With SOUTHCOM’s help, Colombia has made progress in the NCO education system. The “Sergeant Instructor Leader” course, publications such as the NCO Handbook as well as NCO SMEEs have been essential to the development of the program.

After three days of discussions about the function and importance of NCOs, Command Sgt. Maj. Zickefoose ended the NCO exchange with optimism. “It’s important for us to be here, in Honduras, to share our NCO program because it shows two partner nations getting stronger together.” The next NCO exchange will take place in Jamaica. 

FORÇA MULTIMISSION:

um efeito do plano de transformação do
Exército Nacional da Colômbia

O Exército colombiano se
transforma para enfrentar
novos desafios



A velocidade de mudança do ambiente é cada vez maior e as instituições militares e civis devem adaptar-se a esta situação em que o presente muda rapidamente e há uma grande incerteza sobre o futuro. Como afirmou Klaus Schwab, fundador do Fórum Econômico Mundial: “A nova revolução tecnológica implica a transformação da humanidade; estamos no início de uma revolução que mudará a forma em que vivemos, trabalhamos e nos relacionamos uns aos outros”.

Além disso, a segurança e defesa certamente ver-se-ão imersas nessas rápidas transformações, da mesma forma que as ameaças enfrentadas. O ambiente atual pode ser definido como “volátil, incerto, complexo e ambíguo”, segundo Marco Mancesti, pesquisador do ‘International Institute for Management Development’ [Instituto Internacional para o Desenvolvimento da Gestão], gerando novos desafios para os líderes e estrategistas. Os processos de paz, a pobreza, a desigualdade, o narcotráfico, a presença de novos atores ilegais e a instabilidade regional, entre outras variáveis, afetam a realidade nacional. Portanto, afetam também as condições em que se dão as operações do Exército da Colômbia, obrigando-nos a romper os paradigmas, mudar e inovar no emprego do poder militar.

Para poder aplicar mudanças significativas na nossa instituição, devem enfrentar-se vários desafios: o primeiro é constituído pelas restrições orçamentárias típicas dos países em via de desenvolvimento; e o segundo pelo prazo necessário para executar os processos de planeamento estratégico e orçamentário do Estado colombiano; às vezes, passam mais de três anos entre a definição da necessidade e a finalização do projeto que permite responder às mudanças do ambiente.

Visando a eliminar a defasagem entre a velocidade da mudança do entorno e a resposta institucional, surgiu o plano de transformação que permite que o Exército da Colômbia reaja de forma proativa, ou seja, adiantando-se à mudança, promovendo-a, e superando as atitudes reativas do passado – perante os desafios que afetam a segurança e a defesa da nação, analisando os possíveis cenários futuros e iniciando sua preparação a partir de agora.

Como se faz isto?

O Plano de Transformação é um esforço institucional que começou no final de 2011, produto do Comitê de Revisão Estratégica e Inovação (CREI), encarregado da concepção da campanha que deu origem ao Plano de Guerra Espada de Honra. Realizou-se um laboratório de ideias que analisou os aspectos operacionais com o fim de elaborar e implementar planos para consolidar a vitória obtida sobre as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC).

O CREI realizou vários estudos e alguns deles evidenciaram a necessidade de elaborar análises mais completas que incluíssem

O Veículo Cobra 2.0 é um desenvolvimento próprio, altamente flexível, que permite alta mobilidade e alto poder de fogo.

The Cobra Vehicle 2.0 is a highly flexible in-house development which allows for high mobility and firepower.

MULTI-MISSION FORCE:

An Effect of the Colombian National Army's Transformation Plan

The Colombian Army Changes to Face New Challenges

MIKEL I. IBARRA F., COLOMBIAN ARMY CONSULTANT FOR TRANSFORMATION, PROSPECTIVE, AND PLANNING

PHOTOS BY THE COLOMBIAN NATIONAL ARMY

The speed of change in the landscape is constantly increasing. Military and civilian institutions must adapt to a situation in which the present changes rapidly, and there is a high level of uncertainty about the future. “The new technological revolution implies the transformation of humanity. We are at the beginning of a revolution that will change the way in which we live, work and relate to others,” stated Klaus Schwab, founder of the World Economic Forum. Security and defense will certainly be immersed in these rapid transformations, as well as the threats.

According to Marco Mancesti, researcher for the International Institute for Management Development, the current landscape can be defined as “volatile, uncertain, complex and ambiguous,” which creates new challenges for leaders and strategists. Peace processes, poverty, inequality, drug trafficking, the presence of new illegal actors, and regional instability, along with other variables, affect the national reality. Consequently, they also affect the conditions in which the Colombian Army operates, which compels a break with paradigms and mandates change and innovation in the use of military force.

In order for the institution to implement significant change, it must face various challenges. The first challenge concerns the budgetary restrictions prevalent in developing countries; the second is the amount of time required by the Colombian state to execute its strategic and budgetary planning, which on occasion has spanned more than three years from a needs assessment to a finalized project that is responsive to the changes in the landscape.

The transformation plan was conceived for the purpose of closing the gap between the speed of change in the landscape and institutional response time for those changes. This plan allows the Colombian Army to act proactively—anticipating and building change, thereby overcoming the reactive attitudes of the past—to the challenges affecting national security and defense by analyzing possible future scenarios and initiating preparations for them today.

aspectos operacionais e não operacionais, com uma abrangência distinta do combate contra as FARC, de tal forma que a instituição se preparasse para enfrentar os desafios do futuro, sem importar sua origem ou magnitude.

Em 2012, desenvolveu-se a primeira fase do Plano de Transformação por meio do Comitê Estratégico de Transformação e Inovação (CETI). Este comitê foi encarregado de otimizar e fortalecer os processos e procedimentos que a instituição desenvolve no seu dia a dia, através do primeiro conjunto de iniciativas do plano. Posteriormente, nomeou-se esta perspectiva do planejamento


como “Gerador de Força”, já que presta suporte ao desenvolvimento operacional do Exército.

No início de 2013, atuiu-se a segunda fase do projeto, liderada pelo Comitê Estratégico de Concepção do Exército do Futuro (CEDEF). Esta fase foi orientada à perspectiva operacional denominada “Exército de Combate”, inclusive o desenvolvimento, perspectiva e planejamento por capacidades. A perspectiva identificou os cenários que definiriam o futuro contexto operacional. Depois, foram elaborados os conceitos operacionais e, para complementar, foram identificadas as capacidades operacionais exigidas para



enfrentar as ameaças futuras. Esta fase contribuiu com o segundo conjunto de iniciativas do plano de transformação.

Estas duas perspectivas complementam-se e devem evoluir de forma harmônica em direção à transformação. A perspectiva de combate é que responde às ameaças futuras mediante as capacidades operacionais que, por sua vez, demandam do gerador de força melhores processos que proporcionem componentes requeridos. Os componentes de capacidade entregues pelo gerador de força são denominados DOMPILEM, e articulam-se para caracterizar uma habilidade: (D) Doutrina é o conjunto de técnicas, táticas



O M1126 Stryker Gladiator, do Exército da Colômbia, é um componente chave da Força-Tarefa de Armas Combinadas, que atua na zona norte do país.

A Colombian Army M1126 Stryker “Gladiator” is a key element in the Combined Arms Task Force, located in the country’s northern zone.

How Is It Being Accomplished?

The Transformation Plan is an institutional endeavor that began toward the end of 2011 as a product of the Committee for Strategic Review and Innovation (CREI, per its Spanish acronym), which was responsible for designing the campaign that gave rise to the “Espada de Honor” War Plan. CREI is a think tank that analyzed operational aspects with the aim of designing and implementing plans to consolidate the victory over the Revolutionary Armed Forces of Colombia (FARC, per its Spanish acronym).

CREI conducted numerous studies, some of which highlighted the need to develop a more complete analysis covering operational and non-operational aspects with a different scope than the war against the FARC, in such a way that the institution would be prepared to face future challenges regardless of their origin or magnitude.

The first design phase for the Transformation Plan was developed in 2012, through the Strategic Committee for Transformation and Innovation (CETI, per its Spanish acronym). The committee was responsible for optimizing and strengthening the processes and procedures that the institution develops during its daily activity through the plan’s first set of initiatives. Later, this planning perspective was named “Force Generator” since it supports the Army’s operational development.

The second design phase was activated at the beginning of 2013, under the leadership of the Strategic Committee for the Design of the Future Army (CEDEF, per its Spanish acronym). This phase focused on the Combat Army, the operational perspective including development, prospective, and planning according to capabilities. The prospective identified the scenarios that will define the future operational context. Subsequently, operational concepts were designed and used to identify the operational capabilities required to face future threats. This phase contributed to the transformation plan’s second set of initiatives.

These two perspectives are complementary and should smoothly evolve toward transformation. The combat perspective refers to those who respond to future threats through operational capabilities, which in turn demands improved processes from the force generator, which supplies required elements. The capacity elements supplied by the force generator are named DOMPILEM (per its Spanish acronym), with each letter representing a capacity: Doctrine includes the set techniques, tactics, and procedures; Organization is related to the structural organization of the force and of military units; Material and equipment refers to the basic and specialized kits; Personnel, for operations development; Infrastructure refers to real estate or installations; Leadership, as a characteristic of a military leader; Training of personnel and units; and Maintenance associated with equipment and infrastructure.

In 2014 there was progress on two fronts. Budgeting for the two sets of transformation plan initiatives began, including a sustainability analysis within the investment plan. Concurrently, the Combined Arms Task Force (FUTAM, per its Spanish acronym), was implemented at Buenavista Fort, in La Guajira department.

The Transformation Command of the Future Army

e procedimentos; (O) Organização se relaciona com a estrutura organizacional da Força e unidades militares; (M) Material e Equipamento faz referência à dotação básica e especializada; (P) Pessoal para o desenvolvimento das operações; (I) Infraestrutura é composta pelas propriedades ou instalações; (L) Liderança como característica do líder militar; (E) Treinamento [*Entrenamiento* em espanhol] do pessoal e das unidades; e (M) Manutenção associada aos equipamentos e infraestrutura.

O ano de 2014 trouxe avanços em duas frentes: iniciou-se a orçamentação dos dois grupos de iniciativas do plano de transformação, incluindo a análise de sustentabilidade dentro do planejamento dos

Os Comandos compõem a elite militar do Exército Nacional da Colômbia, sendo as Forças Especiais as unidades mais experientes e melhor treinadas. Em cada uma das operações estratégicas está envolvida uma unidade de Forças Especiais.

Commandos represent the military elite of the Colombian National Army, with the Special Forces being the most experienced and well trained units. There is a Special Forces unit engaged in each strategic operation.

Tripulação de Operações Especiais de Aviação do Exército, unidade líder de elite no planejamento, condução e execução das operações especiais nos diferentes ambientes operacionais. Sua principal força é o voo com lentes de visão noturna.

The Army Special Operations Aviation crew is an elite unit that plans, guides, and executes air special operations in different operational environments.

investimentos e, em paralelo, foi aplicada a Força-Tarefa de Armas Combinadas (FUTAM) no Forte de Buenavista, em La Guajira.

Em 2016, ativou-se o Comando de Transformação COTEF e atualizou-se a transformação através do Plano Estratégico de Transformação Exército do Futuro (PETEF), o qual foi estruturado em três prazos, iniciando com o T1.0 que termina em 2018, o T2.0 que termina em 2022, e o T3.0, com horizonte em 2030:

- **PETEF 1.0:** orientado para responder rapidamente aos desafios de curto prazo, acompanhando a consolidação dos acordos de paz e incrementando o poder de combate mediante operações de armas combinadas.
- **PETEF 2.0:** um exército de transição capaz de enfrentar a evolução das ameaças e de trabalhar para a estabilização e consolidação do país.
- **PETEF 3.0:** configura uma força multimissão capaz de responder com capacidades convencionais e não convencionais a um grande leque de ameaças e desafios.

Os principais avanços da transformação

Os avanços ocorreram nas duas perspectivas; a implementação do conceito das armas combinadas e a doutrina das operações terrestres unificadas na FUTAM marcaram o início dos ajustes do exército de combate. Quando for completada, a sua posta em marcha permitirá a otimização de recursos e a melhoria do emprego da força militar em todo o território, articulando três tipos de brigadas (pesadas, médias e leves) com uma mobilização territorial baseada em fortes e cantões militares.


A transformação também gerou outros avanços:



- Atualização e fortalecimento da doutrina mediante o Plano Damasco;
- Plano de formação para membros da força; e
- Nova estrutura do Estado-Maior, refletindo as duas perspectivas institucionais e otimizando os canais de comunicação.

Exército Multimissão

Hoje, a força cumpre uma série de tarefas complementares à sua missão básica para servir o povo colombiano. O Exército já enfrentou desastres naturais e crises humanitárias e apoiou a construção de obras de interesse comunitário, mas consolidar a força multimissão no prazo T3.0 exige um esforço adicional, já que as capacidades operacionais que estão sendo fortalecidas deverão permitir que a força atenda às ameaças e desafios contidos nas áreas de missão do setor de defesa. Algumas delas são tradicionais para a instituição, tais como a defesa nacional e a segurança pública, enquanto outras nem tanto, como a cooperação internacional e a proteção do meio ambiente.

Os cenários voláteis, incertos, complexos e ambíguos que poderíamos experimentar no futuro contêm desafios e ameaças que serão mais diversos do que nunca; cada uma das decisões, projetos e iniciativas da instituição terá que ser ponderado sob esta premissa. Este é o espírito do Exército Multimissão: uma força otimizada em seu gerador de força, com processos altamente eficientes, além de um componente operacional com capacidades efetivas que nos permitam atender a uma vasta gama de situações de toda índole. 



(COTEF) was activated in 2016. It updated the transformation through the Strategic Transformation Plan of the Future Army (PETEF, per its Spanish acronym). PETEF was structured in three stages beginning with T1.0, which concludes in 2018, T2.0, which concludes in 2022, and T3.0, which concludes in 2030:

- **PETEF 1.0:** Focused on quickly responding to short-term challenges, accompanying the consolidation of the peace accords, and increasing fighting power through combined arms operations.
- **PETEF 2.0:** A transitioning Army capable of facing threats as they evolve and working to stabilize and consolidate the country.
- **PETEF 3.0:** Configure a multi-mission force capable of responding to a wide range of threats and challenges with conventional and non-conventional capabilities.

Main Transformation Advances


There has been progress on both perspectives, implementing the concept of combined arms, and adjusting the Combat Army, beginning with the doctrine of unified land operations in FUTAM. When the process of implementation concludes, it will allow for resource optimization and an improved use of military power throughout Colombia's territory by coordinating three brigade types (heavy, medium, and light) with a territorial deployment based on forts and military districts.

The transformation has also produced progress in other areas:

- Updating and strengthening doctrine through the *Damasco* Plan
- A training program for force members
- A new staff structure reflecting the two institutional perspectives and optimized communication channels

Multi-mission Army

Today, the force fulfills a series of tasks complementary to its mission to serve Colombian people. The Army has faced natural disasters and humanitarian crises, and it has supported the construction of community interest building projects. However, consolidating a multi-mission force 3.0 requires additional effort because operational capacities being reinforced must still allow the force to address the threats and challenges present within the defense sector mission areas (National Defense Ministry, 2014). Some of these mission areas, such as national defense and public security, traditionally belong to the institution, but others are not as traditional, such as international cooperation and environmental protection.

Volatile, uncertain, complex, and ambiguous scenarios that might be experienced in the future will include more diverse threats and challenges than ever. Each of the institution's decisions, projects, and initiatives will have to be considered taking this premise into account. This is the spirit of the Multi-mission Army: a force with an optimized force generator, highly efficient processes, and an operational element with effective capabilities that allow us to address a wide swath of all types of situations. 

AS AÇÕES

CAPITÃO-TENENTE (FN) RAPHAEL DO COUTO PEREIRA,
MARINHA DO BRASIL

CÍVICO-MILITARES

NA PASSAGEM DO FURACÃO MATTHEW NO HAITI

O Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais do Brasil teve participação fundamental nas atividades de ajuda humanitária antes, durante e depois da catástrofe.





Um furacão de categoria 4, com ventos de mais de 235km/h, atingiu o Haiti violentamente em outubro de 2016, causando a maior crise humanitária do Hemisfério Ocidental desde o terremoto de 2010 que devastou o país.

No entanto, a preparação e a rápida resposta proporcionada pela aplicabilidade do conceito da Coordenação Civil-Militar e a capacidade expedicionária do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais do Brasil (GptOpFuzNav) proporcionaram o posicionamento do efetivo militar na área de maior risco e com populações mais vulneráveis, antes da passagem do furacão, para ações preparatórias e de resposta ao eventual desastre.

Como previsto, o furacão atingiu o Haiti devastando as regiões costeiras do noroeste e do sul. A capital Porto Príncipe foi poupada de sua força, ao contrário do estado de Grand'Anse. As cidades de Les Cayes e Jérémie passaram por grandes inundações, deslizamentos de terra, e vários prédios e estradas foram severamente danificados. Segundo dados do governo haitiano, relatados pelo Diretório de Proteção Civil (DPC), o Matthew deixou um rastro de 546 mortes e 438 feridos.

Estes números poderiam ser bem mais elevados não fosse a mobilidade e a rápida resposta proporcionadas pela ampla consciência situacional devido à ligação entre civis e militares por meio das relações interinstitucionais realizadas pelo conceito da Coordenação Civil-Militar e pela capacidade expedicionária do GptOpFuzNav.

Grupamentos operativos de fuzileiros navais

De acordo com Doutor Richard Oloruntoba, palestrante sênior em temas de segurança do Watson Institute da Brown University da Austrália, as forças armadas possuem habilidades e capacidades, tais como planejamento, logística e comunicações para as necessidades imediatas em respostas a desastres. Estas capacidades encontram-se reforçadas com a formação de um grupamento operativo de

fuzileiros navais. Um modelo estruturado como este proporciona ao seu comandante flexibilidade e versatilidade ao mesclar em um comando único as vocações terrestres, aéreas e logísticas de uma tropa profissional.

A sua aplicabilidade em situações de emergências e apoio a órgãos de defesa e segurança civil trazem a capacidade logística, inerente a este modelo, como um fator de grande importância, assim como ocorreu nas ações em preparo e resposta ao furacão Matthew, pois a atenção à logística proporcionou independência à tropa militar por um certo tempo em relação à sua base e a possibilidade de ajudar imediatamente os civis atingidos.

Além disto, esta capacidade logística deu a possibilidade de se desenvolverem várias medidas para a previsão e o provisionamento de forma qualitativa e quantitativa com o correto dimensionamento de uso dos recursos humanos, materiais e serviços. Ao termos uma estrutura montada como esta, a possibilidade de se projetar em locais mais distantes, em situações desfavoráveis, e estar preparado para o cumprimento de uma tarefa em tempo exíguo também tem destaque.

A possibilidade de atuar longe de suas bases e sob condições austeras foi também uma das motivações para o deslocamento do GptOpFuzNav para realizar as ações preparatórias e de ligação com as agências que iriam atuar em resposta ao furacão Matthew. A motivação de seu emprego encontrava-se na ausência de condições ideais, e como já de praxe na metodologia de atuação, exige uma rápida adaptação a novas situações.

Conceito de guerra aplicado em tempos de paz

Nas últimas décadas, a presença de militares atuando na resposta aos desastres naturais cresceu significativamente, proporcionalmente ao aumento do número de sinistros em todo o mundo. Para a Organização das Nações Unidas (ONU), o enfoque da Coordenação Civil-Militar é estabelecido no relacionamento entre

Mais de 400 pessoas ficaram feridas durante a passagem do furacão Matthew, entre elas, esta menina haitiana, que foi atendida por um fuzileiro naval brasileiro.

A Brazilian marine takes care of a Haitian girl who was one of over 400 wounded during Hurricane Matthew, in October 2016.



BRAZILIAN MARINE CORPS

CIVIL-MILITARY ACTIONS

IN THE WAKE OF HURRICANE MATTHEW IN HAITI

The Brazilian Marine Corps Operational Group was instrumental in the humanitarian assistance activities before, during, and after the natural disaster.

BRAZILIAN MARINE CORPS CAPTAIN
RAPHAEL DO COUTO PEREIRA

A Category 4 hurricane, with winds over 235 kilometers per hour, struck Haiti violently in October 2016, causing the Western Hemisphere's greatest humanitarian crisis since an earthquake devastated the country in 2010.

However, the rapid response and readiness provided by applying the Civil-Military Coordination Concept (CMCC) and the expeditionary capability of the Brazilian Marine Corps' Operational Group (GptOpFuzNav, per its Portuguese acronym), which positioned troops in high risk areas with some of the most vulnerable populations before the hurricane hit, provided readiness and response activities for the imminent disaster.

As predicted, the hurricane struck Haiti and devastated the coastal areas of the country's northwest and southern regions. The capital, Port-au-Prince, was spared from the hurricane's wrath, but not the state of Grand'Anse. The towns of Les Cayes and Jérémie suffered extensive flooding and landslides, causing severe damage to many buildings and roads. The Haitian government's Civil Protection Directory reported that Hurricane Matthew left 546 people dead and 438 injured in its wake.

The figures could have been much higher, but the high level of mobility and rapid response resulting from widespread situational awareness due to the close links established between civilian and military personnel through interagency relations promoted by the CMCC and the expeditionary capability of the GptOpFuzNav prevented it.

Marine Corps operational groups

According to Dr. Richard Oloruntoba, a senior speaker on security at the Watson Institute at Brown University in Australia, the armed forces have unique skills and capabilities, such as planning, logistics, and communications to handle immediate needs in response to natural disasters. These capabilities are strengthened with the creation of a Marine Corps operational group. This structured model gives the commander flexibility and versatility by uniting under a single command land, air, and logistical vocations of a professional force.

Its applicability in emergency situations and support to civil security and defense agencies makes this model's inherent logistical capability an element of major importance, as was the case during the readiness and response activities conducted for Hurricane Matthew. On that occasion, the attention to logistics allowed the military forces some temporary independence from its base and the ability to immediately help affected civilians.

In addition, this logistics capability enabled the development of several qualitative and quantitative forecasting and provisioning measures as well as the correct deployment of human resources, materials, and services. By implementing a structure like this, troops are better able to deploy to more remote locations, act in unfavorable situations, and be prepared to accomplish tasks under limited time restrictions.

The ability to operate far from their bases and under harsh conditions was an additional reason to deploy the GptOpFuzNav to carry out readiness and liaison operations with the agencies that would respond to Hurricane Matthew. The motivation for its employment was the absence of ideal conditions, and, as expected in its method of approach, it required a rapid adaptation to new situations.

Concept of war applied in times of peace

In recent decades, the presence of military personnel acting in response to natural disasters has increased significantly, proportionately to the increase in the number of these disasters globally. For the United Nations (UN), a civil-military coordination approach is established in the relationships between humanitarian and military actors due to the characteristics inherent to these missions. This interagency interaction between civil and military personnel in humanitarian operations is gauged by the Guidelines for Complex Emergencies set forth by the UN's Office for the Coordination of Humanitarian Affairs (OCHA).

The Guidelines for Complex Emergencies are not solely intended to establish civilian-military relations in complex emergency situations, but also to provide guidance on the use of military and civil defense resources during UN humanitarian operations. In the case of Hurricane Matthew, as with the 2010 earthquake, humanitarian aid

atores humanitários e militares por causa das características inerentes a estas missões. Esta interação interinstitucional entre civis e militares em ações de cunho humanitário é balizada pelas Diretrizes para Emergências Complexas, elaboradas pelo Escritório para Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA) da ONU.

As Diretrizes para Emergências Complexas não têm por objetivo somente estabelecer as relações civis-militares em situações de emergências complexas, mas também dar orientações para a utilização de recursos militares e defesa civil nas atividades humanitárias da ONU. No caso do furacão Matthew, assim como ocorreu com o terremoto de 2010, a ajuda humanitária foi coordenada pela Missão da ONU de Estabilização no Haiti (MINUSTAH).

A MINUSTAH possui caráter multidimensional, pois é formada por três componentes: militar, policial e civil. O Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais (BRAMAR – Brazilian Marines) encontra-se inserido no componente militar, e está sob controle operacional do Batalhão Brasileiro da Força de Paz (BRABAT – Brazilian Battalion). Na estrutura do GptOpFuzNav existe uma Seção de Assuntos Civis (S9) que tem como um dos seus encargos estabelecer as relações e coordenações civis-militares.

Esta seção relaciona-se com as Seções de Coordenação Civil-Militar do BRABAT (G-9), do Estado-Maior da MINUSTAH (U-9) e com o OCHA, que está presente na estrutura do componente civil da missão. Ela ainda pode ser considerada como uma estrutura ativa permanentemente que proporciona coordenações antes, durante e após a ocorrência de desastres.

Dentro do Componente Militar existem diversos contingentes de países componentes das Nações Unidas, destacando-se os esforços nos trabalhos de engenharia dos contingentes militares chileno e paraguaio, da assistência médica prestada pelo contingente argentino e da segurança também provida pelo contingente peruano, que em conjunto com o Batalhão Brasileiro tiveram seus trabalhos integrados e otimizados antes, durante e depois da passagem do Matthew. Os militares chilenos prestaram auxílio, mais especificadamente, nas localidades de La Borde e Jeremie.

A proximidade entre as seções e atores responsáveis pela coordenação civil-militar nos diferentes níveis foi fortalecida nos contingentes anteriores desde os esforços de resposta ao terremoto de 2010 e na dissolução de conflitos armados em comunidades haitianas. No caso do furacão Matthew, o contato entre estas agências foi constante, com reuniões diárias. Nestas reuniões, havia a participação de diversas agências humanitárias e de militares, e as demandas logísticas e de pessoal eram acertadas para serem executadas nos dias seguintes.

O GptOpFuzNav contou ainda com a atuação de elementos do Componente Policial no preparo e resposta ao desastre. Policiais dos Estados Unidos e do Uruguai estiveram presentes e em coordenação com os militares brasileiros, para que houvesse o incremento da segurança dos comboios e das ações realizadas.

Resposta ao furacão

A preparação da região do Caribe diante da iminente chegada do furacão Matthew se deu inicialmente com a Agência Caribenha de Gestão de Desastres e Emergências, compartilhando seus planos, com a atualização de cenários e projeções de impactos. Logo após, realizou-se o posicionamento de equipes de respostas para estarem em condições de prestarem socorro o mais rápido possível.

A ONU enviou para a Jamaica e para o Haiti equipes da Agência de Avaliação e Coordenação de Catástrofes com o objetivo

de também orientar os preparos destes países e a troca de informações. A Federação Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho enviou técnicos em comunicações e realizou a criação de um fundo para uso nas ações de recuperação das regiões afetadas. Já o Fundo das Nações Unidas para a Infância enviou equipes de suporte emergencial relativo à educação, água e saneamento para os países afetados, conforme relatório do OCHA, em 2016.

O governo do Haiti ativou o Centro Nacional de Operações de Emergência, bem como os centros de emergência dos estados. A previsão era de que 20% da população (dois milhões de pessoas) fossem atingidos. De acordo com o OCHA, este número foi superado em 100 mil pessoas. A Agência Nacional de Gerenciamento de Riscos proibiu todas as atividades marítimas nas regiões que poderiam ser afetadas pela passagem do furacão.

O Escritório de Coordenação de Assistência Humanitária enviou equipes para dar suporte e coordenar o possível envio rápido de ajuda e estabelecimento de comunicações. O órgão organizou também uma reunião conjunta entre as suas equipes locais de ajuda humanitária e as de proteção civil para avaliar a situação e verificar as possíveis lacunas que poderiam ser suplantadas. O escritório da Organização Internacional para Migrações no Haiti distribuiu seu pessoal pelas cidades do sul, e suas instalações tinham capacidade para estocar gêneros alimentícios.

Posicionamento de tropas

A força militar brasileira recebeu ordens de alerta do comando da MINUSTAH para posicionar suas tropas em locais estratégicos, para que pudesse ser mantido um fluxo logístico de ajuda humanitária e apoio aos órgãos de Defesa e Segurança Civil. O GptOpFuzNav, valendo-se da sua estrutura modular e expedicionária, formou destacamentos conhecidos como Elemento Anfíbio, com efetivo e



U.S. MARINE CORPS FORCES SOUTH SGT. ADWIN ESTERS

was coordinated by the United Nations Stabilization Mission in Haiti (MINUSTAH, per its French acronym).

MINUSTAH has a multidimensional character, as it is made up of three components: military, police, and civilians. The Marine Corps Operations Group (BRAMAR – Brazilian Marines) is part of the military component, and falls under the Brazilian Peace Force Battalion's (BRABAT – Brazilian Battalion) operational control. Within the GptOpFuzNav structure, there is a Civil Affairs Section (S9) charged with establishing civil-military relations and coordination.

This section coordinates with BRABAT's Civil-Military Coordination Section (G-9), under MINUSTAH's Staff (U-9), and with OCHA, which is also included in the mission's civil component. It can also be considered a permanently active structure that allows for coordination before, during, and after disasters.

Within the military component there are several contingents from UN component countries, highlighting the engineering efforts by the Chilean and Paraguayan military contingents, the medical assistance provided by the Argentinean contingent, and security provided by the Peruvian contingent, which, together with the Brazilian Battalion, had their efforts integrated and optimized before, during, and after Hurricane Matthew. The Chilean military provided assistance specifically in La Borde and Jérémie.

The proximity between the sections and actors responsible for the civil-military coordination at different levels was strengthened in prior contingents, since the 2010 earthquake response efforts, and during the efforts to end armed conflicts in Haitian communities. In the case of Hurricane Matthew, there was permanent contact between these agencies through daily meetings among various humanitarian and military agencies to determine the logistics and personnel requirements to be implemented in the following days.

The GptOpFuzNav also relied on the participation of elements from the police component for disaster readiness and response. Law enforcement officers from the U.S. and Uruguay coordinated with the Brazilian military in order to increase the safety of convoys and operations.

Hurricane response

Preparation of the Caribbean region for the imminent arrival of Hurricane Matthew was initially conducted with the Caribbean Disaster Emergency Management Agency, and included sharing their plans and updating scenarios and impact predictions. Shortly thereafter, the response teams were ready to provide assistance as quickly as possible.

The UN sent teams from the Agency for Disaster Assessment and Coordination to Jamaica and Haiti for the purpose of guiding these countries in their preparations as well as to share information. The

Esquerda: Cerca de 270 toneladas métricas de suprimentos, abrigos e equipamentos médicos foram entregues às comunidades mais afetadas no Haiti pelo furacão Matthew.

Left: Approximately 270 metric tons of supplies, shelters, and medical equipment were delivered to the Haitian communities most affected by Hurricane Matthew in October 2016.

Direita: Fuzileiros navais brasileiros ajudam um menino haitiano a plantar uma árvore, numa demonstração de carinho pela população local que vem desde o estabelecimento da MINUSTAH, em 2004.

Right: Brazilian marines help a Haitian boy plant a tree in a display of affection toward the local population in Haiti. Examples such as this were common since the establishment of MINUSTAH in the Caribbean country in 2004.



BRAZILIAN MARINE CORPS



As tropas da MINUSTAH transportaram água potável em caminhões-pipa até as áreas mais isoladas do Haiti.

MINUSTAH troops transported potable water to the most isolated areas of Haiti using water trucks.

meios redimensionados. Estas parcelas de tropas receberam a missão de, inicialmente, realizar o reconhecimento de cidades mais ao sul do Haiti, pela possibilidade de se ter maior destruição, e também de escoltar membros da Companhia de Engenharia do Exército Brasileiro, que com os seus equipamentos pesados estariam aptos a desobstruir vias e ajudar nos resgates.

Os Fuzileiros Navais brasileiros reconheceram as cidades onde as equipes de ajuda humanitária e de Defesa e Proteção Civil da ONU pretendiam se posicionar com antecedência para aguardar a passagem do furacão. Este destacamento militar possuía em sua composição 36 militares e 10 viaturas e realizou a escolta e proteção dos meios da Companhia de Engenharia do Exército Brasileiro, que contribuiu para proporcionar a continuidade do fluxo logístico humanitário entre algumas das cidades mais afetadas. O primeiro destacamento de militares posicionou-se no dia dois de outubro (dois dias antes da passagem do furacão) na cidade de Miragoane, e seguiu posteriormente para Le Cayes e La Borde.

A sinergia e integração entre as agências civis e militares ocorreram com as tratativas e entendimentos capitaneados pelos elementos da Coordenação Civil-Militar, realizadas pela Seção de Assuntos Civis do BRABAT. Após a passagem do furacão os

militares, civis, policiais, agentes de ajuda humanitária e defesa e segurança civil reuniam-se diariamente para coordenarem suas ações e apoios necessários, otimizando estas ações e evitando a duplicação de esforços.

Lições aprendidas

O preparo e resposta a grandes desastres não é uma equação de fácil solução. No caso haitiano, pela presença da ONU com experiência no tema, as ações realizadas na passagem do furacão Matthew seguiram os processos que vão do preparo até a resposta. Como vimos, as fases de prevenção e preparação são essenciais para o sucesso das respostas a este e outros tipos de desastre.

As coordenações antecipadas, seja por meio do incentivo a treinamentos conjuntos ou reuniões entre militares e civis, podem ser estabelecidas pela coordenação civil-militar. Esta sinergia se faz por meio de estruturas institucionais que se relacionam harmoniosamente, havendo, assim, a necessidade da criação de instituições específicas de relacionamento com os militares no Sistema Nacional de Proteção Civil. A análise deste caso deixa evidente também a importância do planejamento conjunto na fase de prevenção e após a ocorrência de desastres. ①

Salas de aula ao ar livre foram improvisadas por militares do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais do Brasil após a passagem do furacão Matthew.

The Brazilian Marine Corps Operational Group helped improvise outdoor classrooms for the affected population after Hurricane Matthew.



BRAZILIAN MARINE CORPS

International Federation of the Red Cross and Red Crescent sent communications specialists and created a fund to be used the recovery efforts of the affected areas. The United Nations Children's Fund sent education, water, and sanitation emergency support teams to affected countries, according to a 2016 OCHA report.

The government of Haiti activated the National Center for Emergency Operations as well as state level emergency centers. Initial estimates indicated that 20 percent of the population (two million people) would be affected. According to OCHA, this figure was exceeded by 100,000 people. The National Risk Management Agency barred all maritime activities in the regions which could be affected by the hurricane.

The Office of Humanitarian Aid Coordination sent teams to support and coordinate the possible rapid delivery of aid and establishment of communications. The agency also scheduled a joint meeting between its local humanitarian aid teams and civil protection teams in order to assess the situations and verify potential gaps to overcome. The Office of the International Organization for Migration in Haiti distributed its personnel in the southern cities and offered available space in its facilities to stock food items.

Troop positioning


The Brazilian military force received alert orders from the MINUSTAH command to position its troops in strategic locations in order to maintain a logistical flow of humanitarian aid and support to the defense and civil safety agencies. The GprOpFuzNav employed its modular and expeditionary structure to form scaled detachments known as the Amphibious Element. The initial mission assigned to the troop detachments was to conduct reconnaissance of the cities in southern Haiti to assess for more extensive destruction and to escort members of the Brazilian Army Engineering Company, which could use their heavy equipment to clear roads and help during rescues.

The Brazilian marines conducted reconnaissance of the towns where the UN humanitarian aid teams and defense and civil safety teams intended to be stationed prior to the hurricane's arrival. This military detachment was composed of 36 troops and 10 vehicles, and provided escort and protection for the Brazilian Army Engineering Company's assets, contributing to the continuous logistical flow of humanitarian aid to some of the more affected towns. The first military detachment was positioned in Miragoane, on October 2nd (two days before the arrival of the hurricane), and then proceeded to Les Cayes and La Borde.

The synergy and integration among civil and military agencies was possible thanks to the agreements and mutual understanding in place under the leadership of the civil-military coordination elements from BRABAT's Civil Affairs Section. After the hurricane, daily meetings were conducted among military, civil, and law enforcement personnel as well as humanitarian aid and civil defense and safety agents to coordinate their actions and support, thus optimizing these actions and avoiding the duplication of efforts.

Lessons learned

Major disaster readiness and response is an equation with no simple solution. Due to the UN experience in Haiti, the actions carried out during Hurricane Matthew followed the processes from readiness to response. As we have seen, the prevention and readiness phases are essential to the success of responses for this and other types of disasters.

Early coordination, whether by promoting joint training or meetings between military and civilians, can be established by civil-military coordination. This synergy occurs through harmonious institutional structures and, thus, the need to create specific institutions that can foster relationships with the military in the National Civil Protection System. The analysis of this case also highlights the importance of joint planning in the prevention phase as well as after disasters. 

COMUNICAÇÃO
JIHADISTA
ESTRATÉGICA ONLINE

Grupos
radicais
islâmicos estão
recrutando brasileiros
na internet com o uso
de páginas
em português

CORONEL (R) FERNANDO MONTENEGRO,
FORÇAS ESPECIAIS DO
EXÉRCITO BRASILEIRO*

No dia 14 de outubro de 2016, Valdir Pereira Rocha, brasileiro, 36 anos, morreu em decorrência de espancamento numa cadeia brasileira. Ele foi um dos 12 presos na Operação *Hashtag*, da Polícia Federal do Brasil, dias antes do começo dos Jogos Olímpicos Rio 2016. A suspeita era de que o grupo tinha relações com o Estado Islâmico. A linha de investigação principal assinala que os agressores eram integrantes de facções do crime organizado. Esse evento mostra que ainda há diferenças e até mesmo disputas de espaço na América Latina entre jihadistas e o crime organizado.

Já faz algum tempo que o Estado Islâmico criou a *Nashir Agency*, que vinha promovendo grupos de discussão em francês, inglês e alemão através do *Telegram*, aplicativo compatível com celulares Android, iOS, Windows Phone, além de versões para computador e Web que permite troca de mensagens de forma privada ou em grupo. Entretanto, é importante ressaltar que o português é um idioma estratégico, sendo a quinta língua mais falada do mundo e uma das poucas com perspectiva de expansão, juntamente com o inglês, espanhol, mandarim e árabe. Dentro do processo de aperfeiçoamento de comunicação estratégica, poucos meses antes da Rio 2016, o Estado Islâmico criou uma conta em português no sistema de troca de mensagens *Telegram*, o *Nashir Português*.

Porém, vale lembrar que a jihad cibernética não é tão recente assim no Brasil. Em setembro de 2009, o libanês Khaled Hussein Ali foi preso na Operação Imperador, da Polícia Federal brasileira. Ele integrava o Jihad Media Battalion (JMB), unidade de suporte da Al Qaeda na internet para disseminação de propaganda simpatizante à causa (mensagens de conteúdo racista, incitação do ódio aos ocidentais, fomento de ideologia antisemita e publicação de vídeos de grupos extremistas).

É evidente que impedir a radicalização em rede constitui-se numa tarefa praticamente impossível. Nota-se apenas a possibilidade de prevenção sobre os usos de novos meios de comunicação e difusão como plataforma de ação terrorista.

STRATEGIC JIHADIST COMMUNICATION ONLINE

Radical Islamic groups are recruiting Brazilians on the internet with the use of webpages in Portuguese.

BRAZILIAN ARMY SPECIAL FORCES COLONEL (RET)
FERNANDO MONTENEGRO*

On October 14th, 2016, 36-year-old Brazilian citizen Valdir Pereira Rocha died as a result of being beaten while imprisoned in Brazil. He was one of the 12 people arrested during Operation Hashtag, conducted by the Brazilian Federal Police days before the start of the 2016 Olympic Games in Rio de Janeiro. The group was suspected of association with the Islamic State. The main line of investigation suggests that the offenders were members of organized crime factions. The event demonstrates that there are still differences and even competition in the spaces occupied in Latin America between jihadists and organized crime.

It has been a while since the Islamic State created the *Nashir News Agency* to promote discussion groups in French, English, and German by using *Telegram*, an application supported by Android, iOS, and Windows Phone mobile technology as well as by computer and web-based versions which allow the exchange of messages either privately or in groups. But it is important to stress that as the fifth most spoken language in the world, Portuguese is strategic. Together with English, Spanish, Mandarin, and Arabic, it has the potential to expand. In an effort to enhance their strategic communication, and just a few months before the Rio 2016 event, the Islamic State created a Portuguese-language account in the *Telegram* message exchange system, the so-called *Nashir Português*.

However, it is worth remembering that Cyber Jihad is not so recent in Brazil. In September 2009, Lebanese citizen Khaled Hussein Ali was arrested during Operation Emperor, conducted by the Brazilian Federal Police. He was a member of the Jihad Media Battalion (JMB), an Al Qaeda support unit on the internet that was used to disseminate propaganda in favor of the cause (messages with racist content, hate speech against Westerners, promotion of an anti-Semite ideology, and publishing videos from extremist groups).

RADICALIZAÇÃO

Mas afinal, de que se trata essa tão falada radicalização? Vamos aqui usar alguns conceitos e definições que foram apresentados no Seminário Internacional de Estratégias de Comunicação no Contexto do Terrorismo, promovido pelo Instituto da Defesa Nacional de Portugal, pela Universidade Nova de Lisboa e pelo Sistema de Informações da República Portuguesa, em outubro de 2016.

Neste evento, Nuno Rogeiro fez várias considerações e abordou o tema considerando a radicalização como o processo individual ou grupal que leva a posições extremas, agressivas e de exclusão, ou totalitárias, em matérias socio-políticas, ideológicas e religiosas, implicando em geral a destruição ou submissão de qualquer entidade pressentida como adversa ou não concordante, a rejeição de meios pacíficos, gradualistas ou reformistas de mudança, e ainda a negação ao adversário de qualquer sistema de direitos, liberdades e garantias.

O primeiro relatório científico sobre o tema jihad cibernética foi encomendado pelo Departamento de Polícia de Nova York, por meio da sua Divisão de Inteligência, dois anos depois do 11 de Setembro e chamou-se *Radicalization in the West: The Homegrown Threat (Radicalização no oeste: a ameaça doméstica)*. O estudo foi confeccionado por Mitchell D. Silber e Arvin Bhatt, ambos da Divisão de Inteligência da Polícia de Nova York.

MATAR OU MORRER

O documento estudava 10 casos de radicalização violenta, metade dos quais nos EUA. No seu texto, procurava explicar a transformação de indivíduos ou grupos de indivíduos, até aí considerados neutros, em militantes terroristas. Por fim, concluía sugerindo que esse processo teria quatro fases: pré-radicalização, intensificação, doutrinação e jihadização.

No estudo da pré-radicalização, procura-se identificar o perfil predominante das pessoas que se identificam com a sistemática e com a ideologia. Na intensificação, busca-se mensurar a quantidade de mecanismos que levam uma pessoa a aproximar-se de um determinado objetivo e a identificar-se com ele. Depois temos a doutrinação, que implica um relacionamento bem mais personalizado e intenso com o candidato, incluindo técnicas de contra inteligência para identificar tentativas de infiltração. No coroamento de um processo de radicalização bem sucedido, chega-se à jihadização que é, no fundo, a capacidade de levar uma pessoa à decisão de matar ou morrer.

Curiosamente, esse documento já não está mais disponível no site da NYPD, sigla da Polícia de Nova York em inglês, mas ainda pode ser encontrado em outras plataformas. O estudo esteve na origem de várias outras análises estaduais, incluindo o famoso relatório britânico *Prevent*, muito influenciado pelas observações do ex-agente americano da CIA Marc Sageman sobre o terrorismo pós-moderno.

BUNCH OF GUYS

Em seu estudo, Marc Sageman diz que a jihadização não derivaria apenas do comando central de um grupo remoto, mas muitas vezes, da iniciativa de um *bunch of*

guys (bando de caras), de um grupo local, auto-organizado, socialmente alienado, baseado em laços de amizade ou de sangue, que se diriam pré-ideológicos. A expressão *bunch of guys* é do próprio Marc Sageman, um acadêmico, psiquiatra, ex-consultor da CIA. Ele trabalhou muito tempo no Afeganistão e em outras duas fronteiras sensíveis e a expressão foi usada pela primeira vez no seu livro *Understanding Terror Networks*.

Neste contexto de radicalização, o ciberespaço virou a principal fonte de recrutamento. Um verdadeiro mestre neste modo de cooptação é alguém que é bastante conhecido pelos estudantes do assunto, Abu Musab al Suri, que muitos olham como um elemento ideologicamente mais importante na jihad pós-moderna do que o próprio Osama bin Laden. Ele foi o primeiro militante da Al Qaeda a definir a estratégia da jihad global com uso de toda a tecnologia possível e imaginável. Esta realidade fortaleceu-se e hoje conta com cerca de 90 mil mensagens por dia produzidas por meios jihadistas, desaguando nas chamadas redes sociais.

REDES SOCIAIS

O uso dessas redes (e essencialmente do Twitter, Facebook, LinkedIn, Instagram e Youtube) tem aumentado em eficácia pela expansão do mercado de comunicações móveis e pela possibilidade de aceder aos mesmos de locais remotos, e em trânsito, muitas vezes com protecção de identidade.

Observar os jovens de hoje, e mesmo alguns adultos que se permitem dependência, ou também radicalização, por meio de um smartphone, ficando o tempo todo com os olhos vidrados nesse dispositivo de comunicação móvel, ajuda a compreender a facilidade com que esse universo instalou-se entre nós e faz parte do nosso dia a dia.

RADICALIZAÇÃO ONLINE

Dessa forma, a radicalização online apresenta importantes questionamentos a serem respondidos:

- O radicalizado sofre apenas um processo de conversão motivado por forças externas (a propaganda jihadista), ou já era propenso e apenas recebeu o estímulo que faltava?
- Pode o radicalizado ser, por natureza e origem, um radical?
- A radicalização é uma imposição ou uma escolha? (Às vezes trata-se, sobretudo nos meios oficiais, desse problema como sendo o radicalizado uma espécie de inocente que é, no fundo, motivado por uma força quase sobrenatural que o leva a uma conduta anormal.)
- Qual o papel que desempenham os mecanismos internos (psicológicos, de sociabilidade, familiares etc.) e externos (persuasão, indução, manipulação e coação)?
- A radicalização é sempre uma forma ofensiva ou defensiva?
- O que é a auto-radicalização ou conversão voluntária?
- O estudo individual ou grupal da radicalização é uma consequência da jihad sem liderança (ou sem um centro, como falava Marc Sageman)?
- Há um perfil objetivo do radicalizado que possibilite a prevenção e o alerta?

It is clear that completely preventing radicalization on the net is a virtually impossible task. However, it is critical to prevent terrorists from utilizing emerging communications and broadcasting media as operations platforms.

RADICALIZATION

But what is this so-called radicalization all about? We will make use of some ideas and definitions presented by experts at the International Seminar on Communication Strategies in the Context of Terrorism, which took place in October 2016 and was sponsored by Portugal's National Defense Institute, the New University of Lisbon, and the Portuguese Republic's Information System.

At the event, Portuguese geopolitics expert and journalist Nuno Rogeiro discussed the topic at length. He said radicalization is an individual or group process that leads to extreme, aggressive, and exclusionary or totalitarian positions on social-political, ideological, and religious matters generally involving the destruction or subjugation of any organization perceived as hostile or dissenting; rejecting peaceful, gradual or reformist means of change; as well as negating access by adversaries to any system of rights, freedoms, and guarantees.

The first science-based report on the topic of cyber jihad was commissioned by the New York Police Department's (NYPD) Intelligence Division two years after September 11. Titled *Radicalization in the West: The Homegrown Threat*, the study was conducted by Mitchell D. Silber and Arvin Bhatt, both from the NYPD Intelligence Division.

KILL OR DIE

The study considered 10 cases of violent radicalization, half of them in the United States, and tried to explain the transformation of individuals or groups of individuals which until then had been considered neutral, into terrorist militants. In its conclusion it suggested that this process has four distinct stages: pre-radicalization, intensification, indoctrination, and finally jihadization.

In examining pre-radicalization, it tries to distinguish the predominant profile of the individuals who find themselves identified with the system and ideology. In the intensification stage, it seeks to measure the number of mechanisms that raise an individual's interest in a certain objective in order to identify with it. We then proceed to the phase of indoctrination, which implies a relationship with the candidate that is much more personalized and intense, including the use of counter-intelligence techniques to recognize infiltration attempts. Finally, the culmination of a successful radicalization process is the jihadization, which really entails the ability of leading an individual to make the decision to kill or to die.

Curiously, this document is no longer available at the NYPD website, although it can still be found in other platforms. The study served as a basis for various other state-level analyses, including the famous British report, *Prevent*, which was heavily influenced by the observations made by former CIA operations officer Marc Sageman about post-modern terrorism.

A BUNCH OF GUYS

In his study, Sageman says jihadization is not just the result of a remote group's central command, but sometimes it is carried out by the initiative of a *bunch of guys*, i.e., a local group that is self-organized, socially isolated, based on friendship or blood ties, who would present themselves as pre-ideological. The expression *bunch of guys* was used by Sageman himself, an academic, psychiatrist, and former consultant to the CIA, who worked extensively in Afghanistan and other conflict zones in the region. The expression was used for the first time in his book *Understanding Terrorism Networks*.

In this context of radicalization, cyberspace has become the main source of recruiting. Someone who is a real expert in this type of enticement and very well known by those who study the matter is Abu Musab al Suri, who many regard as a more ideologically important element in the post-modern jihad than Osama bin Laden himself. He was the first Al

Qaeda militant to define a new global jihad strategy, one that uses any and all possible and imaginable technologies. This scenario has become much stronger and now produces close to 90,000 messages a day through the jihadist media, overflowing into the so-called social networks.

SOCIAL NETWORKS

The use of these networks (essentially, Twitter, Facebook, LinkedIn, Instagram, and YouTube) has become a lot more effective due to the growth of the mobile communications market and the possibility of accessing them from remote locations or while in transit, sometimes protecting the users' identities.

To understand how easily this new universe has been firmly established among us, thus becoming a part of our daily routine, it is enough to watch today's youth – and even some adults who allow themselves to become dependent or radicalized through the use of a smartphone – who are forever glued to these mobile communication devices.

ONLINE RADICALIZATION

Online radicalization raises important questions that need to be answered:

- Does an individual become radicalized simply because he/she went through a conversion process motivated by external forces (jihadist propaganda), or was the person already inclined this way and finally received a stimulus that was missing before?
- Could the radicalized person have been a radical already by nature and/or origin?
- Is radicalization imposed or is it a choice? (Sometimes, especially in official circles, the problem is tackled by looking at the radicalized person as some type of innocent individual who, deep inside, is motivated by an almost supernatural force that pushes him to an abnormal behavior.)
- What is the role played by internal mechanisms (psychological, sociability, family members, etc.) and external mechanisms

Atualmente, dois filósofos franceses questionam: há uma radicalização do islamismo (Gilles Keppel) ou uma islamização da radicalização política (Olivier Roy)? Percebe-se que não é apenas um jogo de palavras. Para Keppel, trata-se de um desvio da forma do islã original para formas de interpretação perversas que desabonam a violência. Para Olivier Roy, há um potencial em cada sociedade (seja no Canadá, EUA, Brasil ou Índia) de radicalismo, que pode se exprimir de várias formas, e o islamismo pode ser essa válvula de escape.

A descrição do processo de radicalização pode ser instrutiva, interessante e necessária, mas a chave é o momento de passagem para a fase letal, ou de ajuda à construção de uma fase letal. A decisão de morrer e/ou provocar mortes é o elemento de estudo fundamental.

DA TEORIA À AÇÃO

Se quiséssemos encontrar aqui a descrição de algumas formas empíricas que temos verificado nos últimos anos, poderíamos identificar três tipos diferentes de radicalização:

1. O radicalizado tem acesso direto aos meios de comunicação digital/eletrônicos e decide, após a consulta desses meios, através daquilo que alguns chamam “um grupo de discussão invisível”, passar para o lado violento.
2. O radicalizado é aconselhado por um elemento externo (não online) a ir até a consulta às informações na internet, passando posteriormente à ação; ou seja, a radicalização faz-se em dois graus, um externo e outro interno.
3. A radicalização se faz toda em rede, mas com intermediários. A pessoa acessa a internet e depois disso acessa de forma eletrônica alguém que serve de intermediário que o radicaliza e este passa depois à ação.

Ainda de acordo com Marc Sageman, o processo ocorre progressivamente. Inicialmente são necessárias condições básicas que normalmente são a alienação, a revolta e a necessidade de pertencer a um grupo que tenha uma experiência comum. No prosseguimento, identifica-se a construção ideológica de motivos e uma disponibilidade para a ação. Finalmente, quando o radicalizado tem acesso aos meios de planeamento, isto o leva à realização do atentado.

ATIVIDADES CIBERJHADISTAS

Dentre as atividades desenvolvidas pelos ciberjihadistas, podemos listar algumas:

- Informação e discussão;
- Doutrinação e proselitismo;
- Ferramenta de treino teórico e operacional, com instruções de uso;
- Salas de *chat* para trocas de mensagens;
- Transmissão de avisos e códigos para emprego em operações;
- Recrutamento;
- Seleção e vigilância de alvos;
- Reivindicação de propaganda;

- Engodo e contrainformação;
- Comando e controle;
- Distração, socialização e entretenimento, no caso de jogos eletrônicos, por exemplo;
- Juramento de lealdade, sobretudo no caso do Estado Islâmico;
- Testamento *post-mortem*
- Proclamações;
- Ameaças;
- Justificações;
- Invenções e propostas; e
- Segurança interna, na identificação de quem são os dissidentes ou aqueles que não possuem uma disciplina de compartilhamento das informações.

Face a esse cenário, podemos identificar algumas ações possíveis de serem realizadas e algumas até mesmo já desencadeadas por alguns serviços de informação e de segurança de vários países contra o terrorismo e grupos como o *Anonymous*, dentre outros;

- Ataque cibernético a esses sites de forma a destruí-los.
- Infiltração nos grupos de discussão para saber mais o que se passa.
- *Spoofing*, ou criação de falsos sites eletrônicos ou identidades para tentar identificar quem quer ou não fazer o mal.
- *Phishing*, ou captura de informação operacional para uso futuro.
- Reunião internacional de servidores e meios de difusão para a criação de regras mais expeditas de forma a impedir a abertura ou levar ao fechamento de sites e contas.
- Criação de grupos e sites de discussão “desradicalizadora”.
- Possível introdução de uma disciplina curricular optativa nas escolas, desde a educação básica, para explicar quais os problemas e as armadilhas que se apresentam atualmente.
- Medidas de punição pelo uso ativo de sites e salas de discussão.
- Punição especial a mediadores, em rede ou offline.
- Destruição física de centros de produção e difusão, como aconteceu com a destruição da rádio Al-Bayan do Estado Islâmico em Mossul.

Como se pode notar, a ciberjihad é um fenómeno complexo e de mutação acelerada. O que aqui foi apresentado pode ser passível de diferentes interpretações, bastando apenas que novas variantes sejam incluídas ou identificadas na equação, alterando completamente a dinâmica do cenário. Concluo dizendo que os serviços de inteligência são a primeira linha de defesa da sociedade e, sem eles, será impossível a antecipação e prevenção ao terrorismo. **①**

*Ex-oficial de Inteligência da Unidade de Contrterrorismo, pesquisador de ciberterrorismo no Instituto da Defesa Nacional de Portugal, doutorando em Relações Internacionais, professor da Universidade Autónoma de Lisboa e Consultor de Segurança.

(persuasion, inducement, manipulation, and coercion)?

- Is radicalization always intended to be an offensive or defensive?
- What is self-radicalization or voluntary conversion?
- Is studying radicalization, either individually or in a group, a consequence of a leaderless jihad (or without a center, as Sageman mentioned)?
- Is there an objective profile of the radicalized individual which can enable prevention and trigger alarms?

Today, two French thinkers debate the following question: Is there a radicalization of Islam (Gilles Keppel), or an Islamization of political radicalization (Olivier Roy)? It is not merely a play on words. For Keppel, the issue is that there is a departure from the ways of original Islam into a perverse interpretation of it, which can only lead to violence. For Roy, a potential of radicalization exists in any society (whether Canada, the United States, Brazil, or India), which can be expressed in different ways, and Islamism may just be the escape valve.

Describing the radicalization process may be instructive, interesting, and necessary, but the key is the moment it passes on to the lethal phase or helps in the construction of a lethal phase. The decision to die and/or cause death is the fundamental element of study.

FROM THEORY TO ACTION

If we were to find a description of certain empirical ways that have been observed over the last few years, three different types of radicalization might be pointed out:

1. The radicalized individual has direct access to the digital/electronic communication media and, after consulting these media through what some call “an invisible discussion group”, decides to move over to the violent side.
2. The radicalized individual is encouraged by an external element (not online) to retrieve information from the internet and then to proceed into action;

in other words, radicalization is conducted in two levels, one external and the other internal.

3. The radicalization is carried out entirely on a network, but with intermediary parties. The individual accesses the internet and then electronically accesses someone who acts as an intermediary and radicalizes said individual, who then proceeds to act.

Still, according to Sageman, the process develops progressively. Initially, some basic conditions are required; typically these are alienation, rebellion, and the need to belong to a group having a common experience. Then the individual identifies his or her motives and becomes ready for action. Finally, when the radicalized person has access to the means to plan actions, he or she will carry out an attack or assault.

CYBER JIHAD ACTIVITIES


Among the activities developed by cyber jihadists, the following are worth mentioning:

- Information and discussion;
- Indoctrination and proselytism;
- A training tool for theory and operations, with the user manual;
- Chat rooms to exchange messages;
- Transmitting notices and codes for use in operations;
- Recruiting;
- Selection and surveillance of targets;
- Claiming propaganda;
- Decoy and counter-information;
- Command and control;
- Distraction, socialization, and entertainment in the case of electronic games, for example;
- Swearing loyalty, especially in the case of the Islamic State;
- Post-mortem testament;
- Proclamations;
- Threats;
- Justifications;
- Inventions and proposals;
- Internal security to identify who the dissidents are or who does not have the discipline to compartmentalize information.

In view of this scenario, we may point out some actions that could

be undertaken – some of which have already been used by information and security agencies from various countries – against terrorism and groups such as *Anonymous*, among others:

- Cyber attacks to these sites in order to destroy them;
- Infiltrating discussion groups to find more information on what is going on;
- Spoofing, or creating false electronic sites or false identities to try to identify who is/is not interested in carrying out evil deeds;
- Phishing, or capturing operational information for future use;
- Meeting among international servers and broadcast media to create more expeditious rules in order to prevent the opening of these sites and accounts or proceed to close them;
- Creating discussion groups and sites to promote “de-radicalization”;
- Possibly introducing an elective subject matter to be taught starting at elementary school, where the problems and traps we currently face are explained;
- Introducing punishment measures for the active use of sites and chat rooms;
- Introducing special punishment for intermediators, whether on networks or offline;
- Physically destroying production and broadcast centers, as with the destruction of the Islamic State *Al-Bayan* radio in Mossul.

As seen above, cyber jihad is a complex trend that is always changing. What we presented may be subject to different interpretations, whenever new variations are included or observed in the equation, as these may completely change the dynamics of the scenarios. Let me conclude by saying that intelligence services are the first line of defense available to a society; without their participation, it would be impossible to preempt and prevent terrorist actions. 

*Former intelligence officer at the Counterterrorism Unit, cyberterrorism researcher at Portugal's National Defense Institute, International Relations doctoral candidate, and security consultant.



ECOS DO **TERRORISMO JIHADISTA** NO BRASIL

Uma sequência de fatos nos dois últimos anos conectando o Brasil e segmentos jihadistas tem chamado a atenção das agências de inteligência e forças de segurança no país.

CORONEL (R) FERNANDO MONTENEGRO,
FORÇAS ESPECIAIS DO EXÉRCITO BRASILEIRO

No dia 4 de maio de 2017, a justiça brasileira condenou pela primeira vez, baseado na Lei Antiterrorismo, oito integrantes de uma célula terrorista que planejava realizar atentados durante a Olimpíada Rio 2016. Duas semanas antes da abertura dos Jogos Olímpicos, por meio da Operação *Hashtag*, a Polícia Federal (PF) brasileira cumpriu 19 mandados de busca e apreensão em 10 estados. A PF prendeu um grupo de 10 homens ligado ao Estado Islâmico (EI) que preparava atos terroristas durante o maior evento esportivo do mundo. Foram as primeiras prisões no Brasil fazendo uso dessa nova legislação, e tudo começou quando a Divisão Antiterrorismo (DAT) da Polícia Federal recebeu um documento de sua contraparte americana, o FBI, informando sobre perfis visualizados no Brasil em mídias como Facebook, Twitter e Google Plus.

As investigações da PF comprovaram que os elementos presos integravam o grupo Defensores da Sharia e haviam comemorado de maneira ostensiva o atentado terrorista de 12 de junho de 2016 na boate Pulse, em Orlando. Além disso, manifestavam intolerância

religiosa, racial, de gênero e planejavam executar atentados violentos com uso de armamentos. Os acusados usavam codinomes árabes, tinham antecedentes criminais e idades entre 20 e 40 anos.

NOVA LEI DE IMIGRAÇÃO

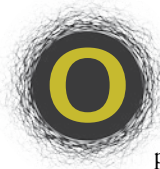
A nova Lei de Imigração do Brasil tem sido alvo de duras críticas por vários segmentos da sociedade devido às facilidades oferecidas, segundo estes grupos, sem qualquer critério, aos estrangeiros que querem se mudar para o país e ao consequente possível facilitamento de ações terroristas. Entre os benefícios oferecidos aos imigrantes, pode-se destacar: abertura de conta bancária, educação (inclusive universitária) e atendimento médico gratuitos, além de os refugiados passarem a ter o mesmo status de turistas, não sendo, assim, verificados seus antecedentes criminais. Este último, o ponto de maior preocupação para aqueles que acreditam que terroristas podem tentar se fazer passar por refugiados políticos.

No dia 3 de maio, um grupo que fazia uma marcha pacífica em

ECHOES OF JIHADIST TERRORISM IN BRAZIL

A series of events over the last two years connecting Brazil and jihadist sectors have drawn the attention of security agencies and forces in the country.

RETIRED BRAZILIAN ARMY SPECIAL FORCES COLONEL FERNANDO MONTENEGRO



On May 4, 2017, Brazilian courts used the Antiterrorism Act (13.260) for the first time to sentence the members of a terrorist cell which had planned attacks during the 2016 Rio Olympic Games.

Two weeks before the Games opened, the Brazilian Federal Police (PF, per its Portuguese acronym), under Operation Hashtag, carried out 19 search-and-seizure orders in 10 states. The PF arrested a group of 10 men connected to the Islamic State (IS), who were getting ready to carry out terrorist attacks during what is considered the largest sports event in the world. These were the first arrests ever conducted in Brazil using this new legislation, and it all began when the PF Antiterrorism Division (DAT, per its Portuguese acronym) received a document from its U.S. counterpart, the Federal Bureau of Investigation (FBI), providing information on profiles viewed in Brazil through social media networks such as Facebook, Twitter, and Google Plus.

PF investigations confirmed that the detainees were members of the group Sharia Defenders, which had openly celebrated the terrorist attack on Pulse nightclub in Orlando, on June 12, 2016. They had also demonstrated their religious, racial, and gender intolerance, and planned to conduct violent attacks with the use of weapons. The defendants used fake Arabic names, had a criminal background, and varied in age between 20 and 40 years old.

NEW IMMIGRATION LAW

Brazil's new immigration laws have been subject to harsh criticism from various groups of society because, in their opinion, the rules do not set forth any screening criteria and make it too easy for foreigners to move to Brazil, thus possibly facilitating future terrorist attacks. Many benefits are offered to immigrants, such as: opening a bank account, education (including college), and free medical care. Also, refugees are given the same status as tourists, i.e. no checks are conducted for a criminal background. This last point is of greatest concern to those who think that terrorists may try to pass off as political refugees.

On May 3rd, a group demonstrating peacefully against the new legislation was attacked in São Paulo with home-made bombs, clubs, and stones by another group comprising a few foreigners speaking in Arabic.

Some of the assailants carried IS and Palestine banners and covered their faces. Soon after having been detained by the police, some already had attorneys who had been paid by non-governmental organizations and were ready to defend them.

SUSPECT FOREIGNERS

On April 12th, law enforcement officials arrested Saudi citizen Saleh Abdulrahman Alderabi in the state of Paraíba, for carrying fraudulent immigration documents. The police discovered various photographs, videos, and chat conversations in his mobile phone showing his connections with extremist groups. After his arrest, police identified an international gang whose specialty was fabricating documents to expedite illegal immigration proceedings.

Other individuals were detained afterwards, including Iraqi citizen Feras Ali Haussn, who was also a member of the plot. As a result, the PF division responsible for fraud and counterfeiting contacted the international police organization, INTERPOL, to inquire on the suspects' worldwide activities as well as request the PF to start the process of expelling the foreign nationals. Also, in order to contribute to international counterterrorism efforts, such information was promptly relayed to the U.S. Consulate in Recife, in the state of Pernambuco.

As in the case of Brazil and other countries, intelligence operations must be society's first line of defense to counter terrorism. For this to happen, it is important for national and international intelligence agencies to continue to exchange information, such as in the case of Operation Hashtag.

On April 20, 2016, PF intelligence identified and immediately began monitoring a Pakistani group in Iranduba, located 30 kilometers from Manaus. The group, who barely spoke Portuguese, introduced themselves as missionaries of Islam. As they were being detained, they stated their purpose was to travel the country and proselytize their faith.

NOT A NEW TOPIC

In spite of these recent events, the possible presence of terrorists in Brazil can be traced further back historically. The Triple Frontier between Brazil, Argentina, and Paraguay is a region that has attracted the attention of the PF and INTERPOL due to the significant volume of drug trafficking, smuggling, and illegal immigration

São Paulo contra essa nova lei foi atacado com bombas de fabricação caseira, pauladas e pedradas por outro grupo composto por vários estrangeiros que se comunicavam em árabe.

Alguns dos agressores ostentavam bandeiras do Estado Islâmico e da Palestina, e cobriam o rosto. Quando alguns deles foram presos pela polícia, já possuíam advogados pagos por organizações não governamentais prontas para defendê-los.

ESTRANGEIROS SUSPEITOS

Em 12 de abril de 2016, no estado da Paraíba, após prender Saudita Saleh Abdulrahman Alderabi por falsificação de documentos para imigração, a polícia descobriu no celular do mesmo várias fotos, vídeos e conversas que caracterizam ligações com grupos extremistas. Por meio dessa prisão, foi identificada uma quadrilha internacional especializada em falsificar documentos para facilitar imigrações ilegais.

Conforme tem ocorrido no Brasil e em outros países, as ações de inteligência precisam continuar sendo a primeira linha de defesa da sociedade e orientar as operações de combate ao terrorismo. Para isto, também cresce em importância o intercâmbio de informações entre as agências nacionais e internacionais de inteligência, conforme ocorreu na Operação *Hashtag*.

Depois foram presas outras pessoas, incluindo o iraquiano Feras Ali Haussn, participante do esquema. Devido a isso, a Delegacia de Defraudações e Falsificações entrou em contato com a polícia internacional (Interpol) para consulta sobre os suspeitos em âmbito mundial e a PF para que fosse iniciado o processo de expulsão dos estrangeiros. Visando a colaborar com o esforço internacional de combate ao terrorismo, também foram prontamente passadas as informações ao Consulado dos Estados Unidos no Recife (PE).

No dia 20 de abril de 2016, foi identificado e passou a ser acompanhado pela inteligência da PF um grupo de paquistaneses na cidade de Iranduba, a 30 quilômetros de Manaus (AM), que mal falavam português e se apresentavam como missionários do islamismo. Eles declararam no ato da prisão que pretendiam viajar pelo país divulgando a sua fé.

UM TEMA ANTIGO

Mesmo com estes fatos recentes, o histórico do tema da possível presença de terroristas no Brasil é um pouco mais antigo. Um dos locais que sempre foi alvo de muita atenção da PF e da Interpol é a Tríplice Fronteira Brasil-Argentina-Paraguai, porque o volume de crimes envolvendo narcotráfico, contrabando, imigração ilegal, dentre outros é muito grande aquela área. Além disso, estima-se que a comunidade muçulmana ali seja de pelo menos 30 mil pessoas.

Após os atentados de 11 de setembro de 2001, o governo americano anunciou que destinaria um milhão de dólares para que os três países adotassem medidas antiterroristas na Tríplice Fronteira. Apesar de várias alertas das agências americana e israelense de inteligência, o governo brasileiro nunca confirmou a existência de células terroristas nessa área. No entanto, em 2003, segundo a agência de notícias *France Presse*, os serviços de segurança brasileiros alertaram as autoridades sobre uma possível viagem do ex-líder da Al-Qaeda, Osama Bin Laden, à Tríplice Fronteira para visitar uma mesquita na cidade de Foz do Iguaçu (PR). Membros da comunidade árabe no local negam tal fato. Da mesma forma, de acordo com uma reportagem da revista *Veja*, Khalid Shaikh Mohammed, que já foi o terceiro no comando da Al Qaeda, teria passado pela Tríplice Fronteira posteriormente, mas está preso desde 2003 e se encontra na prisão americana de Guantánamo, Cuba.

POSSÍVEIS ATAQUES TERRORISTAS NO BRASIL

Desde novembro de 2015, quando o jihadista do Estado Islâmico Maxime Hauchard anunciou em uma mensagem do Twitter que o Brasil seria um dos próximos alvos de possíveis ataques terroristas, os serviços brasileiros de inteligência passaram a acompanhar mais de perto qualquer evento que possa ter ligação com a temática “inimigos do Islã”.

Logo após o sancionamento da Lei Antiterrorismo no Brasil, em março de 2016, foram deflagradas operações pelos órgãos de segurança e inteligência, tendo em vista a possibilidade de o país ser palco de atentados terroristas durante os Jogos Olímpicos Rio 2016.

APOIO AO ESTADO ISLÂMICO

Em 29 de maio de 2016, utilizando-se do aplicativo de mensagens *Telegram*, o Estado Islâmico lançou um canal de comunicação e propaganda em português, o *Nashir Channel*. A primeira postagem foi um discurso de 14 páginas de Abu Muhamad al-Adnani, porta-voz do EI, sobre os ataques de forças aliadas na Síria, Iraque e Líbia contra integrantes deste grupo terrorista.

No final do primeiro semestre de 2016, foi identificado pela Agência Brasileira de Inteligência (ABIN) Ismail Abdul Jabbar al-Brazili, integrante do grupo muçulmano radical *Ansar al-Khilafah Brazil*, que declarou apoio ao EI em publicações no aplicativo de mensagens *Telegram* e promoveu propaganda jihadista em inglês e português.

Em 15 de julho de 2016, o físico argelino Adlène Hicheur foi deportado do Brasil por não ter seu visto de trabalho renovado. Ele era monitorado pela Polícia Federal desde que havia chegado ao país em 2013 e trabalhava legalmente como professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Hicheur havia sido condenado por terrorismo na França após os serviços de inteligência de lá terem interceptado mensagens de apoio e simpatia entre o professor e a Al Qaeda, após a organização terrorista ter enviado um convite direto para que ele passasse a participar das atividades em território francês.

Conforme tem ocorrido no Brasil e em outros países, as ações de inteligência precisam continuar sendo a primeira linha de defesa da sociedade e orientar as operações de combate ao terrorismo. Para isto, também cresce em importância o intercâmbio de informações entre as agências nacionais e internacionais de inteligência, conforme ocorreu na Operação *Hashtag* — uma investigação em andamento pela PF, deflagrada oficialmente em julho de 2016 contra uma suposta célula do grupo terrorista Estado Islâmico — que teve seu pontapé inicial a partir de informações fornecidas pelo FBI. **①**



Soldados do Exército Brasileiro patrulham o Parque Olímpico durante as Olimpíadas Rio 2016, em 12 de julho.

Brazilian Army soldiers patrol the Olympic Park in Rio de Janeiro, Brazil, on July 12th, during the 2016 Summer Olympics.

REUTERS

incidences in that area. It is estimated that the Muslim community may reach 30,000 people in that particular location.

After the September 11 attacks, the U.S. government announced it would appropriate \$ 1 million for the three countries to adopt antiterrorist measures in the tri-border region. Despite many alerts from U.S. and Israeli intelligence agencies, the Brazilian government never confirmed the existence of terrorist cells in that area. However, in 2003, according to *France Presse* news agency, Brazilian security services alerted authorities about a possible trip that former Al-Qaeda leader, Osama Bin Laden, would make to the tri-border region in order to visit a mosque in the city of Foz do Iguaçu, in the state of Paraná. However, members of the local Arab community rejected the allegation. Also, according to a story in *Veja* magazine, Khalid Shaikh Mohammed, third in command of Al Qaeda, was expected to visit the area after that, but he has been detained in Guantanamo, Cuba, since 2003.

POSSIBLE TERRORIST ATTACKS IN BRAZIL

Since November 2015, when IS jihadist Maxime Hauchard announced in a Twitter message that Brazil would be one of the next targets of possible terrorist attacks, Brazilian intelligence services began to follow any event that might be construed as having a thematic connection with “Islamic enemies” more closely.


After Brazil passed the Antiterrorism Act in March 2016, the security and intelligence agencies initiated several operations to thwart the possibility of allowing Brazil to become the stage for terrorist attacks during the 2016 Rio Olympic Games.

ISLAMIC STATE SUPPORT

On May 29, 2016, using the *Telegram* messenger app, IS launched a Portuguese-language communication and propaganda channel called *Nashir Channel*. The first post was a 14-page speech delivered by Abu Muhamad al-Adnani, an IS spokesperson, about attacks by allied forces in Syria, Iraq, and Libya against members of that terrorist group.

By the end of the first half of 2016, the Brazilian Intelligence Agency (ABIN, per its Portuguese acronym) identified Ismail Abdul Jabbar al-Brazili, a member of the Muslim radical group *Ansar al-Khilafah Brazil*, who declared his support for IS in *Telegram* posts and also promoted jihadist propaganda in English and Portuguese.

On July 15, 2016, Algerian physicist Adlène Hicheur was deported from Brazil because his work visa had expired. He had been monitored by PF since his arrival in the country in 2013, but in spite of that, began to work legally as a professor at the Federal University of Rio de Janeiro. Hicheur had been indicted for terrorism in France after intelligence services in that country intercepted messages of support and sympathy between the professor and Al Qaeda, after the terrorist organization had directly invited him to participate in their activities in French territory.

As in the case of Brazil and other countries, intelligence operations must be society’s first line of defense to counter terrorism. For this to happen, it is important for national and international intelligence agencies to continue to exchange information, such as in the case of Operation Hashtag — an ongoing PF investigation that was launched in July 2016 against alleged IS terrorist group cells — which initiated after receiving information from the FBI. 

NARCO DRONES

UMA NOVA FORMA DE TRANSPORTAR DROGAS



Uma técnica de narcotráfico usada pela primeira vez no México agora se expande por outros países das Américas Central e do Sul.

CAPITÃ DO EXÉRCITO DOS EUA, BRENDA FIEGEL,
ANALISTA SÊNIO, GABINETE DE ESTUDOS MILITARES ESTRANGEIROS, FORT LEAVENWORTH, KANSAS

EM meados de novembro 2016, a polícia colombiana apreendeu 130 quilogramas de cocaína e um veículo aéreo não tripulado (drone), usado por narcotraficantes, na região de Bahía Solano, em Chocó, supostamente para transportar cocaína ao Panamá. Esta é uma informação importante, já que foi a primeira vez que drones foram identificados como um método viável de tráfico no país, segundo a agência colombiana de notícias La Prensa.

Os drones que estão sendo utilizados podem transportar até 10 quilogramas de cocaína e percorrer até 100 quilômetros em uma única viagem. As autoridades também informaram que este método foi provavelmente desenvolvido pelo Clá do Golfo (conhecido anteriormente como Clá Úsuga), que é a maior rede criminosa da Colômbia dedicada ao narcotráfico.

O uso dessa tática pelo Clá do Golfo não é de maneira alguma surpreendente, já que eles são conhecidos por seus diversos métodos de tráfico, os quais variam, desde o uso de imigrantes ilegais para carregarem remessas pequenas para o Panamá, por regiões de florestas, até o uso de submarinos (semissubmersíveis) que podem se deslocar até os Estados Unidos.

No entanto, isso é significativo, uma vez que demonstra as capacidades dos cartéis de ajustarem seus métodos de tráfico às condições operacionais em evolução, ou seja, não importa quais sejam os obstáculos, os narcotraficantes irão ultrapassar praticamente qualquer barreira colocada à sua frente para circular seu produto e gerar lucros. Isto significa que as autoridades devem estar atentas, de forma a anteciparem as mudanças no tráfico, pois assim que um método for coibido ou se tornar temporariamente inutilizável, outro será rapidamente encontrado para substituí-lo.

TÁTICAS MEXICANAS

Embora as notícias a respeito da utilização de drones pelos cartéis de drogas na Colômbia sejam um fenômeno novo, esta tática tem sido usada pelos cartéis mexicanos desde

aproximadamente 2010 e é provável que o sucesso mexicano tenha motivado o Clá do Golfo a testar o mesmo método em seu território. De fato, por volta de 2012, a utilização de drones ao longo da fronteira era altamente prevalente, como foi demonstrado pela interceptação, pelos Estados Unidos, de 150 drones transportando um número estimado total de duas toneladas métricas de drogas, principalmente maconha, cocaína e heroína.

Na verdade, os mexicanos se tornaram tão dependentes do uso de drones que agora estão utilizando empresas sediadas no México para produzi-los em lugares como o Distrito Federal, Guadalajara, Monterrey, Querétaro e Tijuana. Isto é interessante pois, antes de 2011, praticamente todos os drones possuídos e operados por cartéis eram produzidos no exterior, principalmente em Israel e na China.

Os novos drones, fabricados no México, são muito diferentes daqueles utilizados para uso pessoal pois, supostamente, podem transportar algo como 60 a 100 quilogramas de drogas em uma única viagem. É provável que os engenheiros continuem a trabalhar para fabricar drones para o tráfico que sejam mais eficientes em termos do peso que podem carregar, da distância que podem percorrer e dos métodos para evitar sua detecção.

Quanto ao uso atual, os drones utilizados para o transporte de drogas geralmente operam durante a noite e sequer chegam a aterrissar em solo americano. Eles simplesmente lançam a droga e retornam ao México.

A MULA DE DROGAS PERFEITA

É possível supor que os drones estejam ganhando popularidade, tanto no México quanto na Colômbia, por serem uma mula de drogas praticamente perfeita, na medida em que envolvem menos risco às organizações de tráfico ilícito e aos seus trabalhadores. Além disso, os drones custam significativamente menos que os túneis para drogas e os semissubmersíveis e são até capazes de transportar pacotes de dinheiro.

Os únicos defeitos aparentes dos drones são que eles não são capazes, neste momento, de viajar grandes distâncias ou de carregar remessas volumosas. Ainda assim, é

NARCO DRONES

A NEW WAY TO TRANSPORT DRUGS

U.S. ARMY CAPTAIN BRENDA FIEGEL, SENIOR ANALYST, FOREIGN
MILITARY STUDIES OFFICE, FORT LEAVENWORTH, KANSAS

**A narco trafficking
technique first used in Mexico,
expands to other countries in
Central and South America.**

provável que o uso de drones por cartéis de drogas aumente no México e na Colômbia, especialmente se os fabricantes trabalharem no desenvolvimento de modelos mais ágeis, que possam carregar mais peso e voar distâncias mais longas, em altitudes mais baixas.

Outros aspectos que tornam o uso dos drones atraente aos cartéis é que seu uso é multifacetado e não diz respeito, necessariamente, apenas a atividades de tráfico de drogas. Por exemplo, os drones podem realizar operações de observação, desempenhar a coleta de inteligência e, até mesmo, transportar dinheiro e mensagens importantes por distâncias curtas, sem serem detectados.

O FUTURO DOS DRONES NO MÉXICO E NA AMÉRICA DO SUL

Ao compararmos fronteiras, o México apresenta uma vantagem definitiva no que diz respeito ao uso de drones exclusivamente com a finalidade de traficar drogas, com base nos três motivos abaixo. Em primeiro lugar, a fronteira ao sudoeste é imensa e extremamente difícil de ser fiscalizada. Em segundo lugar, muitas vezes, os drones estão se deslocando de uma área povoada diretamente para outra, o que ajuda a camuflar suas atividades. Em terceiro lugar, os drones que estão partindo do México para os EUA estão viajando distâncias bem mais curtas do que aqueles partindo da Colômbia para o Panamá, ou seja, há um risco menor de detecção e de mau funcionamento do equipamento.

Esses desafios foram observados tanto pelo México quanto pelos Estados Unidos e a Patrulha de Fronteiras dos EUA e as autoridades mexicanas estão utilizando seus próprios drones, ao longo da fronteira, em uma tentativa de impedir o uso destes aparelhos por cartéis de drogas.

Quanto aos drones na América do Sul, sempre existiram problemas de segurança na fronteira entre o Panamá e a Colômbia, pois sua geografia compartilhada é uma área de intensa atividade de tráfico de drogas, pessoas e armas, bem como de lavagem de dinheiro. Mais especificamente, o chamado Estreito de Darién (classificado pelas autoridades de ambos os países como uma região de florestas sem lei, ao longo das duas fronteiras) constitui um epicentro de atividades ilegais por estar completamente sob o controle de organizações de tráfico de drogas e antes também das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC).

Historicamente, como vizinhos, o Panamá e a Colômbia trabalharam juntos para combater os problemas mencionados acima, mas agora estão buscando aprofundar esta cooperação. Como parte de seu compromisso de melhorar a segurança da fronteira, o presidente panamenho, Juan Carlos Varela, e o presidente colombiano, Juan Manuel Santos, afirmaram que planejam instalar duas bases de segurança, em La Olla e La Balsa, além de unificar dois outros postos avançados de segurança, em Alto Limón e La Unión.

Todas estas bases estarão localizadas na região de Darién e contarão com membros das forças de segurança da Colômbia e do Panamá. Prevê-se que estejam em funcionamento ainda em 2017. Como indicado pelo presidente Santos na Colômbia, espera-se que essa colaboração tenha resultados positivos para a diminuição de todos os tipos de atividades ilegais na região, e possivelmente irá frustrar a nova aplicação do uso de drones na área, antes que ganhe a mesma popularidade que tem no México. ①

In mid-November, Colombian Police seized 130 kilograms of cocaine and a drone used by narco traffickers in the Bahía Solano sector of Chocó, allegedly used to send cocaine shipments to Panama. This information is of interest as it is the first instance in which drones have been identified as a viable trafficking method in the country, according to Colombian news source *La Prensa*.

The drones being utilized can transport up to 10 kilograms (22 pounds) of cocaine and travel up to 100 kilometers (62 miles) in a single trip. Authorities also indicated that this method was likely developed by the Clan del Golfo (formerly known as Clan Úsuga), which is the largest criminal gang in Colombia dedicated to narco trafficking.

The use of this tactic by Clan del Golfo is in no way surprising as they are known for their diverse trafficking methods, which range from using illegal migrants to carry small shipments through jungle regions into Panama, to submarines that can travel all the way to the United States.

However, it is significant as it demonstrates the capabilities of cartels to adjust their trafficking methods according to changing operational conditions, meaning that no matter what obstacles are placed in front of them, drug trafficking organizations will overcome virtually any barrier put in front of them to move their product and generate profits. This means that authorities must be vigilant in anticipating trafficking changes because as soon as one method is blocked or temporarily unusable, another will quickly be found to replace it.

MEXICAN TACTICS

While news regarding drug cartels using drones in Colombia is a new phenomenon, this tactic has been used by Mexican cartels since around 2010, and it is likely that Mexican success motivated Clan del Golfo to test the same method in their territory. In fact, by 2012, drone use along the border was highly prevalent as evidenced by the U.S. interception of 150 drones carrying an estimated two metric tons of drugs; primarily marijuana, cocaine, and heroin.

In fact, Mexican cartels have become so vested in drone use that they are now using Mexican-based companies to produce them in cities including the Federal District, Guadalajara, Monterrey, Querétaro, and Tijuana. This is interesting because prior to 2011, virtually all drones owned and operated by cartels were produced abroad; primarily in Israel and China.

The new Mexican-made drones are very different from the ones used for personal use as they can supposedly transport anywhere from 60-100 kilograms (132-220 lbs.) of drugs in a single trip, and it is likely that engineers will continue working to make trafficking drones more efficient in terms of weight they can carry, distance they can travel, and methods to deter their detection.

In terms of current use, drones used to transport drugs usually operate during the night, and never even land on U.S. soil. They simply drop the shipment and return to Mexico.

THE PERFECT DRUG MULE

It can be surmised that drones are gaining popularity in both Mexico and Colombia as they represent a nearly perfect drug mule in the sense that they involve less risk to drug trafficking organizations and their “employees.” Additionally, they cost significantly less than drug tunnels and semi-submersibles, and are even capable of transporting cash shipments.

Drones’ only apparent flaws are that they are not capable of traveling long distances or carrying large-scale shipments at this point. Regardless, it is likely that drone use by drug cartels in Mexico and Colombia will increase; especially if producers work on developing more agile models that can carry more weight and fly longer distances at lower altitudes.

Other aspects that make drones appealing to cartels is that their use is multi-faceted and does not necessarily pertain to just drug trafficking activities. For example, drones can conduct surveillance operations, perform intelligence gathering, and even move money or valuable messages short distances without being detected.

THE FUTURE OF DRONES IN MEXICO AND SOUTH AMERICA

When comparing borders, Mexico has a definite advantage in terms of drone use strictly for drug trafficking purposes based on the following three reasons. First, the southwest border is vast and highly difficult to monitor. Second, in many cases drones are moving directly from one populated area into another, which helps camouflage their activity. Third, drones departing from Mexico to the United States are travelling much shorter distances than those departing from Colombia to Panama, meaning there is less risk of detection and malfunction of the equipment.

These challenges have been noted by both Mexico and the United States, and the U.S. Border Patrol and Mexican authorities are using their own drones along the border in an attempt to thwart drone use by drug cartels.

As for drones in South America, border security issues have always existed between Panama and Colombia because their shared geography is a hot spot for drug, human, and weapons trafficking as well as money laundering. More specifically, the so-called “Darién Gap” (classified by authorities from both countries as a lawless jungle region along the two borders) serves as an epicenter of illegal activity because it is completely under the control of drug trafficking organizations and previously by the Revolutionary Armed Forces of Colombia (FARC).

As neighbors, Panama and Colombia have historically worked together to combat the aforementioned issues, but are now looking to further this cooperation. As part of their commitment to improve border security, Panamanian President Juan Carlos Varela and Colombian President Juan Manuel Santos stated that they plan to install two security bases in La Olla and La Balsa, in addition to merging two other security outposts in Alto Limón and La Unión.

All of these bases are located in the Darién region, and will be staffed with both Colombian and Panamanian security forces. They are expected to be operational at some point in 2017. As indicated by President Santos, this collaboration is expected to have positive impacts in decreasing all types of illegal activity in the region and will possibly thwart the new imposition of drone use in the area before it gains the same popularity it has in Mexico. ①





A campanha de DESINFORMAÇÃO PRÓ-RÚSSIA

na República Tcheca e na Eslováquia

Tipos de mídia que divulgam propaganda pró-Rússia, suas características e narrativas utilizadas repetidamente

Por **Ivana Smoleňová**, Instituto de Estudos sobre Segurança de Praga

(Artigo publicado originalmente pela revista *Per Concordiam*)

“Atualmente, ninguém questiona o fato de Putin ter travado uma guerra de informação propagandista contra o nosso país”, afirma Juraj Smatana, ativista político e anticorrupção da Eslováquia, referindo-se a um novo fenômeno, a campanha de propaganda pró-Kremlin nos idiomas tcheco e eslovaco, difundida pela mídia. Embora os dois países possuam minorias russas relativamente pequenas e apenas alguns meios de comunicação no idioma russo, as campanhas de desinformação pró-Rússia parecem estar se alastrando.

Na República Tcheca e na Eslováquia, as campanhas de desinformação pró-Rússia se originam de fontes múltiplas. Suas mensagens pró-Kremlin são amplificadas por meio de extensas atividades nas redes sociais e da organização de reuniões e eventos públicos. Estas atividades de desinformação apresentam narrativas que são usadas repetidamente e demonstram um alto grau de similaridade entre seus argumentos e mensagens.

O objetivo das campanhas pró-Rússia é direcionar a opinião pública contra as instituições democráticas e apresentar um mundo no qual os Estados Unidos têm a pretensão de dominar o globo; todos os políticos com inclinação ocidental são corruptos; os meios de comunicação que não compartilham suas convicções são tendenciosos; e o futuro é

sombrio, sem esperança e repleto de conflitos. Neste mundo, a Rússia emerge tanto como salvadora quanto como autoridade moral, a garantidora da estabilidade política e da paz.

Apesar das similaridades e da retórica enérgica, as fontes pró-Rússia não possuem vínculos formais com o país. Seus motivos, origens, e estruturas organizacional e financeira permanecem desconhecidos na maioria dos casos. Até agora, os esforços dos jornalistas investigativos e ativistas não resultaram em provas diretas do envolvimento da Rússia.

A falta de transparência é um de seus atributos mais poderosos, pois qualquer acusação de intenções escusas é descrita como uma tentativa de suprimir as “opiniões alternativas”, e qualquer pessoa que os desafie é intitulada “marionete da propaganda americana”. A função mais importante da nova mídia pró-Kremlin e, especialmente, de seus canais nas redes sociais, é disponibilizar plataformas vigorosas onde o criticismo e o descontentamento daqueles que professam as mesmas opiniões podem ser partilhados, difundidos e amplificados.

CAMPANHA RUSSA SECRETA

Na Europa, a abordagem russa para a manipulação dos meios de comunicação e das informações é específica para cada país, com

a criação de estratégias separadas para regiões e países diferentes, enquanto se aproveita das fraquezas e dos conflitos internos. Conforme indicado no estudo de Ben Nimmo para o Central European Policy Institute [Instituto Centro Europeu de Política], a rede de propaganda russa é sofisticada e se utiliza de uma gama de autoridades, jornalistas, comentaristas simpatizantes e trolls da internet para divulgar suas mensagens. Também é baseada na falta de transparência, onde o público ignora que vários dos porta-vozes, na realidade, trabalham para o Kremlin, explicou Peter Pomerantsev durante uma entrevista com à Radio Free Europe (Rádio Europa Livre).

Assim acontece na República Tcheca e na Eslováquia, onde as mensagens de desinformação pró-Rússia se originam de fontes múltiplas que, frequentemente, são apoiadas por e interconectadas por meio de figuras públicas pró-Rússia. Por exemplo, Radka Zemanová-Kopecská é fundador da organização não governamental pró-Rússia, o Instituto de Estudos Estratégicos Eslovacos, que organizou uma discussão pública no parlamento tcheco e um protesto no Castelo de Praga. Além disso, Zemanová-Kopecská escreve artigos para sites tchecos pró-Rússia e para plataformas de idioma russo, atua nas

The Pro-Russian DISINFORMATION CAMPAIGN

in the Czech Republic and Slovakia

Types of media spreading pro-Russian propaganda, their characteristics, and frequently used narratives.

By **Ivana Smoleňová**, Prague Security Studies Institute

(Article originally published by *Per Concordiam* magazine)

“Today, nobody questions the fact that Putin has waged an information propaganda war in our country,” says Juraj Smatana, a Slovak political and anti-corruption activist, referring to a new phenomenon — a pro-Kremlin propaganda campaign in the Czech and Slovak languages spread by media. Although both countries have relatively small Russian minorities and only a handful of Russian-language media outlets, the pro-Russia disinformation campaigns appear to be spreading.

In the Czech Republic and Slovakia, pro-Russian disinformation campaigns originate from multiple sources. Their pro-Kremlin messages are amplified through extensive social media activity and the organization of public events and gatherings. These disinformation activities feature frequently used narratives and show high-level similarity of arguments and messages.

The goal of the pro-Russian campaign is to shift public opinion against democratic institutions and depict a world in which the United States intends to overrun the globe, every Western-leaning politician is corrupt, media outlets not of their persuasion are biased, and the future is bleak, hopeless, and full of conflict. In this world, Russia emerges as both the savior and moral authority, the guarantor of political stability and peace.

Despite the similarities and strong rhetoric, pro-Russian sources have no formal links to Russia. Their motives, origins, and organizational and financial structures remain unknown in most cases. To date, efforts by investigative journalists and activists have found no direct proof of Russian involvement.

The lack of transparency is one of their strongest assets, as any accusation of ulterior motives is depicted as an attempt to suppress “alternative opinions” and any challenger is branded “America’s propaganda puppet.” The most important role of new pro-Kremlin media, and especially their social media channels, is that they facilitate vivid platforms where like-minded criticism and discontent can be shared, spread, and amplified.

SECRET RUSSIAN CAMPAIGN

In Europe, Russia’s approach to the manipulation of media and information is on a country-by-country basis, creating separate strategies for different regions and countries, while taking advantage of local infighting and weaknesses. As Ben Nimmo, information defense fellow at the Atlantic Council’s Digital

Forensic Research Lab, pointed out in a paper for the Central European Policy Institute, the Russian propaganda network is sophisticated, utilizing a network of officials, journalists, sympathetic commentators, and internet trolls to deliver its messages. It is also built on the lack of transparency, where the public is unaware that various spokespeople, in fact, work for the Kremlin, Soviet-born British journalist Peter Pomerantsev explained in an interview with Radio Free Europe.

Such is the case in the Czech Republic and Slovakia, where pro-Russian disinformation messages originate from multiple sources that are often supported by and interconnected through pro-Russian public personalities. For example, Radka Zemanová-Kopecká is a founder of the pro-Russian nongovernmental organization Institute of Slavic Strategic Studies, which organized a public discussion in the Czech parliament and a demonstration at Prague Castle. In addition, Zemanová-Kopecká writes articles for Czech pro-Russian websites, Russian-language platforms, is active on social media, and contributes to online discussions in response to articles. Another example is the former Slovakian Prime Minister Ján Čarnogurský, director of the Slovak-Russian Society, who is frequently cited and interviewed by pro-Russian media outlets, such as the Slovak magazine *Zem & Vek* and Czech magazine *Vědomí*. In addition, he writes articles for various websites and has spoken at pro-Russian public discussions.

The frequent and most visible disseminators of the pro-Russian disinformation campaign include numerous pro-Russian websites, informal groups and communities on social media, several printed periodicals, radio broadcasts, and nongovernmental organizations. In addition, these media sources amplify their discourses through extensive social media activity and the organization of public events and gatherings. Examples include a protest that was recently initiated by the Institute of Slavic Strategic Studies, public discussions regularly organized by *Zem & Vek* magazine, and anti-NATO demonstrations supported by the Slovak-Russian Association.

Discussions regarding the pro-Russian disinformation campaign accelerated in February 2015 when anti-corruption activist Juraj Smatana published his “List of 42 websites that intentionally or unintentionally help to spread Russian propaganda in the Czech Republic and Slovakia.” The list continues to grow as more and more like-minded websites are discovered.

redes sociais e participa de discussões on-line em resposta aos seus artigos. Outro exemplo é o do ex-primeiro ministro eslovaco, Ján Čarnogurský, diretor da Sociedade Eslovaca-Russa, frequentemente citado e entrevistado pelos meios de comunicação pró-Rússia, como a revista eslovaca *Zem & Vek* e a revista tcheca *Vědomí*. Além do mais, ele escreve artigos para vários sites na internet e se pronunciou em discussões públicas pró-Rússia.

Os disseminadores mais eminentes e frequentes da campanha pró-Rússia de desinformação incluem muitos sites pró-Rússia, grupos e comunidades informais nas redes sociais, vários jornais impressos, rádio-difusoras e organizações não governamentais. Além disso, essas fontes midiáticas ampliam seus discursos por meio de extensas atividades nas redes sociais e da organização de reuniões e eventos públicos. Exemplos incluem: um protesto que foi iniciado pelo Instituto de Estudos Estratégicos Eslovacos recentemente; discussões públicas organizadas pela revista *Zem & Vek* regularmente; e demonstrações de oposição à OTAN, apoiadas pela Associação Eslovaca-Russa.

As discussões sobre a campanha de desinformação pró-Rússia se aceleraram em fevereiro de 2015, quando Juraj Smatana publicou sua “Lista dos 42 sites que, intencionalmente ou não, auxiliam na difusão da propaganda russa na República Tcheca e na Eslováquia”. A lista continua a crescer, conforme mais e mais sites que defendem opiniões semelhantes são encontrados na Web.

Durante os dois últimos anos, começaram a surgir vários jornais impressos questionáveis. Eles incluem: *Vědomí*, fundado pelo site AC24.cz (que também aparece na lista anteriormente citada) em 2014; *Zem & Vek* que deu início às publicações em 2013; e estações de rádio como a Slobodný Vysieláč (Transmissora Livre), eslovaca, fundada em janeiro de 2013. Enquanto espalham informações que beneficiam a Rússia, seus artigos são frequentemente baseados em teorias de conspiração e uma mistura de fatos, meias-verdades e mentiras imoderadas.

PAÍSES DIFERENTES, PROPAGANDA DIFERENTE

Segundo a ativista russa, Elena Glushko, a guerra de informação ingressou numa nova era em 2013, quando novos tipos de mídia – que alegam nenhuma lealdade à

Rússia – foram adicionadas ao conjunto de ferramentas da guerra de informação russa. Em cada país, tipos diferentes de meios de comunicação estão sendo criados com conteúdo desenvolvido localmente. Consequentemente, pode-se presumir que a mídia pró-Kremlin na República Tcheca e na Eslováquia será, de alguma forma, diferente da mídia pró-Kremlin em outros países europeus.

Quatro dos meios de comunicação tchecos e eslovacos (três dos quais alegam não ter conexão ou ligação direta com a Rússia, mas que aparecem na lista de Smatana) foram analisados, para determinação das narrativas e comparação da similaridade entre os argumentos utilizados por vários disseminadores de mensagens pró-Rússia. As edições de maio de 2015 da *Zem & Vek* e da *Vědomí* e as postagens de abril e maio de 2015 no portal de notícias Aeronet, de idioma tcheco, foram avaliadas. Para realizar a comparação desses meios de comunicação sem vínculos formais com o Kremlin, com os meios de comunicação controlados pelo Kremlin, o grupo de referência incluiu as postagens da Web, de maio de 2015, à filial tcheca da mídia internacional *Sputnik News*, fundada pelo governo da Federação Russa em 2014.

Nos quatro casos, os argumentos e narrativas empregados pelos autores eram similares, senão idênticos, embora os canais sem vínculos com o Kremlin fossem mais diretos na apresentação de suas mensagens antiocidentais e, frequentemente, utilizassem teorias de conspiração, linguagem provocativa e palavras e imagens carregadas de sentimentalismo. No entanto, a agência de notícias Sputnik, tcheca, utiliza um estilo jornalístico mais informativo e descritivo, citando especialistas e fontes oficiais com frequência.

A maioria dessas características comuns se aplica aos sites e às redes sociais pró-Kremlin que surgiram recentemente na região. Entretanto, as novas plataformas pró-Rússia também são caracterizadas por um alto grau de obscuridade – seus motivos, origens e estruturas organizacional e financeira são, na maioria dos casos, desconhecidos.

A função mais importante da mídia pró-Kremlin – especialmente dos canais de mídias sociais – é a disponibilização de plataformas onde criticismo e descontentamento similares possam ser compartilhados, difundidos e amplificados, beneficiando a

Rússia. Seu sucesso é baseado na desconfiança pública, existente e crescente, em relação à mídia predominante e aos políticos tchecos e eslovacos, atormentados pelos escândalos de corrupção, às oligarquias e figuras públicas arrogantes.

Finalmente, o objetivo da desinformação pró-Rússia é reorientar a opinião pública contra o Ocidente e as instituições ocidentais, de acordo com a estratégia “dividir e conquistar” que o Kremlin inflige em toda a Europa, criando um mundo fictício no qual os EUA pretendem dominar o globo e a Rússia emerge como a salvadora e garantidora de estabilidade e paz.

DESINFORMAÇÃO PRÓ-RÚSSIA

A teoria da guerra de informação russa deriva diretamente da *spetspropaganda* (propaganda especial), primeiramente ensinada como disciplina no Instituto Militar de Línguas Estrangeiras da Rússia, em 1942. Esta foi removida do curriculum nos anos noventa e reinstituída no ano 2000. Em um relatório de 2014, para o Instituto da Rússia Moderna, Peter Pomerantsev e Michael Weiss fazem referência ao assalto russo contra a mídia e suas atividades de desinformação, como a utilização da informação como arma, conduzida concomitantemente à utilização do dinheiro e da cultura como armas.

O discurso pró-Rússia já se infiltrou na mídia predominante tcheca e eslovaca. Seu surgimento está correlacionado à crise na Ucrânia; no entanto, muitos canais foram fundados antes de 2014, sugerindo que o estabelecimento do sistema já estaria ocorrendo há anos.

Em 2013, a campanha *Juvenilná Justícia*, ou Justiça Juvenil, uma iniciativa para a proteção de crianças contra a violência, foi descrita pelo site eslovaco pró-Rússia, Stop Auto-Genocídio (Pare o auto-genocídio), como um “sistema multinacional que se apropria de forma brutal e, injustificadamente, tira as crianças de famílias normais e saudáveis. Utilizando a violência física, a autoridade social estatal sequestra crianças de suas casas ou escolas infantis”.

A campanha teve início com um vídeo de 32 minutos no YouTube, que acusava a França, a Alemanha e os países nórdicos da “mais brutal tirania da história da humanidade”. Aparentemente, o vídeo é de origem russa, utiliza o alfabeto cirílico, e faz referências a fontes russas. O relato, acompanhado de uma petição contra tal abuso infantil

Over the last two years, a number of questionable print periodicals began appearing. These included: *Vědomí*, founded by the website AC24.cz (that also appeared on the aforementioned list) in 2014; *Zem & Vek* which began publishing in 2013; and radio stations such as Slovak Free Transmitter, founded in January 2013. While spreading information benefiting Russia, their articles are frequently based on conspiracy theories and a mixture of facts, half-truths, and outright lies.

DIFFERENT COUNTRIES, DIFFERENT PROPAGANDA

According to Russian activist Elena Glushko, the information war entered a new era in 2013, when new types of media — claiming no allegiance to Russia — were added to Russia’s information war toolbox. In each country, different types of media outlets are being invented with content created locally. Therefore, it can be presumed that pro-Kremlin media in the Czech Republic and Slovakia will be somewhat different from pro-Kremlin media in other European countries.

Four Czech and Slovak media outlets (three of which claim no connection or direct link to Russia, but appeared on Smatana’s list) were analyzed to determine narratives and compare the similarity between arguments used by various disseminators of pro-Russian messages. The May 2015 issues of *Zem & Vek* and *Vědomí*, and April and May 2015 postings to the Czech-language news portal Aeronet were evaluated. To compare these forms of media with no formal links to the Kremlin with Kremlin-controlled media, the reference group included May 2015 Web postings to the Czech branch of international media outlet Sputnik News, funded by the government of the Russian Federation in 2014.

In all four cases, the arguments and narratives employed by the authors were similar, if not identical, though outlets with no links to the Kremlin were more straightforward in delivering their anti-Western messages, and often use conspiracy theories, provocative language, and emotionally charged words and pictures. Czech Sputnik News, however,

used a more informative and descriptive journalistic style, often citing experts or official sources.

Most of these common characteristics apply to similar pro-Kremlin websites and social media that have recently emerged in the region. Yet, the new pro-Russian platforms are also characterized by a high level of opaqueness — their motives, origins, and organizational and financial structures are, in most cases, unknown.

The most important role of new pro-Kremlin media — especially the social media channels — is to facilitate platforms where similar criticism and discontent can be shared and, to Russia’s benefit, spread and amplified. Their success is built on existing and growing public distrust toward Czech and Slovak mainstream media and politicians, plagued by corruption scandals, oligarchs, and arrogant public figures.

Finally, the goal of pro-Russian disinformation is to shift public opinion against the West and Western institutions, in line with the “divide and conquer” strategy that the Kremlin pursues throughout Europe, creating a fictitious world in which the United States intends to overrun the globe, and Russia emerges as a savior and guarantor of stability and peace.

PRO-RUSSIAN DISINFORMATION

Russian information warfare theory derives directly from *spetspropaganda* (special propaganda), first taught as a subject at the Russian Military Institute of Foreign Languages in 1942. It was removed from the curriculum in the 1990s and reinstated in 2000. In a 2014 report for the Institute of Modern Russia, Peter Pomerantsev and Michael Weiss refer to Russia’s assault on media and its disinformation activities as the weaponization of information, conducted alongside the weaponization of money and culture.

The pro-Russian discourse has already entered Czech and Slovak mainstream media. Its appearance correlates with the Ukrainian crises; however, many outlets were founded before 2014, suggesting that the system might have been years in the making.

In 2013, the *Juvenilná Justícia*, or Juvenile Justice campaign, an effort to

COMMON CHARACTERISTICS OF THE PRO-KREMLIN MEDIA AND WEBSITES:

Claim no allegiance to Kremlin

Send very similar messages and use similar arguments

Are strongly anti-Western, most frequently targeting the U.S., Ukraine, and the West in general

To a lesser extent, are pro-Kremlin and pro-Putin

Heavily use conspiracy theories, combining facts and half-truths

Have negative undertones, usually depicting moral, economic, political, and social degradation, and predict a bleak future, including the collapse or clash of civilizations

Frequently use loaded language and emotionally charged words, stories, and pictures

Are interconnected and supported by various public personalities that give the campaign credibility and public visibility

Predate 2014, but their rhetoric and activities hardened and intensified with the crises in Ukraine

Características comuns da mídia e sites pró-Kremlin na Web:

.....
Não alegam nenhuma lealdade ao Kremlin
.....

Enviam mensagens muito similares e utilizam argumentos semelhantes
.....

São fortemente antiocidentais, visando mais frequentemente os EUA, a Ucrânia e o ocidente em geral
.....

Em menor grau, são pró-Kremlin e pró-Putin
.....

Utilizam-se muito de teorias de conspiração, combinando fatos com meias-verdades
.....

Apresentam sugestões negativas, geralmente retratando degradação moral, econômica, política e social, prevendo um futuro obscuro, incluindo o colapso ou choque de civilizações
.....

Frequentemente, utilizam linguagem pesada e palavras, histórias e imagens carregadas de sentimentalismo
.....

Estão interconectados e são apoiados por várias figuras públicas, que concedem credibilidade e eminência pública à campanha
.....

Foram estabelecidos antes de 2014, mas sua retórica e atividades aumentaram e se intensificaram com a crise na Ucrânia

fabricado, espalhou-se rapidamente para outros sites na Web, finalmente alcançando a mídia predominante em maio de 2013, quando o canal de TV eslovaca, Markíza, reportou o acontecido.

Um ano depois, protestos em Praga e outros locais contra o presidente tcheco Zeman, um forte apoiador das relações entre a República Tcheca e a Rússia, resultaram em uma campanha similar; os sites pró-Rússia tchecos acusaram falsamente a Embaixada dos EUA em Praga de haver organizado os protestos. A história foi então obtida por outros canais mais respeitados da mídia, o que impeliu o respectivo gabinete do Exterior a, de fato, questionar sobre o envolvimento da embaixada. Tanto a Embaixada dos EUA quanto o organizador do protesto, Martin Píškryl, rejeitaram repetidamente tais alegações falsas.

O assalto contra os meios de comunicação vai além da internet. A Televisão Tcheca (CT, por sua sigla em tcheco), uma difusora televisiva pública, recentemente, alertou sobre o número crescente de reclamações relativas à sua cobertura de notícias estrangeiras. “Esse novo fenômeno tem colocado pressão sobre o nosso departamento de relações exteriores”, observou, em abril de 2015, Michal Kubal, diretor do departamento editorial de notícias estrangeiras da CT. “Aparentemente, alguém está tentando,

propositalmente, buscar erros cometidos pela CT, que estejam de acordo com a propaganda russa – você não precisa confiar no Kremlin, basta duvidar de todos.”

RECOMENDAÇÕES

Aqui são apresentadas algumas ações que os países europeus podem realizar para enfraquecer as iniciativas da propaganda russa:

- Mapear o impacto da opinião pública. Para avaliar, adequadamente, a eficácia das campanhas pró-Rússia, é necessário estudar as mudanças de sentimento, regularmente, por meio de pesquisas de opinião, enquetes e estudos destinados às instituições e setores democráticos que são visados mais frequentemente.
- Desconstruir e expor a campanha pró-Rússia. Para entender de forma adequada e expor o sistema publicamente, um esforço maior deve ser empregado na pesquisa de seus vários aspectos, especialmente revelando suas estruturas, personalidades e antecedentes.
- Informar os cidadãos. As iniciativas que visam a expor as técnicas de propaganda, como um novo livro escolar da organização não governamental eslovaca, Instituto dos Direitos Humanos, deve receber



apoio. Além disso, uma campanha pública deve ser introduzida mostrando como a desinformação e a propaganda operam e como os métodos de divulgação de tais informações para um público mais amplo podem ser desenvolvidos.

- Refutar e explicar, com frequência, os argumentos utilizados. Reclamações como “o Ocidente também faz uso de propaganda” ou “o mundo está desmoronando” devem ser refutadas e desacreditadas rapidamente.
- Conceder o status de ciência acadêmica à “segurança de informação”. Instituições tchecas, eslovacas e outras instituições europeias de educação superior, *think tanks* e instalações do governo devem desenvolver capacidades analíticas e apoiar pesquisas sobre como a informação, a internet e a propaganda podem ser utilizadas para alcançar os objetivos das políticas internacionais. ①

Esta é a versão condensada de uma pesquisa publicada pelo Instituto de Estudos sobre Segurança de Praga, em junho de 2015.

Sede da Radio Free Europe/ Radio Liberty em Praga

Headquarters of Radio Free Europe/
Radio Liberty in Prague



protect children from violence, was described by the Slovak pro-Russian website Stop Auto-Genocide as a “multinational system that brutally steals and unjustifiably takes children away from normal and healthy families. Using physical violence, the state social authority abducts children from their homes or schools.”

The campaign started with a 32-minute-long YouTube video that accused France, Germany, and Nordic countries of “the most brutal tyranny in human history.” The video appeared to be of Russian origin, using the Cyrillic alphabet and referring to Russian sources. The story, coupled with a petition against this fabricated child abuse, soon spread to other websites and finally reached the mainstream media in May 2013 when the Slovak TV station Markíza reported on it.

A year later, protests in Prague and elsewhere against Czech President Milos Zeman, a strong supporter of Czech-Russian relations, resulted in a similar campaign. Pro-Russian Czech websites falsely accused the U.S. Embassy in Prague of organizing the demonstrations. The story was then picked up by some more respected media, which prompted the respective foreign ministries to actually inquire about the embassy’s involvement. Both the U.S. Embassy and the protest’s organizer, Martin Příkryl, repeatedly refuted these false claims.

The media assault goes beyond the internet. Czech Television (CT), a public television broadcaster, recently warned about an increased number of complaints regarding its foreign news coverage. “This new phenomenon is placing pressure on our foreign affairs department,” Michal Kubal, head of CT’s foreign news editorial department, observed in April 2015. “It appears that somebody is purposefully trying to search for errors made by CT that fall in line with Russian propaganda — you don’t have to trust the Kremlin, just don’t trust anybody.”

RECOMMENDATIONS

Here are some things that European countries can do to weaken Russian propaganda efforts:

- Map the impact on public opinion. To properly assess the effect of pro-Russian campaigns, it is necessary to study changes of sentiment through regular opinion polls, surveys, and studies directed at sectors and democratic institutions that are most frequently targeted.
- Deconstruct and expose the pro-Russian campaign. To properly understand and publicly expose the system, more effort should be invested in researching its various aspects, especially uncovering its structures, personalities, and backgrounds.
- Educate civilians. Initiatives that seek to expose propaganda techniques, such as a new school textbook by the Slovak nongovernmental organization Human Right Institute, should be supported. In addition, a public campaign should be introduced showing how disinformation and propaganda operate, and how methods to deliver such information to the broader public can be developed.
- Rebut and explain frequently used arguments. Complaints such as “the West also uses propaganda” or “the world is collapsing” should be quickly rebutted and discredited.
- Give “information security” the status of an academic science. Czech, Slovak, and other European institutions of higher education, think tanks, and government facilities should develop analytical capabilities and support research on how information, the internet, and propaganda can be used to achieve foreign policy goals. ①



OS DESASTRES
OCORREM
REPENTINAMENTE.

AGORA
AGÊNCIAS
JÁ PODEM
RESPONDER DE
FORMA **MAIS**
RÁPIDA A ELES



ALGUMAS DAS REGIÕES MAIS PROPENSAS A DESASTRES DO MUNDO ESTÃO UTILIZANDO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PONTA PARA AJUDAR NA EMISSÃO DE ALERTAS E NA REDUÇÃO DO RISCO DE DESASTRES.

CENTRO DE DESASTRES DO PACÍFICO

Enquanto os eventos climáticos extremos e desastres ocasionados por seres humanos continuam a causar um enorme sofrimento em pessoas de todo o mundo, o Centro de Desastres do Pacífico (PDC, por sua sigla em inglês) está usando a ciência e a tecnologia para ajudar os países das Américas Central e do Sul, e do Caribe a enfrentarem os maiores desafios — representados pelos desastres — de nossa época. Por meio de parcerias com o Comando Sul dos EUA (SOUTHCOM) e nações em toda a região, o PDC está realizando pesquisas científicas, facilitando o compartilhamento de dados interagências e provendo ferramentas para a avaliação de riscos, preparação, resposta e recuperação, com a utilização de sua plataforma de tecnologia DisasterAware.

“A DisasterAware disponibiliza uma quantidade nunca vista de dados confiáveis e em tempo real, bem como as mais avançadas ferramentas de análise preditiva para ajudar as autoridades a evitarem as catástrofes e salvarem vidas”, disse o diretor executivo do PDC, Ray Shirkhodai, acrescentando que o objetivo do centro é auxiliar as nações de todo o mundo a utilizarem a ciência e a tecnologia para proteger pessoas e propriedades, bem como fornecer apoio para que se alcance a prosperidade econômica.

DISASTERS HAPPEN FAST, AGENCIES CAN NOW RESPOND FASTER

**SOME OF THE MOST DISASTER-
PRONE REGIONS IN THE WORLD
ARE USING CUTTING-EDGE
SCIENCE AND TECHNOLOGY TO
AID WITH EARLY WARNING AND
DISASTER RISK REDUCTION.**

PACIFIC DISASTER CENTER

As extreme weather events and human-induced disasters continue to cause immense human suffering around the world, the Pacific Disaster Center (PDC) is leveraging science and technology to help nations throughout Latin America and the Caribbean tackle the biggest disaster challenges of our time. Partnering with U.S. Southern Command (SOUTHCOM) and nations throughout the region, PDC is conducting scientific research, facilitating interagency data-sharing, and offering tools to assess risk, preparedness, response, and recovery using its DisasterAware technology platform.

“DisasterAware offers an unprecedented amount of reliable, real-time data and the most advanced predictive analysis tools to help decision-makers avoid catastrophes and save lives,” said PDC’s Executive Director, Ray Shirkhodai, adding that the center’s goal is to help nations throughout the world use science and technology to protect people, property, and support economic prosperity.

COMPROMETIMENTO COM A MISSÃO

Comprometido com sua missão, o PDC tem estado presente e apoiado as atividades de resposta em quase todos os desastres de grandes proporções, por mais de 20 anos. Quando o furacão Matthew — um dos mais letais do Atlântico, em mais de uma década — foi detectado pela primeira vez, em setembro de 2016, o centro começou a oferecer apoio 24 horas a entidades civis e militares na Jamaica, no Haiti, na República Dominicana, nas Bahamas e nos Estados Unidos. Nos dias que precederam o furacão, o PDC concentrou-se em providenciar às equipes civis e militares de ajuda para desastres o acesso instantâneo a informações essenciais, por intermédio da DisasterAware. O centro compartilhou mais de 1.500 produtos de consciência situacional com os tomadores de decisão, permitindo que os profissionais que se encontravam no caminho da tempestade antecipassem os impactos, de forma rápida e fácil, e planejassem, efetivamente, a resposta e a recuperação.

À medida em que as condições climáticas severas e tempestades devastadoras continuam a atingir todo o Caribe, o PDC está contribuindo não só com respostas, mas também com a atenuação proativa dos desastres, em países como a Jamaica e as Bahamas. O centro concluiu, recentemente, uma Avaliação Nacional de Referência para Preparação no Caso de Desastres (NDPBA, por sua sigla em inglês), em parceria com a Jamaica — provendo uma avaliação detalhada e plurianual de pesquisa a fim de identificar os riscos e as vulnerabilidades, bem como avaliar as capacidades de gestão de desastres. Nas Bahamas, o PDC tem estado envolvido em treinamento por quase seis anos, com o propósito de contribuir para o desenvolvimento da capacidade nacional de atenuação, preparação, resposta e recuperação de desastres.

HABILIDADE DE FORNECER APOIO EM CASOS DE DESASTRES

Além de sua habilidade de fornecer apoio em casos de desastres, como o furacão Matthew, as capacidades do centro se estendem para além dos eventos desencadeados pela mãe natureza. Mesmo antes de a Organização Mundial de Saúde ter declarado, pela primeira vez, que a doença causada pelo vírus Zika, que é transmitido por mosquitos, era uma epidemia mundial de saúde, o PDC começou a mapear, usando a DisasterAware, informações em tempo real, disponibilizadas pelos órgãos de saúde, mostrando as áreas mais afetadas pelo vírus e as regiões mais vulneráveis à sua propagação. Durante a época das Olimpíadas de 2016, no Rio de Janeiro — quando um surto significativo estava se instalando na região —, o PDC compartilhou as informações sobre o Zika, na DisasterAware, com as equipes de saúde pública e de emergência a fim de permitir que conduzissem suas próprias análises de áreas com grande volume de chuvas, centros urbanos populosos e áreas em que houvesse água parada, onde atividades de extermínio e de sensibilização em saúde pública fossem, provavelmente, mais eficazes. Também previu a propagação do vírus por meio de visualizações que mostravam onde as condições eram mais favoráveis à infestação por mosquitos. Fazendo avançar ainda mais o seu trabalho, o

PDC elaborou mapas com detalhes sobre a localização dos hospitais e acesso público aos serviços de saúde e também trabalhou com os órgãos governamentais para avaliar as políticas que poderiam ajudar a melhorar as capacidades de resposta durante futuros surtos.

Embora seu trabalho para auxiliar os órgãos de saúde pública a lidar com o surto de Zika tenha atraído a atenção da mídia durante as Olimpíadas no Rio, o centro também apoiou, simultaneamente, projetos menos conhecidos para ajudar os órgãos de segurança pública a reforçarem suas medidas de segurança. Quando os turistas inundaram a cidade, o PDC ajudou os órgãos governamentais a integram câmeras ao vivo e conteúdos gerados por usuários de mídias sociais às suas plataformas de apoio à tomada de decisões. Estas configurações personalizadas propiciaram o monitoramento contínuo de instalações e espaços públicos a parceiros domésticos e internacionais que estavam garantindo a segurança no local — protegendo atletas e espectadores de potenciais ameaças.

A EXPERIÊNCIA DAS OLIMPIADAS RIO 2016

Eliezer Serrano Jr., gerente sênior de fusão de dados do Centro de Operações Conjuntas do SOUTHCOM, declarou que “o apoio do PDC na região de atuação do Comando Sul e seu comprometimento com a promoção da segurança pública foram incessantes durante as Olimpíadas Rio 2016. As configurações personalizadas que ele proveu à DisasterAware aumentaram sobremaneira nossa consciência situacional e ofereceram uma profusão de dados úteis e de informações sobre monitoramento de segurança. As mídias sociais, câmeras de rua, relatórios sobre a situação militar vigente de determinadas áreas e locais dos eventos encontravam-se entre os elementos mais úteis”. Ele continuou dizendo: “nos dias que antecederam os jogos e durante a explosão de visitantes, a DisasterAware forneceu relatórios atualizados sobre a situação, os quais eram inseridos diariamente no produto, criando um quadro operacional comum entre parceiros como o Consulado dos EUA, o Centro Internacional de Coordenação Policial, o Departamento de Estado Americano, a Equipe de Consciência Situacional Comando de Operações Especiais (Sul), o Centro de Operações de Emergência da cidade do Rio de Janeiro e o Centro de Operações Conjuntas e Expandidas do SOUTHCOM”.

Visto que a DisasterAware oferece ferramentas analíticas e dados para uma gama tão ampla de ameaças, a entidade fornece um apoio contínuo de treinamento a fim de ajudar os órgãos governamentais a tirarem o máximo proveito de suas capacidades. Oficinas, treinamentos e exercícios baseados em cenários são oferecidos aos órgãos de gestão de desastres, órgãos de saúde pública, forças armadas estrangeiras e unidades militares americanas, como o SOUTHCOM. O treinamento especializado do centro ajuda seus parceiros a praticarem a resolução de problemas da vida real, com a utilização da tecnologia da DisasterAware. Por intermédio de workshops e exercícios, as equipes civis e militares

COMMITMENT TO THE MISSION

Committed to its mission, PDC has been present and supporting response efforts for nearly every major disaster for 20 years. When Hurricane Matthew, one of the deadliest Atlantic hurricanes in over a decade, was first detected in September 2016, the center began providing 24-hour support to civilian and military agencies within Jamaica, Haiti, Dominican Republic, the Bahamas, and the United States. In the days leading up to the event, PDC focused on providing civilian and military disaster relief teams with instantaneous access to critical information through DisasterAware. The center shared over 1,500 situational awareness products with decision makers, allowing professionals along the storm's path to quickly and easily anticipate impacts and plan effectively for response and recovery.

As severe weather and devastating storms continue throughout the Caribbean, PDC is aiding not only with response, but with proactive mitigation of disasters in countries like Jamaica and the Bahamas. The center recently completed a National Disaster Preparedness Baseline Assessment (NDPBA) in partnership with Jamaica, providing an in-depth, multi-year research assessment to identify risks and vulnerabilities and evaluate disaster management capacities. Within the Bahamas, PDC has been engaged in training for nearly six years to help build national capacity in disaster mitigation, preparedness, response, and recovery.

ABILITY TO SUPPORT DISASTERS

Remarkable in its ability to support disasters like Hurricane Matthew, the center's capabilities stretch well beyond events spurred by Mother Nature. Even before the World Health Organization first declared the mosquito-borne Zika virus to be a worldwide health epidemic, PDC began mapping real-time information provided by health agencies into DisasterAware, showing areas most affected by the virus and regions most vulnerable to its continued spread. During the time of the 2016 Olympics in Rio De Janeiro when an explosive outbreak was taking hold of the region, PDC shared Zika information in DisasterAware with public health and emergency teams to enable them to conduct their own analyses of areas with heavy rainfall, populated urban centers, and areas with standing water where extermination efforts and public health outreach were likely to be most effective. It also projected the spread of the virus through visualizations that depicted where conditions were most favorable to mosquito infestation. Pushing its work a step further, PDC produced maps detailing the location of hospitals, public access to health services, and worked with government agencies to assess policies that could help improve response capabilities during a future outbreak.

Although its work to assist public health agencies with the Zika outbreak attracted media attention during the Rio Olympics, the center was also simultaneously supporting lesser-known projects to aid public safety agencies with heightened security measures. As visitors flooded into the city, PDC helped agencies integrate live camera feeds and

user-generated content from social media into its decision-support platform. These customizations provided around-the-clock monitoring of public spaces and facilities to national and international partners who were securing safety on the ground—protecting athletes and spectators from potential threats as they might unfold.

THE 2016 RIO OLYMPICS EXPERIENCE

Eliezer Serrano Jr., the lead data fusion manager with SOUTHCOM's Joint Operations Center said, "PDC's support in the SOUTHCOM region and its commitment to promote public safety were unfailing during the 2016 Rio Olympics. The customizations it provided to DisasterAware greatly enhanced our situational awareness and offered an abundance of useful data and safety monitoring information. Social media, street cameras, situation reports (SITREPS), and venue locations were among the most useful features." He continued by saying, "In the days before the Games, and throughout the visitor surge, DisasterAware provided up-to-the-minute SITREPS posted daily into the product, creating a common operating picture among partners like the U.S. Consulate, the International Police Coordination Center (IPCC), the Department of State, the SOCSOUTH Situation Awareness Team (SSAT), the City of Rio Emergency Operations Center (EOC), and SOUTHCOM's Emergency Joint Operations Center (EJOC)."

Given that DisasterAware offers analytical tools and data for such a wide range of hazards, the agency provides continuous training support to help agencies make the most of its capabilities. Workshops, training, and scenario-based exercises are offered to disaster management agencies, public health agencies, foreign military, and U.S. military organizations such as SOUTHCOM. The center's expert training helps partners to practice solving real world problems using DisasterAware technology. Through workshops and exercises, civil and military disaster relief teams can validate that national disaster preparedness plans work and that everyone understands their specific roles. Within SOUTHCOM, PDC offers training annually for Fuerzas Aliadas Humanitarias and TRADEWINDS, and has worked with the command to ensure the success of other exercises over the years. Planners, controllers, and participants with SOUTHCOM use DisasterAware tools and features to conduct exercises at multiple levels including tabletop exercises, command post exercises, and field training exercises.

Perhaps most significant about PDC and SOUTHCOM's joint collaboration is their work with countries in the region to enhance existing disaster management capabilities through the NDPBA program. The program is a multi-year effort helping nations scientifically evaluate disaster management capabilities while fostering interagency collaboration in support of national disaster management goals. Examining key elements of disaster risk reduction, disaster management organizations and foreign military partners work together with PDC and SOUTHCOM to exchange knowledge, identify strengths and gaps in existing

de ajuda para desastres podem confirmar a eficácia dos planos de preparação para desastres nacionais e todos podem se tornar cientes de suas funções específicas. Dentro do SOUTHCOM, o PDC tem oferecido treinamentos anuais às Forças Aliadas Humanitárias e ao exercício TRADEWINDS, e tem trabalhado com o Comando para garantir o sucesso de outros exercícios ao longo dos anos. Os planejadores, controladores e participantes do SOUTHCOM utilizam as ferramentas e os elementos da DisasterAware para realizar exercícios em vários níveis, como por exemplo: exercícios de simulação, exercícios de postos de comando e exercícios de campanha.


Talvez o fato mais interessante acerca da colaboração conjunta entre o SOUTHCOM e o PDC seja seu trabalho, com os países da região, para aprimorar as capacidades existentes de gestão de desastres por meio do programa da NDPBA. O programa é uma iniciativa plurianual que tem

ajudado as nações a avaliarem, cientificamente, as capacidades de gestão de desastres e promovido a colaboração interagências em apoio aos objetivos de gestão de desastres nacionais. O exame de elementos importantes da redução do risco de desastres, de organizações de gestão de desastres e parceiros militares estrangeiros dentro dos países, age em conjunto com o PDC e o SOUTHCOM para o intercâmbio de conhecimentos, a identificação dos pontos fortes e fracos nos programas existentes, a avaliação do apoio institucional e das restrições de financiamento, além da criação de um modelo comum de desenvolvimento e investimentos em programas em andamento. Até o momento, as atividades do programa de NDPBA já foram concluídas no Peru, em El Salvador e na Jamaica. Neste momento, os projetos em Honduras, na Guatemala, na República Dominicana e na Nicarágua estão em andamento, e outros países estão sendo priorizados.



PARCERIAS

As parcerias entre o PDC, o SOUTHCAM, as forças armadas estrangeiras e os órgãos de ajuda para desastres, na América Latina e no Caribe, remontam a 2002, quando foi lançado pela primeira vez o ‘Sistema Integrado de Apoio à Tomada de Decisões’. Desde aquela época, o PDC tem tomado a dianteira com relação à tecnologia a fim de inovar o sistema de alerta antecipado mais abrangente e confiável do mundo. Suas informações sobre desastres estão sendo utilizadas por órgãos locais, estaduais, federais e internacionais, entre eles as agências governamentais dos EUA (os departamentos de Defesa, de Estado, de Segurança Nacional, dos Serviços Humanos e de Saúde, a NASA etc.), por equipes militares estrangeiras envolvidas com assistência humanitária e ajuda a desastres, por órgãos das Nações Unidas (o Escritório para a Coordenação de Assuntos Humanitários da ONU e a Organização Internacional de Energia Atômica), por organizações regionais (Associação das Nações do Sudeste Asiático, a Agência Caribenha para a Gestão de Emergências em Casos de Desastres do Caribe etc.) e por inúmeros órgãos governamentais estrangeiros de gestão de desastres nacionais em todo o mundo. O centro realizou diversos projetos, em âmbito mundial, para ajudar as nações a atenuarem os desastres, reduzirem os riscos e auxiliarem na canalização de recursos humanitários para as populações mais vulneráveis durante as épocas de crise.

A plataforma DisasterAware tem ajudado pessoas e comunidades a permanecerem a salvo, em qualquer hora ou lugar ao redor do mundo, sendo utilizada, atualmente, por cerca de 2 milhões de pessoas, inclusive organizações públicas e civis, bem como organizações militares estrangeiras e americanas. A DisasterAware provê aos profissionais um aplicativo móvel baseado na web, público e gratuito, bem como um sistema de informações sobre desastres. Para saber mais a respeito do Centro de Desastres do Pacífico ou de seus produtos, ou ver como funciona, visite www.pdc.org. 

O PDC treinou especialistas em administração de desastres sobre o uso do DisasterAware, na Nicarágua.

O PDC treinou especialistas em administração de desastres sobre o uso do DisasterAware, na Nicarágua.


PDC provided training on DisasterAware to local disaster management specialists in Nicaragua.

FOTO: PDC

programs, assess institutional support and funding constraints, and create a common framework for ongoing program development and investments. So far, NDPBA activities have already been completed in Peru, El Salvador, and Jamaica. Projects in Honduras, Guatemala, Dominican Republic, and Nicaragua are currently in progress, and prioritization of additional countries is underway.

PARTNERSHIPS

The partnership between PDC, SOUTHCAM, foreign militaries, and disaster relief agencies within Latin America and the Caribbean spans back to 2002 when PDC and SOUTHCAM first launched the ‘Integrated Decision Support System’. Since that time, PDC has taken the technology lead to innovate the most comprehensive and reliable early warning system in the world. Its disaster information is being used by local, state, federal, and international agencies including U.S. government agencies [the U.S. Departments of Defense, State, Homeland Security, Health and Human Services, National Aeronautics and Space Administration, etc.], foreign military teams involved with humanitarian assistance and disaster relief, United Nations agencies [such as the Office for the Coordination of Humanitarian Affairs, and the International Atomic Energy Agency], regional organizations [such as the Association of Southeast Asian Nations, Caribbean Disaster Emergency Management Agency, etc.], and numerous foreign government national disaster management agencies around the globe. The center has undertaken numerous projects worldwide to help nations mitigate disasters, reduce risks, and help direct humanitarian resources to the most vulnerable populations during times of crisis.

The DisasterAware platform is currently used by nearly two million people—including public, civil, U.S. and foreign military organizations—helping people and communities stay safe anytime, everywhere around the world. DisasterAware powers a free public web application and mobile application as well as a disaster information system for professionals. To learn more about Pacific Disaster Center, its products, or to see it in action, visit www.pdc.org. 



Estados Unidos reforçam parcerias em Belize e na República Dominicana, um tijolo de cada vez

Militares, ONGs e outras entidades civis trabalharam lado a lado durante os exercícios de assistência humanitária e cívica *Novos Horizontes e Além do Horizonte de 2017*

Tatiana Escudero
Divisão J7/9 de Exercícios e Assuntos de Coalizão do
Comando Sul dos EUA

Desde a década de 1980, o Comando Sul dos Estados Unidos (SOUTHCOM), por meio das Forças Aéreas Sul (AFSOUTH) e do Exército Sul dos EUA (ARSOUTH), tem patrocinado os exercícios militares estrangeiros conjuntos de assistência humanitária e cívica Novos Horizontes e Além do Horizonte (New Horizons e Beyond the Horizon), nas Américas Central, do Sul e no Caribe. Durante estes exercícios, militares americanos trabalham ao lado de diversas organizações governamentais, não governamentais (ONGs) e do setor privado para treinar conjuntos de aptidões em operações civis militares, ao mesmo tempo em que fornecem assistência médica gratuita e apoio de engenharia às populações locais.

Novos Horizontes 2017

A missão Novos Horizontes 2017 foi realizada nas províncias de Azua, San Juan de la Maguana e Elias Piña, na República Dominicana, entre março e julho de 2017. Na República Dominicana, o exercício realizou quatro projetos de engenharia: a construção de três clínicas, em Hato Nuevo Cortez, Corbano Norte e Corbano Sur, e uma escola vocacional, em Arroyo Cano. Os membros das forças armadas realizaram outras seis missões médicas, que iam desde medicina geral a cirurgias especializadas e assistência odontológica, quando foram tratados mais de 11.000 pacientes.

Além dos projetos de engenharia e da participação de equipes médicas, os responsáveis pelos Assuntos Cívicos da Força-Tarefa New Horizons 2017 coordenaram uma série de eventos comunitários em conjunto com o governo da nação anfitriã e o SOUTHCOM, tais como assistência médica, educação e iniciativas esportivas.

Uma das mais importantes iniciativas esportivas durante a missão foi uma oficina de beisebol, realizada em San Juan de la Maguana. Os aviadores da Força-Tarefa New Horizons 2017 e ex-jogadores das Grandes Ligas de Beisebol dos Estados Unidos serviram voluntariamente, oferecendo seu tempo para ensinar técnicas deste esporte a mais de 200 crianças. A colaboração entre ONGs e membros dos setores privado e acadêmico foi fundamental para o sucesso do evento. Mais de 400 membros da comunidade desfrutaram de refeições quentes, bebidas e lanches, e receberam doações de kits de higiene e equipamentos de beisebol, doados pela Câmara Americana de Comércio da República Dominicana e das ONGs Food for the Hungry e Operation Smile (Operação Sorriso).

Além do Horizonte 2017

A missão Além do Horizonte 2017 foi realizada nos estados de Ladyville, San Ignacio e Dangriga, Belize, durante o mesmo período da Novos Horizontes. Este exercício envolveu seis projetos de engenharia e três colaborações médicas, de modo a incluir a construção de duas clínicas rurais, o Centro de Saúde Double

U.S. Strengthens Partnerships in Belize and Dominican Republic

One Block at a Time

Military personnel, Nongovernmental Organizations (NGO), and other civilian entities worked side-by-side during New Horizons and Beyond the Horizon 2017 humanitarian and civic assistance exercises.

Tatiana Escudero
J7/9, Exercises and Coalition Affairs Directorate
U.S. Southern Command

Since the 1980s, U.S. Southern Command (SOUTHCOM), through Air Forces Southern (AFSOUTH) and U.S. Army South (ARSOUTH), has sponsored joint foreign military humanitarian and civic assistance exercises New Horizons and Beyond the Horizon in Central and South America, and the Caribbean. During these exercises, U.S. troops work alongside a number of governmental, nongovernmental, and private sector organizations to train in civil-military operation skills sets, while providing free medical care and engineering support to local populations.

New Horizons 2017

The New Horizons 2017 mission took place in the provinces of Azua, San Juan de la Maguana, and Elias Piña, Dominican Republic, between the months of March and July 2017. In the Dominican Republic, the exercise conducted four engineering projects: the construction of three clinics in Hato Nuevo Cortez, Corbano Norte, and Corbano Sur, and one vocational school in Arroyo Cano. Military members conducted an additional six medical missions ranging from general medicine to specialty surgeries and dental care that treated over 11,000 patients.

In addition to engineering projects and medical engagements, New Horizons 2017 Task Force's Civil Affairs planners coordinated a number of community events in conjunction with the host nation's government and SOUTHCOM, to include health care, education, and sports initiatives.

One of the largest sports initiatives during the mission was a baseball clinic held in San Juan de la Maguana. New Horizons

A Capitã do Exército dos EUA, Emily Smith, durante uma consulta gratuita em Ladyville, Belize, parte do exercício Além do Horizonte 2017.

U.S. Army Captain Emily Smith listens to the heart of a young girl during a free medical event held in Ladyville, Belize, as a part of Beyond the Horizon 2017.



U.S. ARMY STAFF SGT. FREDRICK VARNLEY



U.S. AIR FORCE MAJSTER SGT. KAREN J. TOMASKI

A Coronel da Força Aérea dos EUA, Dana James, conversa com tradutores voluntários da ONG Sanar una Nación ao final do exercício Novos Horizontes 2017 em Azua, República Dominicana.

U.S. Air Force Colonel Dana James talks with volunteer translators from NGO *Sanar una Nación* at the end of New Horizons 2017, in Azua, Dominican Republic.



TATIANA ESCUDERO, SOUTHCOM J7/9

Ex-jogadores da liga profissional de baseball dos EUA ensinam técnicas deste esporte a crianças em San Juan de la Maguana, República Dominicana, durante o exercício Novos Horizontes 2017.

Former Major League Baseball players teach baseball techniques to local children in San Juan de la Maguana, Dominican Republic, during the New Horizons 2017 exercise.

Head Cabbage e a Policlínica Ladyville, uma expansão de uma sala de emergência, a construção de uma área para ambulâncias, a instalação de um novo incinerador médico para o Hospital Western Regional e o acréscimo de uma sala de aulas na Escola do Governo de Saint Matthews. Durante as colaborações médicas, as equipes trataram mais de 17.000 pacientes.

Da mesma maneira que a New Horizons 2017, os projetos de engenharia trarão um impacto positivo e melhorarão as vidas de milhares de famílias locais.

A Divisão J7/9 de Cooperação Público-Privada e de Exercícios e Assuntos Conjuntos do SOUTHCOM colaborou com mais de 40 organizações não-governamentais locais e internacionais, além de empresas e instituições acadêmicas no suprimento de materiais médicos e escolares às novas instalações de Belize e da República Dominicana, e no fornecimento de serviços essenciais de interpretação durante as inúmeras colaborações médicas.

Instituições acadêmicas locais e internacionais forneceram mais de 100 alunos de medicina voluntários para atuarem como intérpretes durante as missões médicas a fim de ajudar as equipes americanas.

As organizações locais e internacionais continuam a ser fundamentais para o sucesso das missões Novos Horizontes e Além do Horizonte. As organizações locais propiciam o sucesso a longo prazo e a manutenção das novas clínicas e escolas após o término de sua construção. Ao proporcionarem uma assistência de acompanhamento com a manutenção, a conservação das instalações e o treinamento de pessoal, os grupos do setor privado garantem que as novas instalações tenham um impacto positivo e de longa duração para a comunidade local.

Se estiver interessado em participar dessas missões ou se quiser encontrar mais informações sobre esses projetos ou qualquer outro projeto de assistência humanitária que o Comando Sul dos Estados Unidos tenha planejado para 2018, entre em contato com: southcom.miami.scj9.mbx.omb-pt-ppc-offers@mail.mil ou envie uma mensagem no Facebook em www.facebook.com/southcomppc.

2017 Task Force Airmen and former Major League Baseball players volunteered their time to teach baseball techniques to over 200 local children. The collaboration of NGOs, private sector, and academia were key in the success of the baseball clinic. Over 400 community members enjoyed hot meals, beverages, snacks, and received donations of hygiene kits and baseball equipment donated by members of the American Chamber of Commerce of the Dominican Republic, and NGO's Food for the Hungry, and Operation Smile.

Beyond the Horizon 2017

The mission, Beyond the Horizon 2017, took place in the departments of Ladyville, San Ignacio, and Dangriga, Belize, during the same timeframe as New Horizons 2017. This exercise involved six engineering projects and three medical engagements, to include the construction of two rural clinics, the Double Head Cabbage Health Center and Ladyville Polyclinic, an emergency room expansion, construction of an ambulance bay, installation of a new medical incinerator for Western Regional Hospital, and a classroom addition at Saint Matthews Government School. During the medical engagements, the medical teams treated over 17,000 patients.

Similar to New Horizons 2017, the engineering projects will positively impact and enhance the lives of thousands of underserved local families. SOUTHCOM J7/9 Exercises and Coalition Affairs' Public Private Cooperation Division collaborated with over 40 local and international NGOs, businesses, and academic institutions in provisioning the new facilities in Belize and Dominican Republic with essential medical and school supplies, and provided crucial support with interpretation services during the various medical engagements. Local and international academic institutions have provided over 100 medical student volunteers to serve as interpreters during the medical missions to assist U.S. medical team doctors.

Local and international organizations are key to the success of the New Horizons and Beyond the Horizon missions. Local organizations provide long-term success and sustainment of the new clinics and schools upon completion. By providing follow-up assistance with maintenance, upkeep of facilities, and training of personnel, the public and private sector groups ensure the new facilities will have a positive, long-lasting impact on the local community for years to come.

If you are interested in participating in these missions, or finding out more information about these projects or any other humanitarian assistance project U.S. Southern Command has planned for 2018, please contact: southcom.miami.scj9.mbx.omb-pt-ppc-offers@mail.mil or send a message on Facebook www.facebook.com/southcomppc.



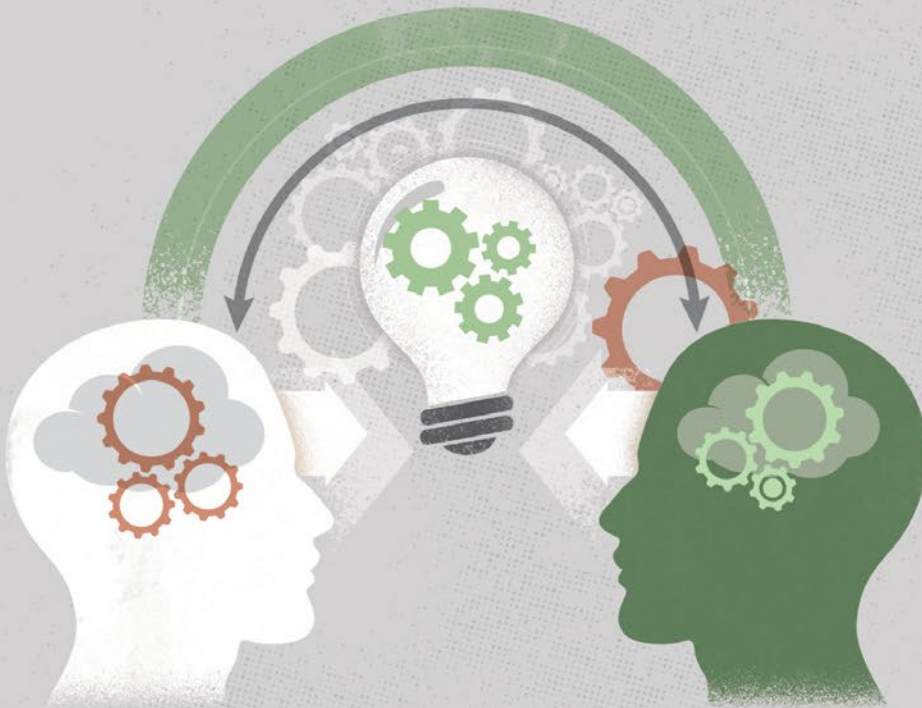
U.S. ARMY PRIVATE 1ST CLASS AUDREY WARD

Alunos da escola estadual St. Matthews interpretam um número de dança folclórica no dia 12 de junho de 2017, durante a cerimônia inaugural de expansão desta instituição de ensino. O novo prédio foi construído como parte do exercício militar Além do Horizonte 2017, em St. Matthews, Belize.

Students of St. Matthews Government School perform a Creole dance during the ribbon cutting ceremony for the new classroom building expansion in St. Matthews, Belize, on June 12, 2017. The new building was constructed as a part of Beyond the Horizon 2017.

VAMOS COMPARTILHAR CONHECIMENTO

Diálogo é uma revista oferecida de maneira gratuita a militares e outros profissionais do setor de segurança nas Américas do Sul, Central, e no Caribe.



CONTRIBUA COM *DIÁLOGO*

Envie suas sugestões, e-mails, artigos e fotos para a redação da *Diálogo*: contact@dialogo-americas.com

PAUTAS

- De preferência, enviar conteúdo em seu idioma natal. *Diálogo* fará as traduções.
- Os artigos não devem ter mais de 1.200 palavras.
- Por favor, inclua uma breve biografia e informação de contato com cada material enviado.
- As fotos devem ter pelo menos 1 megabyte.

DIREITOS

Os autores mantêm todos os direitos sobre o material original fornecido para publicação, no entanto, *Diálogo* se reserva o direito de editar os artigos de acordo com suas normas editoriais. O envio de material não garante sua publicação. Ao enviar um artigo ou foto para *Diálogo*, o autor aceita essas condições.

SHARING KNOWLEDGE

Diálogo is a magazine provided free of charge to those associated with security matters in Central America, South America, and the Caribbean.

CONTRIBUTE TO *DIÁLOGO*

Send all story ideas, e-mails, articles, and photos to *Diálogo's* editorial staff at contact@dialogo-americas.com

SUBMISSION TIPS

- Content submitted in your native language is preferred. *Diálogo* will provide translation.
- Articles should not exceed 1,200 words.
- Please include a short biography and contact information with each submission.
- Photo file size should be at least 1 megabyte.

RIGHTS

Authors retain all rights to their original material. However, *Diálogo* reserves the right to edit articles to meet space and style requirements. Article submission does not guarantee publication. By contributing to *Diálogo*, you agree to these terms.

SUBSCRIBE TO OUR WEBSITE FOR FREE

<https://dialogo-americas.com/en/receive-enews>

ASSINE NOSSA REVISTA DIGITAL GRATUITAMENTE

<https://dialogo-americas.com/pt/assine-o-revista>